

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - CAMPUS SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO
HUMANA

DIANA SIQUEIRA LIBERATTI

CHARGES NA PANDEMIA:
SUBJETIVIDADE E CONDIÇÃO HUMANA

SOROCABA – SP

2022

DIANA SIQUEIRA LIBERATTI

**CHARGES NA PANDEMIA:
SUBJETIVIDADE E CONDIÇÃO HUMANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba, para obtenção do título de Mestre em Estudos da Condição Humana.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Antônio Gatti.

Sorocaba – SP

2022

Liberatti, Diana Siqueira

Charges na pandemia: subjetividade e condição humana
/ Diana Siqueira Liberatti -- 2022.
117f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São
Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Márcio Antônio Gatti
Banca Examinadora: Hélio de Oliveira, Teresa Mary
Pires de Castro Melo
Bibliografia

1. Charge. 2. Discurso. 3. Subjetividade. I. Liberatti,
Diana Siqueira. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Humanas e Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Diana Siqueira Liberatti, realizada em 01/09/2022.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Marcio Antonio Gatti (UFSCar)

Profa. Dra. Teresa Mary Pires de Castro Melo (UFSCar)

Prof. Dr. Helio de Oliveira (UNIFEQB)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana.

DEDICATÓRIA

Esta dedicatória cumpre três funções.

Em primeiro lugar, homenagear todas as vidas ceifadas pela Covid-19, que se foram precocemente.

Em segundo lugar, a todos/as aqueles/as que nos confrontam e nos banqueteiam com a arte, em suas inúmeras facetas, levando-nos à leitura do mundo, principalmente aos cartunistas de nosso Brasil, força motriz de denúncia e enfrentamento das injustiças.

Para finalizar, aquele que esteve deitado aos meus pés durante os dias frios ou calorentos de todo este isolamento social, enquanto eu participava das aulas e estudava, companheiro fiel e querido, com a alma de um cão nesta vida: Thor. Luz nas nossas vidas, saudades na sua ausência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aos desígnios da vida, que promovem encontros e desencontros, a partir das escolhas que fazemos, das caminhadas que realizamos, das questões que nos afetam. Eles me levaram até a Análise do Discurso e ao encontro das pessoas que me auxiliaram a trilhar este caminho.

Agradeço ao professor Márcio Antônio Gatti, orientador que me acompanhou ensinando, instigando, colaborando, e corrigindo: minha gratidão!

Agradeço a todos/as os/as docentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana que auxiliaram, de alguma maneira, na construção desta pesquisa, seja pela persistência e resistência na criação do programa, pelas aulas ministradas, diálogos trocados, conhecimentos construídos, cobranças e correções... Gratidão pelo programa fazer jus a sua nomenclatura e ser realmente uma prática daquilo que propõe, fazendo-nos refletir efetivamente sobre a condição humana.

Agradeço ao professor Hélio de Oliveira e à professora Teresa Mary Pires de Castro Melo por concordarem em participar da qualificação, oferecendo seu tempo e olhar atento nos apontamentos, inquirições, correções e provocações. Todos eles foram de grande auxílio para as reflexões que possibilitaram esta escrita.

Agradeço aos colegas da primeira turma do programa, presenças constantes no aprendizado do conhecimento e da vida: para todos nós foi a primeira vez de aprender de longe e perto, ao mesmo tempo! Em níveis maiores ou menores de afinidade, fomos auxílio uns para os outros, na troca de saberes, de dúvidas, de afetos, de apoio, de anseios (sobretudo).

Agradeço aos meus pais, Ilizeu e Marina, que embora sem muitas condições para nortearem minhas escolhas acadêmicas (sejam elas financeiras ou de conhecimento), sempre foram suporte e estímulo para a necessidade de estudar. Mesmo ausente meu pai, você vive em nossos corações.

Agradeço ao meu companheiro, Alício, a paciência e suporte neste período, persistindo nos laços, apesar das ausências.

Que possamos levar para a vida as relações que nos afetam, com um olhar atento para os indivíduos e a condição humana de cada um diante daquilo que os perpassa e constitui.



RESUMO

Este trabalho tem como tema principal a subjetividade e a condição humana em charges contemporâneas durante a pandemia de Covid-19, objetivando a análise de discursos e textos que circularam no primeiro trimestre do isolamento social imposto pelo período de quarentena, compreendido entre os meses de março e maio de 2020, inicialmente. A partir de uma perspectiva interdisciplinar que abarca os preceitos da Análise do Discurso de linha francesa e questões pertinentes às disciplinas da área de humanidades, com contribuições teóricas de Maingueneau (2007), Burke (2004 e 2017), Possenti (2004), Han (2017), entre outros, os textos analisados foram selecionados em mídias sociais (*Facebook e Instagram*), sendo elencadas, principalmente, as produções da cartunista Laerte e do movimento que ficou conhecido como “charge continuada”, e aconteceu a partir de junho de 2020. Circunscrito em uma determinada materialidade histórico-ideológica, o texto chargístico pode produzir uma série de sentidos a partir de sua circulação geralmente intensa e da relação que estabelece com discursos no interior do interdiscurso. Assim, nos foi possível compreender as subjetividades a partir dos sentidos veiculados nos discursos, e verificar como a materialidade sócio-histórica incide nestas produções languageiras. Além disso, discutimos o gênero discursivo charge continuada, evidenciando como se materializam suas relações enquanto discurso e movimento social.

Palavras-Chave: Charge; Discurso; Subjetividade; Condição humana; Covid-19.

ABSTRACT

This work has a main theme the subjectivity and the human condition in contemporary political cartoons during the Covid-19 pandemic, aiming at the analysis of speeches and texts that circulated in the first quarter of the social isolation imposed by the quarantine period, between the months of March and May 2020 initially. From an interdisciplinary perspective that encompasses the precepts of French Discourse Analysis and issues relevant to the disciplines of the humanities, with theoretical contributions by Maingueneau (2007 and 2018), Burke (2004 and 2017), Possenti (2004), Han (2017), among others, the analyzed texts were selected in social media (Facebook and Instagram), being listed, mainly, the productions of the cartoonist Laerte and the movement that became known as “continuous charge”, and took place from June, 2020. Circumscribed in a certain historical-ideological materiality, the political cartoon text can produce a series of meanings from its generally intense circulation and the relationship it establishes with discourse within the interdiscourse. Thus, it was possible for us to understand the subjectivities from the meanings conveyed in the speeches, and to verify how the socio-historical materiality affects these language productions. In addition, we discuss the discursive genre continued political cartoon, showing how its relations as a discourse and social movement materialize.

Keywords: Political cartoon; Discourse; Subjectivity; Human conditions; Covid-19.

LISTA DE CHARGES

Charge 01 – Instagram, perfil @laertegenial, 15/03/2020	51
Charge 02 – Instagram, perfil @laertegenial, 23/03/2020	52
Charge 03 – Instagram, perfil @laertegenial, 28/04/2020	53
Charge 04. A – Instagram, perfil @laertegenial, 17/03/2020	56
Charge 04. B – Twitter, conta: @LaerteCoutinho1, 15/03/2020.....	57
Charge 05 – Instagram, perfil @laertegenial, 31/03/2020	59
Charge 06 – Instagram, perfil @laertegenial, 14/04/2020	61
Charge 07 – Instagram, perfil @laertegenial, 03/04/2020	62
Charge 08 – Instagram, perfil @laertegenial, 24/04/2020	64
Charge 09 – Instagram, perfil @laertegenial, 19/04/2020	66
Charge 10 – Instagram, perfil @laertegenial, 26/03/2020	66
Charge 11 – Instagram, perfil @laertegenial, 21/04/2020	67
Charge 12 – Facebook, página Tute.dibujante, 30/03/2020	71
Charge 13 – Facebook, página Tute.dibujante, 26/05/2020	71
Charge 14 – Charge Crime continuado, de Renato Aroeira, Brasil 247, 14/06/2020	74
Charge 15 – Charge Continuada, Instagram, página #somostodosaroeira, de Duke.....	84
Charge 16 – Charge Continuada, Instagram, página #somostodosaroeira, de Frank.....	85
Charge 17 – Charge Continuada, Instagram, página #somostodosaroeira, de Quino.....	85
Charge 18 – Charge Continuada, Instagram, página #somostodosaroeira, de Zé Dassilva....	86
Charge 19 – Charge Continuada, Instagram, página #somostodosaroeira, de Cris.....	86
Charge 20 – Charge Continuada, Instagram, página #somostodosaroeira, de P. Batista	92
Charge 21 – Charge Continuada, Instagram, página #somostodosaroeira, de Gilmar.....	92
Charge 22 –Charge Continuada, Instagram, página #somostodosaroeira, de Cláudio Duarte	93

Charge 23 – Charge Continuada, Instagram, página #somostodosaroeira, de Cândido.....	93
Charge 24 – Charge Continuada, Instagram, página #somostodosaroeira, de Kayro Rocha..	94
Charge 25 – Charge Continuada, Instagram, página #somostodosaroeira, de Cláudio.....	96
Charge 26 – Charge Continuada, Instagram, página #somostodosaroeira, de C. Einstein.....	98
Charge 27 – Charge Continuada, Instagram, página #somostodosaroeira, de R.Menezes.....	98
Charge 28 – Charge Continuada, Instagram, página #somostodosaroeira, de Orlandeli.....	99
Charge 29 – Charge Continuada, Instagram, página #somostodosaroeira, de Ique Woitschach.	100
Charge 30 – Charge Continuada, Instagram, página #somostodosaroeira, de Jojo.....	101
Charge 31 – Charge Continuada, Instagram, página #somostodosaroeira, de Nando.....	102
Charge 32 – Charge Continuada, Instagram, página #somostodosaroeira, autoria não identificada.....	102

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01** – Youtube, Recorte da *live* de 29.05.2020.....89
- Figura 02** – Fotograma apresentado no trabalho de Paula & Alves (2020, p. 43).....91

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	16
2.1	Como organizar o processo?	16
2.2	<i>Corpus</i> : contato, coleta e organização do recorte de estudo	18
2.3	Como pensamos e existimos com o saber/conhecimento ao longo da história?.....	22
2.4	A charge e a proposta interdisciplinar de estudo.....	24
2.5	A resistência ao interdisciplinar: o que motiva esta postura nas práticas profissionais e acadêmicas?.....	29
2.6	A pandemia de COVID-19: contexto de produção das charges.....	33
3.	CONSIDERAÇÕES SOBRE LÍNGUA E DISCURSO NA EXISTÊNCIA HUMANA.....	38
3.1.	A linguagem na vida em sociedade: da imagem ao signo.....	39
3.2.	Charge: estabelecendo a existência na história	43
4.	O DISCURSO DAS CHARGES/NAS CHARGES: ALGUMAS POSSIBILIDADES DE ANÁLISE.....	49
4.1.	Charges da Laerte: denúncia e provocação para o sujeito	49
4.2.	Charge continuada: Surgimento e definição	73
4.2.1.	Alguns desdobramentos/possibilidades de discussão enquanto enfrentamento e resistência	82
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108

1 INTRODUÇÃO

A partir da popularização da internet, por volta dos anos 2000, a vida em sociedade passou por inúmeras mudanças. Mais presente no ambiente de trabalho e na casa das pessoas, inicialmente o computador, seguido de outros dispositivos móveis, tornou-se uma porta de entrada para um “novo mundo”. Esse novo “espaço”¹, que não pode ser mensurado na esfera física, foi tomando proporções cada vez maiores no cotidiano do ser humano, e incidindo sobre a maneira como ele vive e se relaciona. Em aproximadamente vinte anos, a “era digital” provocou em nosso imaginário a ideia de que as barreiras, antes tão delimitadas no “mundo real”, estão agora desconstruídas em seu ambiente, possibilitando um fluxo de informações e comunicação mais rápido e massivo, em nível mundial.

Ao adentrarmos cada vez mais nesse universo, nossa percepção a respeito dos modos de vida social, da relação consigo, com o outro ou com o mundo, foi conseqüentemente afetada. Seja pela ocupação desse lugar, ao sermos híbridos² atualmente, em uma relação real x virtual, seja pelo tempo, uma vez que a velocidade do fluxo de informações reconfigurou nossa maneira de viver, fomos afetados em nossas subjetividades, ou seja, no modo de nos percebermos enquanto seres humanos.

Nessa conjuntura, muitos hábitos foram (e continuam sendo) alterados, e têm sido objeto de pesquisa na academia, em diversas áreas, visto que essa nova maneira de existência tem realizado (e sofrido) interferências na vida social, política, econômica, mas também biológica³ dos sujeitos. Uma dessas questões é a maneira como nos relacionamos com a

¹ Espaço aqui é tomado em uma acepção mais genérica. No entanto, é importante dizer que em outras áreas, como no campo da geografia, o termo assume outras especificidades, transformando-se em um conceito. Saquet & Silva (2008) discorrem sobre os conceitos de espaço e território na concepção de Milton Santos, em artigo resultante de projeto de pesquisa na Unioeste. De acordo com os autores, o geógrafo pontua que “(...) o espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada-subordinante. É como as outras instâncias, o espaço, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia. (SANTOS, 1978, p. 145 *apud* SAQUET & SILVA, 2008, p. 30). E, é nessa totalidade que precisa ser considerado: com suas especificidades e envoltórios no campo histórico, sendo pensado como “resultado e condição de processos sociais” (*ibidem*).

² A expressão “seres híbridos”, neste trabalho, refere-se a modos de existência na contemporaneidade que são permeados pelas experiências na esfera física, real, mas também na digital. Muitas das vezes, estas experiências são concomitantes, como por exemplo, transmitir via rede social uma experiência particular como o nascimento de um filho; trabalhar via home office, com vídeo conferências; ou mesmo nossa experiência atual de aprendizagem remota na pandemia, via plataformas de aprendizagem.

³ Muitas mudanças corporais e psíquicas já foram apontadas na literatura médica motivadas pelo uso de dispositivos tecnológicos. Entre elas podemos citar o “pescoço tecnológico”, que se caracteriza pela inclinação do pescoço para o uso dos aparelhos celulares, provocando a flacidez da região frontal dele, assim como colaborando para acentuar problemas de coluna como a escoliose; a “whatsappinite”, inflamação que sobrecarrega os polegares pelo uso do aplicativo de mensagens – derivação da tendinite (esta já objeto de estudo do Instituto de Ortopedia de São Paulo); a dependência digital em crianças e adolescentes, já apontada na

leitura na atualidade, visto que a velocidade do fluxo de informações, assim como a quantidade em que estão disponibilizadas, têm nos incitado ao consumo quantitativo em detrimento do qualitativo⁴. Os textos longos e verbais têm dado lugar àqueles que são mais dinâmicos, breves, e que mesclam várias linguagens, atendendo assim, aos sujeitos nascidos na era tecnológica, como os *posts* de redes sociais por exemplo. Dessa maneira, a imagem, o movimento, a formatação, entre outros elementos, têm sido decisivos na escolha do que deve ser lido. Importante salientar que a “escolha” nem sempre é do sujeito, uma vez que os textos chegam até nós de maneira intensa e ampla, invadindo o cotidiano. Nesse sentido, podemos nos questionar: o que escolhemos ler ou aquilo que nos é dado a ler? Será que nossas escolhas são assim tão “nossas”?

Esse comportamento, apesar de parecer uma simples escolha pessoal, revela-nos uma prática cultural que foi sendo afetada pelo novo modo de existir, e, como tal, essa premência revelada no hábito de acesso e consumo dos textos é um reflexo desse novo modo de vida. E, concomitante a esse processo, o surgimento e conseqüente *boom* das redes sociais virtuais foi se estabelecendo, alterando as maneiras de se relacionar consigo e com o outro. Gerar um círculo social na contemporaneidade é estar junto ao maior número de pessoas possível, sem necessariamente estabelecer vínculos mais profundos. Além disso, as experiências particulares estão disponíveis ao outro⁵, e procuram atender uma demanda sociocultural e econômica imposta pelos padrões ideológicos, sociais e culturais veiculados pelos meios de comunicação. Essa questão é determinante para entendermos como a imagem é preponderante no contexto atual, mais especificamente a imagem que consumimos e projetamos – de nós, de nossos hábitos, de nosso modo de viver e estar em sociedade, levando-nos a pensar (e questionar, e problematizar, e a nos provocar, por que não?!) sobre a produção de sentidos que são estabelecidas a partir do imediatismo e da superficialidade.

Nesse sentido, atendendo a anseios pessoais e incômodos que me permeiam enquanto sujeito, surge a proposta dessa pesquisa apresentada ao Programa de Pós-Graduação em

proposta da CID 11, principalmente em relação aos jogos eletrônicos; a namofobia, que se caracteriza pela necessidade de estar sempre próximo aos dispositivos, inclusive carregados; a perda auditiva e/ou dificuldade, ocasionada pelo uso de fones em volume alto, ou mesmo uso dos dispositivos em volume de tempo acima do esperado (como tem sido constatado durante a Pandemia, nas pessoas que praticam home office); entre outras. Maiores informações sobre estas questões podem ser consultadas nos sites: <https://www.bbc.com>; <https://www.hospitalsantamonica.com.br>; <https://www.g1.globo.com>, na seção Bem-estar; <https://www.correiodoestado.com.br>; e <https://www.oficinadanet.com.br>.

⁴ Se considerarmos o *layout* das plataformas digitais, com muitas manchetes/títulos, hiperlinks espalhados ao longo dos textos escritos nos encaminhando a outros espaços.

⁵ Pensando-se no outro enquanto espaço público, todos os outros, tal qual discutido por Byung-Chul Han (2017), em “Sociedade da Transparência”.

Estudos da Condição Humana, pois como ressalta C. Wright Mills (2009, p. 22), “o conhecimento é uma escolha tanto de um modo de vida quanto de uma carreira (...) o trabalhador intelectual forma-se a si próprio à medida que trabalha para o aperfeiçoamento do seu ofício”. E, pensando ainda com Mills, a pesquisa está vinculada à vida daquele que a realiza. Sendo assim, o incômodo que me provocava vem se materializar em torno de algumas questões: como construir um conhecimento sem a maturação do diálogo com o texto? Como o sujeito e os sentidos se estabelecem a partir de suas leituras no contexto no qual está inserido? Qual é a relação que ele estabelece com seu consumo textual na era da informação? Os aspectos que impactam a leitura na atualidade permitem ao sujeito um arcabouço de conhecimento, de modo que ele pode usá-lo e acessá-lo posteriormente a fim de estabelecer relações? Sejam estas de continuidade, de consulta, de intertextualidade...

E, a partir disso, surge a possibilidade de uma investigação em torno da circulação textual nesses espaços *online* que delineamos acima e que nos possibilita tentar responder a esses questionamentos. Optamos por analisar a charge, visto que é um gênero que se adaptou muito facilmente à cena específica das redes sociais, em consequência provavelmente de sua forma geométrica e, aparentemente, por se tratar de um texto que se constitui pela multiplicidade de linguagens. Além disso, a charge historicamente está relacionada com a tomada de um posicionamento político, caracterizando-se como um texto de opinião e que exige do leitor um trabalho de acesso à memória e à História, promovendo um diálogo permeado pelas relações ideológicas que afetam os interlocutores de uma determinada enunciação.

Ora, como é sabido, somos seres inseridos em uma sociedade pautada por relações ideológicas, sejam elas mais ou menos dominantes. Nessa dinâmica, elas nos permeiam, e como afirma Orlandi (2007, p. 295) “a linguagem não é transparente”, uma vez que a língua, concretizada na formação discursiva⁶ que está inserida, produz sentidos que não são os

⁶ Formação Discursiva é um conceito da Análise do Discurso que divide opiniões acerca de sua “paternidade”. Embora tenha sido apresentada por Foucault em 1969, Baronas (2004) afirma que Pêcheux já havia falado sobre ela em artigo compartilhado com Culioli e Fuchs, em 1968. De maneira geral, de acordo com Foucault, pode-se afirmar que é uma regularidade que é possível ser estabelecida a partir de uma dispersão de enunciados, ou ainda, quando conseguimos estabelecer esta regularidade entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas. Importante lembrar que, por regularidade aqui, entende-se “uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações” (FOUCAULT, 1997, p. 43). No entanto, apesar de termos alguns pontos em comum às duas definições, é importante observar que algumas questões se distanciam. Para Pêcheux, formação discursiva é “aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) (PÊCHEUX, 1995, p. 160 *apud* Grangeiro, *online*). Assim, é possível perceber que, apesar do conceito ter aparecido inicialmente nos estudos de Pêcheux e terem vários pontos de encontro, a questão da materialidade é também bastante presente em Foucault. Atualmente outras propostas têm sido

mesmos para todos os sujeitos. Pensando em como os sujeitos são afetados pelo contexto no qual estão inseridos, a pandemia de COVID-19 surgiu como um recorte temporal para a investigação da materialização de produção de sentidos para esses sujeitos. Evento que pode inicialmente ser classificado como uma crise sanitária, a pandemia tem provocado reações intensas em vários contextos (privado x público, político, econômico, educacional, social etc.), a partir das tratativas com as quais os países administraram a ocorrência, ou ainda estão neste processo.

Assim, nosso trabalho se apresenta almejando compreender como as subjetividades têm se manifestado na relação com os sentidos possíveis na produção de charges durante a pandemia de COVID-19, entre os meses de março e junho de 2020. Nesse sentido, é importante explicitar o “caminho” que trilhamos.

O texto principia pela explanação dos aspectos metodológicos, visto que desde a elaboração do projeto nosso *corpus* sofreu algumas alterações, pois o contexto nos permeia enquanto sujeito nas nossas escolhas. A charge, objeto de análise, seguiu o mesmo desde o princípio, mas com aproximação do olhar interdisciplinar. Este, fator intrínseco ao programa de pós-graduação escolhido, é também característica fundante no gênero textual elencado, tanto na sua concepção quanto na análise que demanda.

Como a língua é um “ser” dinâmico na sociedade, assim como as práticas dela advindas, tal como afirmam Machado & Pereira (2021) “é por meio da linguagem que os sentidos são proferidos/captados e revelam, por assim dizer, as práticas sociais e discursivas de uma sociedade”, temos em nosso objeto uma possibilidade de estudar a condição do humano, por meio das charges. Nesse sentido, estabelecemos uma explanação do modo como o ser humano vem se comunicando ao longo da história, até o surgimento das modernas tecnologias.

Conforme descrição da linha 1 de pesquisa de nosso programa de pós-graduação, a contemporaneidade é um momento no qual as sociedades têm a possibilidade de atuação e participação em várias esferas da vida social. Nesse sentido, algumas necessidades advêm desta participação, fazendo “com que os sujeitos, cada vez mais, produzam, reproduzam, sejam afetados, afetem, rompam e se alinhem com as narrativas e discursos presentes nos mais diversos meios de comunicação” (Texto disponível na íntegra em: <https://www.ppgech.ufscar.br/pt-br/o-programa/linhas-de-pesquisa>). Assim, vemos que a vida

em sociedade depende do exercício da linguagem, e esta torna-se, assim um instrumento político.

Partindo deste pressuposto, utilizamo-nos de conceitos da análise do discurso de linha francesa, de princípios básicos da semiótica, da filosofia da linguagem bakhtiniana, além de conhecimentos da área de humanidades, como história e memória, para dar conta da abordagem do *corpus*. Embora não tenhamos elaborado uma abordagem mais profunda da disseminação das charges em meio eletrônico, esta se configura como um “caminho da análise de fenômenos humanos relacionados à atuação e participação social”, tal como dita o texto de nossa linha de pesquisa no programa.

Durante a constituição do corpus, nos deparamos com a evidência de um novo fenômeno: a charge continuada. Dessa maneira, foi para nós um presente e um desafio, pois ao nos debruçarmos sobre o evento foi possível vislumbrar inúmeras possibilidades de trabalho no campo textual, político e social. Vimos assim, como a circulação de discursos no campo digital configura-se uma prática da condição do humano na contemporaneidade, e como ele vai produzindo sua subjetividade no contato e diálogo com os textos que o permeiam.

Para finalizar esta seção e oportunizar ao leitor adentrar neste texto, gostaríamos de lembrá-lo que todos os textos aqui expostos e discutidos nos trouxeram muitas reflexões, inclusive fundamentais para nossa compreensão do sujeito na contemporaneidade. No entanto, longe de esgotar o assunto ou suas possibilidades de diálogo, este trabalho convida a novos olhares, perspectivas e discussões.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

2.1 Como organizar o processo?

No que tange à metodologia adotada para realização dessa pesquisa, duas referências foram importantes, a saber, a obra de Charles Wright Mills (2009), a qual versa sobre o trabalho do pesquisador acadêmico ser análogo ao do trabalhador artesanal, em consonância com sua história anterior à pesquisa; e a de Jocelyn Létourneau (2011), a qual foi de fundamental importância na instrumentalização do trabalho como um todo, desde o repensar sobre o projeto de pesquisa inicial (apresentado para o ingresso no programa), passando pelos diálogos com os materiais bibliográficos, sua sistematização e abordagem do objeto de pesquisa, o estabelecer relações a partir das disciplinas cursadas e a instituição dos vínculos com o objeto, e destes com as referências.

Embora a metodologia de Létourneau (2011) seja estruturante para o trabalho como um todo, ela é imprescindível no que tange ao estudo do iconográfico (Capítulo 4: Como analisar um documento iconográfico), uma vez que nosso material de análise são as charges. De acordo com o autor, para a análise do material iconográfico é necessário observar algumas etapas. A primeira delas “consiste em **observar o documento**; na segunda, aplicamo-nos a **detectar** o conteúdo da imagem; a terceira, com a contextualização, consiste em **desenhar as relações** na qual se insere determinado documento” (LÉTOURNEAU, 2011, p. 124) – grifos do autor.

Para além da metodologia acima descrita, os preceitos da Análise do Discurso de linha francesa serão essenciais para a análise das relações dos sujeitos e a materialidade, tomadas como interdiscursivas (conforme veremos mais adiante). A relação com a semiótica, na análise de indícios e signos não verbais também é uma base importante, pautando-se na abordagem de Santaella, além de alguns conceitos do filósofo da linguagem humana, o russo Mikhail Bakhtin.

Retomando o processo exposto por Létourneau, na etapa de observação, o autor chama a atenção para um olhar atento não só do documento em si que é objeto de análise e estudo, mas também das informações sobre ele, pois são muito importantes para a discussão que se estabelece. Como aborda o documento iconográfico de maneira geral, aponta para algumas questões como o acesso, o qual pode ser uma problemática. Dessa maneira, a orientação é que se documente através da fotografia. Em nosso caso, como trabalhamos com a coleta das charges em mídias sociais abertas ao público, fizemos esse processo por meio de copiar a

página na qual o texto se encontra (mais conhecido como *print screen*), listando os endereços digitais e datas de publicação (visto que o ambiente virtual é dinâmico e a página é um perfil autorizado pela chargista, no caso da Laerte, e plataforma, podendo ocorrer supressão de materiais⁷).

Para a etapa de detectar os componentes e os significados do documento, as indicações são divididas em momentos diferentes, pois para o autor esta etapa “nos põe diretamente diante daquilo que nele será representado” (p. 126), e não é possível que a análise desse objeto seja em um único olhar, superficialmente. Antes, “é necessário **realizar um trabalho de nomenclatura**; depois, **descrever**; por fim, **passar para a etapa de detecção dos significados do documento**” (*ibidem* – grifos do autor) para conseguirmos captar as relações que são estabelecidas a partir dele. Nesse sentido, a segunda etapa se mostra fundamental para a análise de nosso *corpus*, tendo em vista as relações intertextuais estabelecidas pelo gênero discursivo charge, e a necessidade de explorá-las a fim de possibilitar uma discussão de resultados mais ampla.

Para finalizar, o autor apresenta a terceira etapa como o momento no qual o “objeto passa a ser **objeto de indagação**”, pois “insere-se numa rede de relações da qual é preciso achar o fio da meada” (p. 130 – grifo do autor).

Para pensar a questão do iconográfico para além de uma simples imagem, a abordagem da obra de Peter Burke (2004) é muito significativa, ao pensarmos na charge como uma imagem protagonista do estudo, e não como algo ilustrativo. Antes, ela surge como instrumento constitutivo desse discurso, e sem ela, sua existência não se concretizaria. Burke defende a ideia de que a imagem, quando utilizada em pesquisas acadêmicas, surge como um apoio para algo que já foi constatado por outros meios, como algo ilustrativo. Segundo o historiador, as imagens podem nos possibilitar uma gama ampla de análises, discussões, mas devemos ir além da superfície, procurando ler nas entrelinhas. Um exemplo utilizado é como as pessoas eram retratadas em pinturas em tela, e como as *selfies* são materializadas hoje, sempre buscando camuflar (na linguagem do autor) as diferenças sociais existentes. Nesse sentido, os pressupostos da Análise do Discurso corroboram este posicionamento, pois a análise do texto não verbal não encerra em si mesmo seus significados. Antes, depende da relação com outros elementos, tais como aspectos ideológicos, culturais, contexto de produção, meios de circulação, entre outros, considerando-se que para além da sua existência

⁷ Embora tenhamos feito alterações no recorte do *corpus* ao longo do processo e a partir de sugestões na qualificação, inicialmente o processo foi o mesmo para o material coletado no perfil do Tute, na plataforma Facebook. Esta página é administrada pelo próprio cartunista.

enquanto texto, materializa-se como discurso, e conseqüentemente, estabelece relação com seus interlocutores.

Assim, há de se considerar, quando nos deparamos com imagens históricas, se a maneira como aquilo está dado era realmente o estilo de vida daquela pessoa (ou de sua classe social), assim como as práticas que a permeavam. Apesar das diversas nuances que podem envolver a abordagem das imagens, Burke as defende com afinco, no estudo de como estudar a sociedade e sua história, assim como podem ser a manifestação da própria história ao ir se constituindo. Outro aspecto levantado na discussão do historiador é: “as imagens são significativas para quem?”, e este nos leva a questões pertinentes ao nosso material de estudo, uma vez que a maneira como são veiculadas vão também incidir na importância da imagem, no acesso a elas, nas discussões que provocarão.

Ele afirma ainda que conseguiu como resultado de sua obra elencar quatro aspectos na análise de imagens. Lembra que não é um método ou algo absoluto, mas sim uma síntese das dificuldades que surgem a partir da interpretação na leitura de imagens. Dessa maneira, o primeiro ponto é que as imagens não são uma verdade absoluta do mundo, mas o ponto de vista, a perspectiva de quem as produz em um determinado contexto (materialidade histórica), e assim podem nos mostrar a concepção masculina das mulheres, por exemplo, assim como a visão daqueles que poderiam realizá-las ou pagar por este serviço (classes dominantes sobre as classes inferiores). O segundo ponto apresentado é a importância de não se considerar a imagem como algo isolado, mas sim levar em conta o contexto, as técnicas existentes naquele momento, para qual função foi criada. Em terceiro lugar, ressalta a importância de se analisar uma imagem dentro de uma série, e não individualmente, visto que a coletividade vai proporcionar ao interlocutor, aspectos para estabelecer padrões na análise. Por fim, como já foi dito, ler além da superfície, buscando elementos significativos nas entrelinhas.

Nesse sentido, a obra do historiador se revela como um aprendizado muito importante para o trabalho com as charges.

2.2 Corpus: contato, coleta e organização do recorte de estudo

Assim como descrito na seção anterior, nos debruçamos sobre o perfil autorizado da cartunista brasileira Laerte⁸, aportado na plataforma *Instagram*⁹, e intitulada @laertegenial,

⁸ Descrito como “Perfil autorizado por Laerte, dedicado à exposição de sua obra e genialidade”, o perfil da cartunista Laerte Coutinho no Instagram é utilizado para a divulgação de trabalhos diversos da artista, tais como

durante os meses de março, abril e maio de 2020, período que constituiu o primeiro trimestre do isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19 no Brasil. Todas as postagens foram coletadas, e após este período, as charges foram separadas, uma vez que havia tirinhas e posts diversos.

Em um primeiro momento, o objetivo do projeto era a observação e análise do material de um cartunista nacional e outro estrangeiro, buscando estabelecer relações com o espaço e tempo nos quais foram produzidos e/ou veiculados. Assim, além da Laerte, escolhemos o cartunista argentino Tute. E, de maneira similar, o perfil deste foi acompanhado neste período, mas em plataforma distinta, o *Facebook*. O processo foi similar na coleta e separação por gênero.

Para o material chárstico coletado da Laerte, procuramos estabelecer uma linha de diálogo entre as publicações, visto que algumas foram repostadas durante o período de coleta. Assim, temos as seguintes temáticas:

1. Negacionismo¹⁰;
2. Valorização dos profissionais envolvidos no combate e tratamento da Pandemia / Crítica ao sistema de saúde abandonado pelo governo;
3. Homenagens a personalidades vítimas da pandemia de Covid-19;
4. Diversidade racial e de gênero;
5. Insatisfação do povo com o atual governo;
6. Ausência de criticidade aos desmandos/atitudes/ações do atual governo (conivência, aprovação, seguidores de Bolsonaro);

charges, tiras, depoimentos, ilustrações, fotografias, entre outros. No início do mês de outubro de 2021 a página contava com 708 mil seguidores. Com a primeira publicação datada de 15/03/2016, a página pode ser acessada pelo endereço: http://www.instagram.com/laertegenial/?utm_medium=copy_link.

⁹ *Instagram*: De acordo com Vasques (2022, p. 25), esta plataforma “surgiu em meio ao processo generalizado de digitalização”. Retomando o contexto de criação deste ambiente, o pesquisador afirma que ela surgiu em 2010, e visava a “publicação de conteúdos em tempo real” (*ibidem*), inicialmente, e era acessível somente em telefones móveis que tivessem câmeras. Acrescenta que “em dois anos, a ferramenta atingiu milhões de usuários e foi adquirida, em abril de 2012, pelo Facebook – que no final de 2020, diante de escrutínio sobre controle de mercado, passou a se denominar Meta – por um valor estimado em US\$ 1 bilhão” (*ibidem*). Na pesquisa de Vasques (2022), podemos encontrar maiores informações sobre o funcionamento deste ambiente virtual, como as ações de curtir, compartilhar, postar comentários, além outras que foram sendo incorporadas com o tempo, como transmissões em tempo real, stories, entre outros. Ademais, o pesquisador possibilita uma discussão que contempla aspectos sociais, e não somente tecnológicos. Neste sentido, é importante nos atentarmos para a publicação das charges neste espaço, e não nos suportes tradicionais, tal como nos jornais impressos. Esta é uma das informações que serão discutidas na abordagem do texto chárstico, mais à frente.

¹⁰ De acordo com definição encontrada no Dicionário Online da Academia Brasileira de Letras, negacionista é “atitude tendenciosa que consiste na recusa a aceitar a existência, a validade ou a verdade de algo, como eventos históricos ou fatos científicos, apesar das evidências ou argumentos que o comprovam”. Vamos nos debruçar sobre este fenômeno, com mais atenção, logo à frente.

7. Inconstância nas decisões referentes à pandemia e/ou falta de credibilidade e ausência de coesão e coerência na equipe de gestão atual;
8. Discussão das medidas necessárias à prevenção da Covid-19 e a resistência a elas;
9. Discussões sobre o capitalismo no início da pandemia;
10. Intransigência da gestão atual e suas consequências;
11. Intensificação das diferenças durante a pandemia da Covid-19.

A organização por temas nos possibilitou um olhar atento para temáticas que se aproximavam ou se repeliam, assim como na identificação de questões recorrentes na materialidade abordada. Este movimento nos permitiu uma análise interessante para o cotejamento com referências estudadas em disciplinas do programa de pós-graduação, viabilizando uma relação mais acessível com o olhar interdisciplinar. E, ao entabular um contato mais próximo com o objeto de estudo, a necessidade de um novo recorte se fez necessária. Dessa feita, as charges elencadas foram aquelas que apresentaram temática (e elementos) ligados diretamente à materialidade que nos referimos: a Pandemia de Covid-19.

Em relação ao cartunista Tute, o material coletado foi abordado por meio de um processo metodológico distinto, no decorrer das análises preliminares. Como o processamento das charges aconteceu em período posterior ao da Laerte, optamos por fazer o recorte que utilizamos com o material da cartunista nesta última etapa, ou seja, elencar as charges que tivessem relação mais próxima com a Pandemia de Covid-19. Apesar de não termos aplicado a mesma estratégia, é possível afirmarmos, em análise preliminar, que as temáticas mais presentes no período referem-se a aspectos do cotidiano, como as regras de isolamento social, e seus impactos nas relações pessoais.

Durante a banca de qualificação, ao ouvir as considerações emitidas pelos docentes avaliadores, algumas questões a respeito da abordagem do cartunista Tute e de seu material começaram a surgir. Uma delas era a necessidade de organizar a escrita e análise contextualizando e retomando as condições históricas de produção e recepção das materialidades específicas das charges daquele cartunista, bem como uma interpretação mais aprofundada sobre aquele sujeito autor dos textos e sua inserção no universo das charges argentinas e sul-americanas, visto que estes são aspectos impreteríveis na produção de sentidos daqueles textos. Nesse sentido, o *corpus* sofreu um novo recorte, o qual será descrito logo abaixo.

Ao longo da coleta do material para compor o *corpus*, foi possível ir travando um conhecimento mais íntimo com o universo das charges e aqueles que as produzem. E, na quinzena posterior ao ‘fechamento’ da data planejada para a coleta das charges, se

desencadeou um episódio envolvendo o chargista Renato Aroeira¹¹ e um texto dele que criticava uma ação/postura do presidente Bolsonaro. Envolvendo questões de cunho social, político e de saúde, o acontecimento excedeu-se na sua alçada, sensibilizando a classe profissional e gerando um movimento de enfrentamento às medidas adotadas pelo governo federal. Dessa maneira, em discussão com o professor orientador, resolvemos trazer para este trabalho este acontecimento discursivo, incorporando charges produzidas em torno do evento ao *corpus* principal.

Tendo em vista que esta é uma dissertação de mestrado, e que não deve se afastar dos seus objetivos, mas também não deve se alongar muito, os membros da banca de qualificação sugeriram algumas mudanças, as quais foram organizadas da seguinte maneira:

- a. O *corpus* de análise será aquele organizado a partir do material coletado no perfil autorizado da cartunista Laerte, uma vez que ele oferece muitos elementos concernentes à materialidade histórica aqui descrita, assim como para análise dele. Dessa maneira, nosso foco principal de reflexão será pautado neste material, e ao cartunista Tute será designado um espaço comparativo, neste primeiro movimento de análise;
- b. No texto apresentado para a qualificação, somente a charge produzida pelo Aroeira foi apresentada e discutida, apesar da página que abriga as releituras apresentar mais de quatrocentas contribuições (isso no início de junho de 2022). Assim, verificamos que é imprescindível que sejam apresentadas algumas charges do acontecimento discursivo a fim de que o/a leitor/a possa compreender melhor como ele se estabeleceu. Para tanto, a partir dos aspectos já relatados no texto, foi realizado um recorte para análise, considerando algumas categorias que envolvem um grande número das releituras produzidas dentro da charge continuada. Isto posto, são aspectos reincidentes que possibilitaram este “olhar” de análise: presença de metalinguagem; questão simbólica da representação da morte; uma releitura menos fidedigna à charge original; a abordagem da censura; e a utilização de discursos circulantes¹² a respeito da figura envolvida ou assunto abordado.

Diante dessas considerações, passemos a outra questão fundante para a pesquisa: a abordagem interdisciplinar proposta pelo programa de pós-graduação, e que atende as questões as quais ela se propôs desenvolver.

¹¹ O acontecimento será detalhado no espaço destinado à charge continuada, neste trabalho de pesquisa, no item 4.2.

¹² Como discursos circulantes a respeito da figura envolvida entendemos algumas simbologias que os sujeitos têm usado em suas manifestações a respeito do presidente Bolsonaro, tais como, a figura do palhaço, a figura de fezes, entre outros.

2.3 Como pensamos e existimos com o saber/conhecimento ao longo da história?

A contemporaneidade é um tempo que nos confronta com muitos desafios. Por um lado, tecnologia avançada, informação disseminada em alta velocidade e informatização da maioria dos processos cotidianos. Em contrapartida, em outras áreas, como a relação entre as pessoas, o ser humano parece não ter avançado muito desde os seus primórdios, uma vez que identificamos as mesmas motivações/sentimentos rondando os eventos ao longo da história do homem.

A educação é outro setor que, apesar de todo aparato tecnológico, tem se alterado pouco em termos efetivos. As propostas realmente significativas têm surgido, sido discutidas e iniciativas implantadas há pouco tempo¹³. Considerando-se que ela é um dos primeiros contatos sociais do indivíduo, e que atua de maneira incisiva na formação dele enquanto sujeito, é necessário que façamos uma reflexão sobre este processo. Marques e Rosa (2017), em trabalho apresentado ao XIII EDUCERE / IV Seminário de Representações Sociais, Subjetividade e Educação–SIRSSE, mostram um trajeto linear do conhecimento, desde sua concepção mítica, passando pelos antigos gregos, na sua abordagem holística do homem e do universo até a contemporaneidade. As pesquisadoras sinalizam o início da fragmentação disciplinar no período medieval, quando as áreas de matemáticas e linguagens se separaram. Segundo elas, no início, a separação não tinha o mesmo intuito que o atual, mas colaborou para o processo que culminou no que conhecemos hoje como educação/ciência/conhecimento fragmentado cada vez mais, almejando a especialização do saber científico.

Continuando com o raciocínio exposto por Marques e Rosa (2017), foi na Modernidade que este sistema se intensificou, aproximando-se dos moldes que conhecemos hoje, e, acentuando-se a partir da proposição de Descartes, no século XVII, com suas obras “Meditações” e o “Discurso do Método”, com uma “cisão metodológica, uma visão que permitia analisar cada parte, para, a seguir, organizá-las, das mais simples às mais complexas, compreendendo assim o todo” (MARQUES e ROSA, 2017, p. 11905). Assim, as pesquisadoras apontam que a Idade Moderna vai apresentar esta postura de distanciamento

¹³ Atualmente algumas instituições têm incentivado a prática interdisciplinar entre os educadores, e investido em formação docente neste sentido. Dentre as iniciativas, podemos citar a educação por projetos, as metodologias ativas, os estudos de caso, entre outros. A Escola da Ponte, em Portugal, é outra fonte de inspiração para as escolas brasileiras, e muitas têm convidado seu idealizador José Pacheco para palestrar sobre as ações lá desenvolvidas e resultados obtidos (<https://www.escoladaponte.pt/>). No cenário nacional, é possível conhecer o modelo desenvolvido na Escola da Ponte no Projeto Âncora, no estado de São Paulo (<https://www.projetoancora.org.br/quem-somos>). Este é um exemplo de transformação social pela educação, por uma abordagem interdisciplinar, possibilitando a formação de sujeitos mais críticos para a sociedade e envolvidos com sua comunidade.

cada vez maior entre a Ciência e a Filosofia, colaborando de maneira decisiva para a disciplinarização ou fragmentação do saber.

Neste sentido, constituímos-nos como sujeitos na mesma conjuntura com a qual fomos educados: temos/somos especialistas nas ciências médicas, matemáticas, das linguagens, das humanidades, nos trabalhos técnicos, e quase incapazes de olhar para o todo. A mesma percepção é transportada para outros campos da nossa existência: relacionamentos, tarefas cotidianas, dificuldades. E assim seguimos, procurando e/ou conseguindo trabalhar com uma questão de cada vez, não percebendo que muitas vezes é necessário olhar o todo para que a situação seja mais pautável, e que uma linha de ação não exclui as demais, necessariamente. Muito pelo contrário, em muitas das vezes elas podem se complementar, e/ou se tornarem necessárias umas às outras.

Pensando-se nesta perspectiva, ou seja, conceber a escola como o início da vida do indivíduo enquanto ser social e, portanto, influenciadora de suas ações, é importante para salientar que a contemporaneidade necessita de sujeitos que pensem de maneira mais ampla e global, com um olhar mais abrangente. Assim, nos utilizamos das palavras de Tavares (2008), quando ela afirma que “a interdisciplinaridade é uma exigência do mundo contemporâneo” (2008, p. 135). A autora discorre sobre a questão em seu texto, apresentando o fenômeno como um “caminho da heterogeneidade”. Ao dissertar sobre o assunto em questão, ela o faz voltando-se para o papel do educador e sua relação com seus educandos. Afirma categoricamente que para uma prática interdisciplinar é necessário o diálogo, ação fundamental na elaboração de novas metas, e deve ser realizada de maneira democrática e coletiva. Neste sentido, para a pesquisadora, tudo isso envolve, em primeiro lugar, “uma tomada de consciência”, a qual irá reverberar na prática da profissão, e conseqüentemente, na formação daqueles que estão envolvidos no processo. Pautada em Paulo Freire, Tavares (2008) aponta a necessidade de

estabelecer o diálogo de forma contínua, com os pares iguais a nós e com os diferentes para consolidar a prática de ver, ouvir, falar, problematizar e agir, num exercício permanente do nosso "vir-a-ser", do nosso "tornar-se". Isto contribui para produzir outras práticas com o objetivo de intervir na realidade em que vivemos. (TAVARES, 2008, p. 136)

E, acrescenta dois ingredientes fundamentais ao educador, muito pertinentes também ao pesquisador: o estar incomodado com algo e o compromisso com sua proposta estabelecida. A analogia que é possível estabelecer nestes parâmetros se define pela existência do pesquisador frente ao seu objeto e a postura que assume com seu trabalho, e logo retomaremos esta

questão a fim de discuti-la. Por ora, voltemos à necessidade de se mudar o olhar para a ciência.

Marques e Rosa (2017) apontam que seu texto trata das “complexas transformações que vêm marcando a contemporaneidade” e influenciando a fragmentação do saber. De acordo com elas,

historicamente, assistimos sobre a inadequação do saber fragmentado das diversas disciplinas e, ao mesmo tempo, nos vemos com questões de ordem global e interdisciplinar. A reforma do pensamento e da educação parece, hoje, ser o maior desafio. Fragmentado em ambientes estanques, Educação Superior e Educação Básica tendem a tolher a atitude natural do espírito humano de contextualizar e globalizar. (MARQUES e ROSA, 2007, p. 11903).

Outros autores corroboram esta percepção. Tavares (2017), por exemplo, retoma Morin (2001) e mostra que

os desafios do mundo contemporâneo globalizado são inúmeros, como a inadequação de um saber fragmentado e compartimentado nas disciplinas escolares de um lado e de outro, as realidades multidimensionais, globais e planetárias que levam o indivíduo a aprender a separar a complexidade do mundo em frações, gerando a incapacidade de pensar sobre o contexto. (TAVARES, 2008, p. 143).

Trindade (2008) também aborda a questão da complexidade, ao afirmar que o complexo não é compartimentado, fragmentado, mas sim exige um olhar que possa conectar o homem a sua totalidade, ao seu entorno (2008, p. 72).

Neste sentido, é importante que pensemos nas seguintes questões: por que não trabalhar disciplinarmente o estudo proposto, uma vez que diversos setores da sociedade, como a educação, por exemplo, estão assim organizados? Qual a imprescindibilidade de se pensar o objeto em uma abordagem interdisciplinar, se nós, enquanto sujeitos, fomos constituídos de um modo fragmentado? Propomo-nos a esta discussão no próximo tópico.

2.4 A charge e a proposta interdisciplinar de estudo

Tendo em vista a abordagem realizada no tópico anterior sobre a compartimentação do conhecimento, retomamos aqui a questão sobre a postura do pesquisador frente ao seu objeto de estudo, assim como sua vida social.

Embora muito se fale sobre a neutralidade no fazer científico, é notório que os sujeitos são seres políticos, e, ao definirem seus estudos, suas metodologias, o campo sobre o qual irão se debruçar, já falam muito sobre si mesmos. Estão mostrando ao mundo sua existência, sua resistência, sua re-existência, sua postura diante da vida e do conhecimento. Esta postura se reflete na maneira como irá estudar/desenvolver sua pesquisa. Por exemplo: um cientista botânico tem a possibilidade de estudar um fenômeno ambiental que está impactando a vida da flora de um determinado espaço. Ele pode fazer a opção de estudar uma determinada alga que está sendo atingida, os índices de oxigênio e outros gases que estão sendo envolvidos, a expectativa de vida dela, ou também pode fazer a opção de debruçar-se sobre como o fenômeno está afetando, para além da flora, a comunidade local, a fauna, quem está causando o impacto, quais medidas poderiam ser tomadas para minimizar o evento. Está claro que a segunda opção necessitaria de mais que um profissional envolvido, de áreas diferentes do saber, e, portanto, de muito diálogo e trabalho coletivo. A escolha entre uma e outra opção não significa que a primeira não tem o seu valor científico. Muito pelo contrário, pois muitas das descobertas que já foram realizadas e fazem parte da nossa vida hoje provavelmente aconteceram dessa maneira. O fato é que o mundo, tal qual o conhecemos na contemporaneidade, apresenta situações que exigem uma perspectiva mais abrangente, muito própria do trabalho/pesquisa interdisciplinar. Pimenta (2008, p. 69) afirma que “em muitas situações a interdisciplinaridade é uma postura fundamental para o avanço do conhecimento científico e que, por isso mesmo, devemos concretizá-la”.

Assim, ao pensar a charge enquanto objeto inicial de estudo, muitas possibilidades poderiam ser analisadas, como a própria constituição do texto, atendo-se assim à área de linguagens e à concepção textual. No entanto, é visível que enquanto produto cultural, o texto chargístico é um discurso que veicula ideologia, provoca o humor, a crítica, possibilita e contribui para a formação de uma consciência cidadã e leitora, e, portanto, pode influenciar pessoas. Portanto, ao assumirmos esta postura diante de nosso objeto e considerarmos todas as características aqui expostas, seria inconcebível pensarmos em uma análise que o contemplasse do ponto de vista disciplinar. Se iniciarmos pela própria Análise do Discurso de linha francesa, embora seja considerada um só campo do saber por muitos, é de conhecimento público que ela é pautada na Linguística, na Psicanálise, e nas teorias Marxistas. Este fato, por si só, já nos permitiria uma análise do objeto com um olhar muito mais amplo do que considerá-lo somente um texto. Mas, para além da AD, outras áreas podem ser acionadas para auxiliar e colaborar no estudo, uma vez que ele propõe a observação da subjetividade em um período específico, a pandemia de Covid-19. Dessa maneira, é essencial que nos debrucemos

no evento a ser analisado do ponto de vista das Humanidades, pensando na crise sanitária que se estabeleceu.

Além disso, é importante analisarmos que, mesmo sendo um evento biológico, a pandemia tem afetado os sujeitos emocionalmente, financeiramente e socialmente, a ponto de suas angústias, frustrações, indignações e anseios serem retratados nos produtos vários pelos quais se expressam. É nesta perspectiva que surge a discussão de Fazenda (2008), ao dissertar sobre a interdisciplinaridade na pesquisa em Educação x interdisciplinaridade na prática educacional. A pesquisadora acredita que a partir da conjugação das disciplinas, cada um sai de seu lugar particular e trabalha em prol de algo conjunto. Para ela,

cada disciplina precisa ser analisada não apenas no lugar que ocupa ou ocuparia na grade, mas nos saberes que contemplam, nos conceitos enunciados e no movimento que esses saberes engendram, próprios de seu lócus de cientificidade. Essa cientificidade, então originada das disciplinas, ganha status de interdisciplina no momento em que obriga o professor a rever suas práticas e a redescobrir seus talentos, no momento em que ao movimento da disciplina seu próprio movimento for incorporado. (FAZENDA, 2008, p. 18)

A “necessidade de rever as práticas”, assim como movimentar a disciplina para a pesquisa, é uma ação própria do pesquisador que provocou deslocamento no seu modo de pesquisa, de atuação. Ela corrobora os predicativos expostos por Pimenta (2008, p. 72), quando este disserta sobre o perfil de um pesquisador interdisciplinar: “são necessárias modéstia, predisposição e liberdade intelectual”, além de “imaginação” (*ibidem*). A autora contrapõe estes adjetivos à vaidade intelectual e arrogância, aspectos que, infelizmente, estão muito presentes no meio acadêmico e é um impedidor do diálogo, do construir com o outro. Trindade (2008), por sua vez, pauta-se em Santomé para salientar que

também é preciso frisar que apostar na interdisciplinaridade significa defender um novo tipo de pessoa, mais aberta, mais flexível, solidária, democrática. O mundo atual precisa de pessoas com uma formação cada vez mais polivalente para enfrentar uma sociedade na qual a palavra mudança é um dos vocábulos mais frequentes e onde o futuro tem um grau de imprevisibilidade como nunca em outra época da história da humanidade. (SANTOMÉ, 1998, p. 45 *apud* TRINDADE, 2008, p. 72).

E, embora historicamente, Marques e Rosa (2017) afirmem que a interdisciplinaridade vinha se apresentando como “alternativa diante da fragmentação dos saberes” desde a segunda metade do século XX, esta ação nos parece muito tímida. As pesquisadoras apontam que o desenvolvimento e disseminação da tecnologia têm sido fundamental na necessidade de

se discutir, repensar e implantar práticas interdisciplinares, sejam na educação ou nas práticas profissionais. Elas acreditam que “se há pouco mais de um século todos os conhecimentos disponíveis podiam ser dominados por um único ser humano e cabiam dentro de uma pequena biblioteca, isto é atualmente inimaginável” (2017, p. 11908). E, assim,

o homem contemporâneo necessita especializar-se, fazer recortes restritos da realidade sobre os quais concentra seus conhecimentos. Parafrazeando Ianni (1993), a explosão do saber ocorrida no último século obrigou os intelectuais a delimitarem seus campos de conhecimento – processo que levou às superespecializações que caracterizam a ciência hoje (*ibidem*).

E, dessa maneira, o movimento da hiperespecialização gerou a necessidade do olhar do outro, para que as explicações de um fenômeno possam ser realizadas de modo mais amplo, tornando o todo significativo, e não compartimentado, ou seja, uma vez que cada sujeito “domina” uma determinada temática/área de conhecimento, é importante que dialoguemos com aqueles que possuem conhecimento complementar a nossa pesquisa. Se considerarmos que a linha de pesquisa na qual o trabalho foi proposto é denominada “Sujeitos de Discursos, Narrativas e Mobilidades”, que está intrínseca à área de concentração “Condição Humana na Contemporaneidade”, é notável a necessidade do diálogo entre várias áreas do conhecimento a fim de podermos compreender, analisar e discutir nosso objeto. De acordo com o texto divulgado pelo programa¹⁴:

esta linha de pesquisa deve seguir, portanto, o caminho da análise de fenômenos humanos relacionados à atuação e participação social, sendo relevantes como possíveis temas: a questão dos direitos; a atuação nos meios digitais de comunicação possibilitados pela Internet; a circulação dos discursos; a participação política e social; as narrativas midiáticas; o funcionamento da mídia em tempos de Internet; o estudo das redes sociais (digitais ou não); as rupturas causadas pelo embate entre o tradicional e o moderno; a multifacetação da condição humana, entre outras possibilidades.

Neste sentido, é possível relacionar ao nosso objeto de estudo, a charge, a várias possibilidades de abordagens mencionadas, partindo da premissa de que temos em pauta a produção de discursos; a interpelação de como eles se comportam em relação aos sujeitos contemporâneos e os permeiam na era da informação; a veiculação dos textos, antes realizada de maneira física e agora virtualmente, inclusive organizando narrativas midiáticas e dizendo sobre os sujeitos e para os sujeitos; sem nos esquecermos da condição humana que permeia os indivíduos nesta materialidade. Além disso, o programa salienta que “as sociedades

¹⁴ Este excerto faz parte do texto de divulgação do programa, no site oficial: www.ppgech.ufscar.br.

contemporâneas estão marcadas pela possibilidade de atuação e participação política, cultural, educacional e comunicativa diversa e intensa”¹⁵, e que atualmente isso se faz cada vez mais pelas mídias, principalmente as virtuais, envolvendo mais uma vez, a heterogeneidade dos saberes.

Fazenda (2008), ao discorrer sobre a incompletude da definição inicial do termo interdisciplinaridade, pauta-se em Fourez (2001), ao retomar o conceito de que há “duas ordens distintas, porém complementares, de compreender uma formação interdisciplinar de professores, uma ordenação científica e uma ordenação social” (FAZENDA, 2008, p. 18). A segunda questão é concernente à postura adotada para esta pesquisa, ou seja, um olhar interdisciplinar, pensando-se no objeto contextualizado em uma determinada materialidade histórica, que veicula determinados sentidos, mostrando subjetividades, e a relação entre elas (ou não! Esta é nossa concepção, vamos investigá-la). A saber, a pesquisadora afirma que

a segunda, então denominada ordenação social, busca o desdobramento dos saberes científicos interdisciplinares às exigências sociais, políticas e econômicas. Tal concepção coloca em questão toda a separação entre a construção das ciências e a solicitação das sociedades. No limite, diríamos mais, que esta ordenação tenta captar toda complexidade que constitui o real e a necessidade de levar em conta as interações que dele são constitutivas. Estuda métodos de análise do mundo, em função das finalidades sociais, enfatiza os impasses vividos pelas disciplinas científicas em suas impossibilidades de sozinhas enfrentarem problemáticas complexas. (FAZENDA, 2008, p. 19)

E, assim, justifica-se a opção pela abordagem interdisciplinar neste estudo com a charge, pensando-se que é um objeto cultural, produzido por um sujeito que deve ser considerado dentro do contexto que o constitui, das ideologias que o afeta, e, conseqüentemente, os sentidos que são produzidos por meio de seus textos e na relação destes com os prováveis interlocutores. Trindade (2008, p. 72) salienta que “para lidar com essa complexidade, a interdisciplinaridade se apresenta como uma possibilidade de resgate do homem com a totalidade da vida”, e que, apesar de ainda bastante estigmatizada, “é uma nova etapa, promissora, no desenvolvimento da ciência, onde o próprio conceito das ciências começa a ser revisto” (*ibidem*).

¹⁵ Idem anterior.

2.5 A resistência ao interdisciplinar: o que motiva esta postura nas práticas profissionais e acadêmicas?

A fim de iniciarmos uma reflexão a respeito desta questão proposta pelo título, vamos retomar a citação de Tavares (2008), ao se embasar em Morin, disposta na página 24 desta pesquisa. Ela enfatiza o fato da especialização intensa em partes menores, e a dificuldade dos sujeitos em pensar no contexto, de uma maneira mais abrangente.

A pesquisadora disserta em seu texto sobre uma pesquisa envolvendo idosos que se aproximaram do mundo educacional tardiamente. Ao explanar esta experiência, ela sinaliza que “O trabalho com as histórias de vida é uma abordagem fundamental utilizada como alternativa neste momento de grandes transformações pelas quais passa o mundo” (TAVARES, 2008, p. 143), e que “a modernização sem exclusão é um desafio mundial” (*ibidem*). Nesta fala é possível verificar que ela se reporta ao seu objeto de pesquisa, ou seja, os idosos, mas quando falamos em pesquisa podemos eleger outros recortes temáticos também muito significativos e necessários, tal como este. E, este cenário, de acordo com ela, “favorece o pensar interdisciplinar. Enxergar o futuro de forma global, com os olhos e os pés no presente, é salutar para desenvolver o otimismo com coragem e enfrentamento, pois o futuro não se prevê, o futuro se cria” (TAVARES, 2008, p. 144).

Diante de tudo o que já foi aqui exposto, é visível o quanto a abordagem interdisciplinar pode ser interessante e favorável a uma pesquisa acadêmica, assim como para as práticas educativas e profissionais do cotidiano. No entanto, ainda hoje, com vários estudos apontando nesta direção, nos deparamos com uma presença muito tênue da interdisciplinaridade na academia. Assim, nos questionamos: qual a contradição deste fenômeno?

Para discutirmos esta questão, vamos nos valer de Pimenta (2008), que aponta em seu texto algumas dificuldades enfrentadas por aqueles que escolhem a abordagem interdisciplinar. Segundo ele, é claro a todos os leitores de seu texto a importância e necessidade do processo em questão, mas é preciso que se reflita sobre os motivos que dificultam sua concretização. O primeiro impasse a ser colocado em pauta, de acordo com o pesquisador (PIMENTA, 2008, p. 69) é a “estrutura atual da ciência”, pois no presente há “uma grande quantidade de especializações dentro da mesma ciência” (*ibidem*), com uma extensa e volumosa produção bibliográfica. Ele salienta que, devido a este fato, um estudo realizado pela UNESCO há alguns anos, mostrou que em uma equipe de trabalho interdisciplinar, na qual os membros atuam coletivamente, o nível de conhecimento que um

profissional tem da ciência de seu colega estará sempre obsoleto, em ao menos cinco anos. No entanto, continua dissertando que

Em relação a esta dificuldade há hoje contratendências: a dificuldade maior deixou de ser no acesso à informação e passou a estar na seleção da mesma; a Internet e motores de busca da última geração permitem a localização de conhecimentos sobre um assunto segundo diversos pontos de vista, segundo várias ciências; a tendência da existência de uma única língua na comunicação científica; enfim, a velocidade da circulação da informação e a possibilidade do seu tratamento. (PIMENTA, 2008, p. 69)

Assim, em virtude desta situação, é aconselhável que profissionais de outras áreas do saber articulem a pesquisa dentro de um mesmo grupo.

Continuando em sua exposição, Pimenta afirma que a segunda adversidade que um pesquisador pode enfrentar ao optar pela abordagem interdisciplinar é a questão do que chamamos de vocabulário técnico de cada área, ou seja, cada ciência possui um “léxico próprio (...) um significado específico para cada termo, quase sempre diferente do atribuído por outras ciências” (PIMENTA, 2008, p. 70). Embora seja um obstáculo bastante inconveniente, o pesquisador aponta que não é intransponível. Como alternativa, ele aponta várias iniciativas no sentido de se organizar glossários de terminologias próprias a cada ciência. Este apontamento nos remete à discussão que Fazenda (2003) provoca a respeito da relação entre a abordagem interdisciplinar, a pesquisa e a língua/linguagem, pois é visível como esta nos afeta, tanto na compreensão dos estudos quanto na comunicação dos nossos resultados. Dessa maneira, vemos que dentre as muitas funções sociais que a língua assume em nosso cotidiano, “elaborar asserções sobre o mundo” (FAZENDA, 2003, p. 11) pode ser um deles. Neste sentido, em nossas pesquisas, utilizamos da linguagem para comunicar nossos resultados a respeito de nossas percepções acerca do recorte de “mundo” ao qual nos propomos.

Dando seguimento ao raciocínio desenvolvido por Pimenta (2008), nos deparamos com a terceira dificuldade neste percurso, que ele intitula como “o imperialismo de uma ciência”. O estudioso aponta que se uma determinada ciência acredita que ela consegue, por si só, estudar tudo aquilo que existe, e assim, não necessita de ponto de vista algum que não aqueles inerentes a ela, a interdisciplinaridade não lhe cabe.

Enquanto as agruras até então apontadas eram de caráter da ciência ou do grupo, do coletivo, o pesquisador aponta as próximas como “atitudes pessoais”, como já mencionado anteriormente neste capítulo. Para ele “a vaidade intelectual, a falta de curiosidade e de

imaginação” (PIMENTA, 2008, p. 72) são preponderantes no processo interdisciplinar. O pesquisador salienta que “uma investigação científica profícua exige uma atitude de modéstia da parte do investigador” (*ibidem*). E, para isso, é primordial

Um seu conhecimento do que sabe, mas também uma consciência do que não sabe. Avançar no desconhecido exige possuir referências fortes, o que se consubstancia numa estrutura de conhecimentos disciplinares e interdisciplinares, em percepção de metodologias de descoberta, mas também exige saber que há muitas coisas que não se sabe (PIMENTA, 2008, p. 72).

O autor cita, para ilustrar seu texto, a máxima de Sócrates, amplamente divulgada, “Só sei que nada sei”, a fim de frisar a importância de, enquanto pesquisadores, sermos conscientes da necessidade do aprender, do investigar, do trocar conhecimento, do despir-se da prepotência acadêmica. Ele indica que “A reconstrução da Ciência pode situar-se na continuidade do passado, mas também pode exigir uma ruptura, isto é, uma mudança radical de hipóteses de partida, de metodologias de investigação, de objecto teórico, de referências.” (*ibidem*), postura muito própria de um pesquisador mais aberto, interdisciplinar.

Para finalizar seu levantamento de razões que contribuem para a resistência encontrada hoje na pesquisa interdisciplinar, Pimenta sinaliza algumas questões relacionadas à tese, tais como “os processos burocráticos, desde a aceitação da tese à escolha do júri de avaliação” (2008, p. 74), e, conseqüentemente, o trabalho mais árduo, uma vez que o pesquisador desloca seu lugar para estudar, analisar e compreender seu objeto a partir de conhecimentos que não lhe são os mais íntimos, devendo assim, debruçar-se com mais afinco na bibliografia da nova área.

Dessa maneira, é claro porque a abordagem em questão é tão contraditória e antagonizada por tantos profissionais. No entanto, é visível, diante de todos os aspectos aqui expostos para reflexão, que algumas questões não são passíveis de serem estudadas no âmbito disciplinar, ainda mais se considerarmos nossa materialidade histórica. A contemporaneidade, assim como as discussões que são propostas a partir deste recorte temporal, demandam uma reflexão da condição dos sujeitos que nela estão inseridos. Assim, é imprescindível falar sobre como os indivíduos são afetados pela condição imposta pelo regime capitalista que nos impele em um regime de trabalho e consumo que colabora para nossa constituição, assim como das relações intrínsecas do mundo híbrido entre a realidade e o virtual, espaços que hoje já não são possíveis de se desarticularem das nossas necessidades.

Nesse sentido, se pensarmos em nosso objeto de pesquisa, a charge e as subjetividades que ela mostra, com as quais ela se relaciona, e na contribuição para a produção enquanto sentido, é imprescindível abordarmos a questão do sujeito, da veiculação destes discursos, dos efeitos alcançados nestes novos espaços de circulação, de como a língua nos possibilita esta existência social e, muitas vezes, a condição de resistência. Além disso, nosso tempo traz a imprescindibilidade da reflexão da imagem como significadora e detentora de saberes e ideologia, uma vez que a velocidade da veiculação produz a urgência do olhar (entre outras questões várias¹⁶).

Para finalizar, é possível verificar que apesar de todas as dificuldades enfrentadas no processo interdisciplinar, ele é visivelmente uma opção mais abrangente para a pesquisa, e nos possibilita compreender melhor os fenômenos de nosso tempo. Marques e Rosa (2017) acreditam que

entendemos a necessidade em romper com a tendência fragmentadora e desarticulada do processo do conhecimento, que se justifica pela compreensão da importância da interação e transformação recíprocas entre as diferentes áreas do saber. Essa compreensão crítica colabora para a superação da divisão do pensamento e do conhecimento, que vem colocando a pesquisa e o ensino como processo reprodutor de um saber parcelado que, conseqüentemente, muito tem refletido na profissionalização, nas relações de trabalho, no fortalecimento da predominância reprodutivista e na desvinculação do conhecimento do projeto global de sociedade. (MARQUES e ROSA, 2017, p. 11913).

Diante disso, a relação entre os saberes, em seus diferentes níveis, pode colaborar para a formação de uma sociedade que pense o trabalho, o indivíduo e suas relações de maneira mais holística, mais integral.

¹⁶ Podemos pensar na imagem como fonte importante de significação se considerarmos que atualmente temos um investimento muito intenso no marketing e propaganda, fato que tem condicionado nossos olhares para o discurso não verbal muito mais do que para o verbal. Para além desta, podemos considerar as dificuldades de leitura efetiva – níveis de alfabetização díspares em nosso país, se pensarmos no contexto nacional. E, como movimento global, a intensificação do uso da imagem nas redes sociais – Facebook, Instagram, entre outras - valorizando um estilo de vida pautado em padrões impostos socialmente e reforçado por fotografias muito bem captadas – resultado dos aparelhos celulares com câmeras cada vez melhores, aumento do número de influenciadores digitais, tutoriais disponíveis sobre captação de imagens etc. O filósofo Byung Chul-Han aborda a questão da existência de um cenário na vida cotidiana e investimento neste evento em sua obra “Sociedade da Transparência” (2017). Nela o autor discute a questão de como o sujeito contemporâneo tem tentado se tornar “igual” ao outro, na exploração dos padrões estipulados pela sociedade, afetados pela ‘overdose’ de imagens e uso das redes sociais.

2.6 A pandemia de COVID-19: contexto de produção das charges

Considerando o que foi discutido nos tópicos anteriores, é de suma importância contextualizar o cenário nos quais os textos que compõem o *corpus* foram produzidos, e que influenciou a organização do recorte tal qual ele se apresenta nesta pesquisa.

A pandemia de Covid-19 se configurou um período antes não imaginado por nossa geração, em escala global. Englobando os anos de 2020 e 2021, iniciou-se com o primeiro caso registrado oficialmente na China, em dezembro de 2019. Parecia ser apenas mais um evento epidêmico dos que já assolaram alguns países distantes do nosso, e, portanto, seria contido e não nos afetaria diretamente (como a mais recente epidemia de Influenza aviária¹⁷ na Ásia em 2003, ou a chamada Gripe suína, em 2009 na América do Norte). Apontado como a origem da disseminação do vírus, o mercado de frutos do mar de Huanan, na cidade de Wuhan, foi palco de diversas críticas, desde os hábitos alimentares – uma vez que neste espaço há a comercialização de animais silvestres, vivos e/ou mortos, possível veículo de transmissão –, até questões envolvendo confabulação política e guerra biológica. De maneira geral, os noticiários apontavam diariamente o coronavírus se alastrando pelo território chinês, fazendo cada vez mais vítimas, e estabelecendo o temor na população.

Concomitantemente, era notável a luta dos profissionais da saúde para entender o vírus e as condições por ele provocadas, ao mesmo tempo em que trabalhavam nas pesquisas buscando um caminho para o atendimento dos infectados e enfrentamento da doença. O mundo se compadeceu pela China, apesar das especulações, e começou a analisar cada questão do evento como se ele estivesse circunscrito somente naqueles limites territoriais. A partir da constatação da contaminação rápida pelas vias aéreas, o governo chinês se mobilizou, e o isolamento social, chamado de quarentena, foi iniciado. Além disso, foram enviados a Wuhan representantes da Comissão Nacional de Saúde e do Centro de Controle de Doenças da China, os quais iniciaram as pesquisas para estabelecer os primeiros protocolos na identificação e tratamento daquela que, naquele momento era uma doença desconhecida, mas muito parecida com a pneumonia. O Instituto de Virologia de Wuhan também se mobilizou, e logo conseguiu desenvolver um kit de testagem para o novo vírus. A cidade foi isolada para que o vírus não fosse transportado a outras localidades, e a sociedade se envolveu no processo de controle da população por meio das lideranças de bairro. A crise havia se instaurado naquele país, provocando medo pelo desconhecido, mas ele ainda parecia longínquo, e a

¹⁷ Caso o leitor deseje relembrar este evento, poderá encontrar maiores informações em artigos disponibilizados nas referências bibliográficas.

mobilização do governo com a sociedade em prol da contenção do vírus e da doença chamaram a atenção de todos que acompanhavam a tragédia, principalmente pela prioridade em preservação da vida.

No entanto, com todos os olhos voltados para Wuhan, muitos nos esquecemos que vivemos em um mundo globalizado, sem fronteiras. E, no dia 13 de janeiro de 2020 o primeiro caso fora do território chinês foi notificado: o coronavírus tinha chegado até a Tailândia. Ainda em janeiro, alguns casos foram notificados na Coreia, na América do Norte (15/01/2020 – EUA), e na Europa (22/01/2020 – França). E, dessa maneira, o vírus era agora globalizado, havia viajado e estava se espalhando para todos os cantos habitados (levado, é claro, pelos humanos).

Enormemente atingida, a Itália foi um dos primeiros países a apresentar um cenário um pouco distinto daquele vivenciado em Wuhan. Com cultura e regime político diferentes daqueles existentes em território chinês, o vírus na Europa e nas Américas pareciam ainda mais severos, intensificando as diferenças sociais e evidenciando o despreparo do sistema de saúde em atender um número tão grande de pessoas adoecidas por uma moléstia desconhecida. Como acolher de maneira humanizada e profissional? Quais as alternativas para espaços maiores e com mais leitos? Onde angariar verbas para tal fim? Quais os protocolos de tratamento adequados para a doença e a não contaminação? Eram muitos os questionamentos, mas os profissionais de saúde estiveram firmes desde o primeiro momento.

Caracterizada como uma crise sanitária, a Pandemia de Covid-19 logo se evidenciou também uma crise com outras facetas: ideológica, social, financeira, política, e, sobretudo, humana. Em cada país foram notadas as suas especificidades, em maior ou menor evidência, de acordo com as características do lugar onde passava. González (2020) discorre sobre esta fragilidade, a qual nos atinge enquanto corpos biológicos, uma vez que o vírus atinge as vidas sem fazer restrição (aqui fazendo menção à discussão entabulada por Judith Butler¹⁸), mas também em outros âmbitos. Ele afirma que “a fragilidade biológica também atualiza uma de ordem ontológica”¹⁹ (2020, p. 140), e pontua algumas mudanças que se fizeram necessárias,

¹⁸ BUTLER, Judith. **El capitalismo tiene sus limites**. Publicado inicialmente em versobooks.com e traduzido para o espanhol por Anabel Pomar para lavaca.org, em 19/03/2020. O artigo é um dos capítulos da obra coletiva *Sopa de Wuhan* (p. 59 – 65), referenciada aqui neste trabalho. Nele a autora discorre sobre a imparcialidade do aspecto biológico do vírus, mas traz à tona as questões provocadas pelas diferenças sociais que, consequentemente atuarão na crescente contaminação e proliferação da doença, como a impossibilidade de isolamento social pelas comunidades mais pobres.

¹⁹ Citação no idioma original, tal qual se encontra no texto lido “La fragilidad biológica actualiza también una de orden ontológica” (2020, p. 140). Tradução nossa no corpo do texto.

de ordem social, financeira, entre outras, como por exemplo a suspensão de projetos e o isolamento social.

E, ao chegar ao Brasil, encontrou terreno fértil para crescer em cada uma das suas particularidades. Envolvido em uma polarização ideológica muito intensa desde as eleições de 2018, o povo brasileiro tem enfrentado (e ao mesmo tempo proferido se considerarmos a totalidade da população) a intensificação dos discursos intitulados de ódio, que são credibilizados pelas manifestações do atual governo. Empossado em 01/01/2019, o atual presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, tem apresentado um discurso de intolerância contra as minorias marginalizadas, como é do conhecimento público, além de uma fala agressiva e/ou pejorativa contra a comunidade LGBTQIA+, indígenas, mulheres, negros, entre outros. Com uma campanha eleitoral pautada na luta contra a corrupção, o atual governo ganhou a confiança de milhares de brasileiros descontentes com os escândalos de corrupção que vinham assolando o nosso país, além, é claro, de potencializar seu séquito de seguidores, credibilizando discursos de ódio, de intolerância, de defesa dos empresários, de determinadas correntes evangélicas, e à família tradicional. Appadurai (2019) corrobora este fato ao discorrer sobre a ascensão crescente de líderes populistas nos últimos tempos, ao redor do globo. Para ele, “os líderes que ascenderam nos novos movimentos populistas têm estilos tipicamente xenófobos, patriarcais e autoritários” (2019, p. 20), e “os seguidores talvez partilhem de algumas dessas propensões, mas também estão assustados, zangados e ressentidos com o que a sociedade em que vivem fez por e com eles” (*ibidem*), e, nesse sentido, é um processo que parece claro e natural “que esses perfis se encontrem, principalmente nas eleições” (*ibidem*).

A crise que tensionava o país já era grande quando a pandemia chegou em território brasileiro no final de fevereiro de 2020. Com as orientações da OMS – Organização Mundial de Saúde sobre a necessidade da quarentena, em 15/03/2020, a Pandemia de Covid-19 no Brasil passou a ser muito mais uma crise política do que sanitária.

As *fake news*²⁰, fenômeno tão presente na contemporaneidade, já eram apontadas na corrida eleitoral e passaram a ser veiculadas com muita frequência a “serviço da desinformação”. Além disso, a polarização existente no campo político migrou para a

²⁰ *Fake news*: em tradução literal do inglês, é um termo que significa notícias falsas. Apropriada em nosso país, a expressão passou a ser utilizada sem tradução e, infelizmente, é um fenômeno muito presente em nosso tempo. As *fake news* podem ser notícias criadas de maneira falsa ou adulteradas a fim de prejudicar algo ou alguém, comprometendo sua credibilidade. A internet possibilita uma veiculação em tempo muito rápido, além de atingir um número massivo de pessoas, fato que potencializa o evento. Além disso, notícias antigas também podem ser publicadas (ou utilizadas em novas publicações), descontextualizadas, em outras situações daquelas que as originaram, possibilitando produção de sentidos diversos.

temática da pandemia, de acordo com aquilo que gera confiabilidade nos discursos: a ciência, a liderança política, a bancada religiosa etc. Isso pode se justificar se pensarmos que “ser significa comunicar... O homem não possui um território interior soberano, ele está inteiramente e sobre uma fronteira; olhando para o interior de si, olha nos olhos do outro ou através dos olhos do outro” (MAINGUENEAU, 2007, p. 35), e assim os sujeitos e/ou instituições representativos na comunidade credibilizam os discursos com os quais nos identificamos e, conseqüentemente, acreditamos e passamos adiante.

Maingueneau (2020) chama a atenção para alguns tipos de discurso que a pandemia de Covid-19 possibilitou na investigação ainda inicial da doença: o do perito, aquele que é científico (pensando nos profissionais da saúde e no corpo de pesquisa); o do governo, que deve tomar decisões, mas baseadas nas orientações dadas pelos peritos; o do sujeito comum, que não é contemplado nesse momento. E, segundo o linguista, logo o contexto indica a necessidade de um comitê interdisciplinar na contenção e pesquisa da crise, englobando vários profissionais: infectologistas, fisioterapeutas, pneumologistas, entre outros. E logo depois, a criação de outros comitês começa a surgir, pensando-se na administração da crise (questões de ordem social, acolhimento da população, mercado etc.). No Brasil, tivemos, desde o início, um impasse entre alguns tipos de discurso. No primeiro momento, ele aconteceu em campos semânticos distintos, ou seja, o científico e o governamental, uma vez que o governo federal minimizava a situação e a comunidade científica, na voz da OMS, orientava a população a adotar medidas preventivas. Posteriormente, por influência deste antagonismo existente, as diferenças começaram a surgir dentro do mesmo campo discursivo. Como exemplo podemos citar: medicina que apoia as decisões científicas x médicos que experenciam medicamentos e procedimentos sem comprovação científica (como o tratamento preventivo com hidroxicloroquina); governo federal: presidente que minimiza a crise x ministro da saúde que solicita mais atenção às medidas preventivas; posicionamento do governo federal contrário aos governos estaduais e/ou municipais; entre outros.

O fenômeno do negacionismo²¹, já presente na contemporaneidade, é intensificado durante a crise pandêmica, uma vez que alimenta o anticientificismo, tão descabido neste

²¹ Oliveira (2021), pautado na concepção de discurso tópico e atópico de Maingueneau (2010), apresenta uma análise de alguns discursos utilizados pelo então presidente brasileiro, assim como de alguns de seus apoiadores e colaboradores, no contexto da pandemia de Covid-19. De acordo com o linguista, as pessoas aqui citadas apresentavam-se como especialistas em alguma área, mas negavam as medidas propostas pela OMS para contenção do vírus, alegando “exagero”, “teoria da conspiração”, entre outras. Para ele, o discurso negacionista nesta determinada situação tornou-se assim, contraditório. Além disso, uma vez que os discursos atópicos “são relegados à clandestinidade” (p. 01), esperava-se que eles não fossem levados em consideração. No entanto, ao serem proferidos por uma figura pública, de alta importância no cenário governamental, assim como de pessoas de sua confiança, acabou credibilizando o negacionismo naquela parcela da população que antes sentia-se

momento de busca de possibilidades para o tratamento da doença e sua prevenção. Orientado pelo caráter negacionista, o discurso apresentado pela figura presidencial brasileira corrobora o que González (2020) apontou como “gestão da morte realizada por alguns governos”, “delegando” à comunidade a árdua tarefa de lutar pela vida. Em 16 de março de 2020, no início da pandemia no Brasil, o presidente apareceu sem máscara em público, para dialogar com um grupo de apoiadores na entrada do Palácio do Alvorada, e afirmou categoricamente que “a crise não era para tanto, uma vez que na China tudo já estava quase acabando”. Naquela data, a contagem de vítimas pelo coronavírus no mundo já havia atingido a marca de 6.513 pessoas. No dia seguinte, nosso país teve a primeira morte noticiada, e seu discurso enquanto líder da nação foi uma crítica às medidas tomadas para contenção da pandemia, uma vez que, na opinião dele, “medidas tomadas por 'alguns governadores' contra o surto da doença 'vão prejudicar em muito a nossa economia (...) esse vírus trouxe uma certa histeria” (CNN Brasil, 2020, *online*).

A partir dessas considerações, podemos pensar sobre quais são as medidas necessárias para que um líder demonstre consideração e cuidado com a população, para que todos sintam-se minimamente seguros. Aliado a isso, é urgente que nos debruçemos sobre os discursos que nos interpelam, considerando a coerência de cada um com a postura daqueles que os veiculam: eles funcionam como manipulação, denúncia, informação? Apoiam um plano de governo?

Para problematizar estas questões que incidem diretamente na condição humana do indivíduo contemporâneo, nos dedicaremos à análise de alguns textos, de maneira concisa.

desprestigiada. O pesquisador aponta ainda alguns resultados da análise realizada neste trabalho, focando no fato de que este tipo de discurso apresenta “estratégias argumentativas que obscurecem os sentidos” (*ibidem*), e o “emprego de argumentos retóricos para dar a aparência de debate legítimo àquilo que não tem legitimidade, com o objetivo principal de rejeitar uma proposição sobre a qual exista um consenso científico” (OLIVEIRA, 2010, p. 03, *apud* HOOFNAGLE, 2006). A “opacidade de sentidos” gerada por expressões dúbias ou sugestivas fortaleceu o panorama de incerteza, medo e angústia já existente, colaborando para o quadro negativo e nefasto que vivenciamos neste período pandêmico.

3. CONSIDERAÇÕES SOBRE LÍNGUA E DISCURSO NA EXISTÊNCIA HUMANA

Se pensarmos na concepção de discurso tal qual o citamos na introdução, veremos que língua e discurso não são a mesma coisa, mas que este *implica naquela*. Ao explorarmos as definições e abordagens, seja pela Análise do Discurso de linha francesa, seja por Bakhtin ou Foucault, apesar de algumas diferenças entre elas, veremos que todas têm em comum o fato de trazer para o discurso a condição de abranger uma série de enunciados, ou textos, e que estes, de maneira geral, estarão envolvidos com as condições de produção e circulação. Assim, podemos nos valer da definição de Maingueneau em *Gêneses dos Discursos* (2007), ao postular que “entenderemos como “discurso” uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas” (2007, p. 15). Ao iniciar sua abordagem sobre o tema, o autor resgata a definição de Foucault para colaborar na explanação: “chamaremos discurso um conjunto de enunciados na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva... ele é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência”. (MAINGUENEAU, 2007, p. 20).

Nesse sentido, vemos que, embora um discurso apresente uma série de enunciados, ao ser apresentado para sujeitos de épocas diferentes, condições sociais distintas, com crenças díspares, pode ser também entendido de maneiras diferentes, pois a conjuntura dada influencia na produção desses sentidos, assim como a retomada de discursos anteriores e os valores em circulação que nos atravessam. Seria ilusão de nossa parte imaginarmos que somos totalmente ‘donos’ de nossos dizeres, pois como já afirmava Foucault (1999) em *A ordem do discurso* “no momento da fala uma voz sem nome me precedia há muito tempo” (p. 05). A respeito deste fato, é importante pensarmos nos pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa sobre o processo de assujeitamento aos discursos e ideologias aos quais estamos submetidos. Orlandi (2007, *online*) afirma que:

não há sujeito nem sentido sem o assujeitamento à língua. Quando nascemos não inventamos uma língua, entramos no processo discursivo que já está instalado na sociedade e desse modo nos submetemos à língua subjetivando-nos. (...) Quando dizemos que o sujeito, para se constituir, deve submeter-se à língua, ao simbólico, não estamos dizendo que somos pegos pela língua enquanto sistema formal, mas sim pelo jogo da língua na história, na produção de sentidos. (...) O sujeito se submete à língua(gem) – mergulhado em sua experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar(se) – em um gesto, um movimento sócio-historicamente situado em que se reflete sua interpelação pela ideologia.

Se nos “significamos pela linguagem” e toda a materialidade a atravessa, enquanto discurso, é nítido que os sujeitos se manifestam de maneiras diferentes, assim como em proporções e espaços também distintos. Nesse sentido, é importante saber identificar quais são os sujeitos que se manifestam pela linguagem e ocupam estes espaços, e quais são aqueles invisibilizados pela dinâmica existente na vida em sociedade. A partir dessa premissa, é fundamental que pensemos no “não dizer” – ou silêncio: ele é também um dizer ou podemos afirmar que é o silenciamento e a ocupação pela presença da linguagem? Além disso, é imprescindível e urgente uma reflexão zelosa a respeito do que nossos discursos dizem a respeito da nossa “humanidade”, da nossa condição de ser social, estar no mundo e nos relacionarmos com os outros, uma vez que ele é a própria condição de existirmos socialmente. Dessa maneira, podemos pensar que os textos são percebidos e interpretados pelos sujeitos a depender de sua vinculação ou não com os discursos presentes nas charges. Consequentemente podem contribuir para a afirmação ou rejeição desses discursos e das subjetividades associadas a eles. Adicionalmente podem contribuir, no complexo das relações interdiscursivas, com a produção de diferentes subjetividades ou ainda com a alteração daquelas existentes.

Considerando-se que o momento histórico pelo qual passamos atualmente, a saber, a pandemia de COVID-19²², é um evento de proporção global e catastrófico, é fundamental que investiguemos como o sujeito contemporâneo está sendo interpelado pelos discursos sobre esta crise sanitária. Além disso, faz-se necessário examinar quais são as condições sociais e ideológicas que colaboram e possibilitam a constituição do sujeito nesse cenário, uma vez que, apesar da crise ser global, ela não se inscreve na história da mesma maneira para todos.

3.1. A linguagem na vida em sociedade: da imagem ao signo

Quando Antônio Cândido (2004, p. 174) disserta sobre o direito do homem à literatura, a partir da sua necessidade de fabulação, ele nos faz refletir sobre algo que vai para além da escrita enquanto arte. Na verdade, a relação do homem com a linguagem, com a comunicação, ou melhor, utilizando-se dela para relacionar-se com os outros e com o meio no qual vive, é um fenômeno que transcende o campo abstrato e adquire forma quase física.

²² Pandemia de COVID-19: fenômeno descrito no capítulo 2, item 2.6.

Desde o início da existência do ser humano na Terra, ele tem demonstrado este fato. Comunicar-se oralmente com o seu semelhante não era suficiente, e surge uma necessidade do registro para a posteridade, para ‘corporificar’ sua passagem pelos espaços. Muitos deles, encontrados em trabalhos arqueológicos, apontam para oito mil anos A.C., e são desenhos classificados como bastante rudimentares na parede das cavernas, retratando os acontecimentos do cotidiano, tais como caçar, pescar, entre outros.

Atualmente as necessidades são múltiplas e diversas, mas algumas ainda são tão básicas quanto aquelas apresentadas por nossos ancestrais. Uma prova cabal disso é que mesmo quando estamos sozinhos (ou vivemos só) desenvolvemos o hábito de dialogar com nós mesmos, seja em voz alta ou mesmo em nosso interior; às vezes com nossos animais de estimação e/ou plantas; com diários (pela escrita) etc.

A contemporaneidade tem colaborado de maneira incisiva na multiplicidade da comunicação, e conseqüentemente dos gêneros discursivos, uma vez que eles surgem a partir de necessidades da nossa vivência. No entanto, por muito tempo ao longo da história da humanidade, uma grande parcela da população não teve acesso à linguagem escrita. Isso se deve ao fato de que o ensino institucional era restrito àqueles com maior poder aquisitivo, pertencentes a nobreza, e aos homens. Em nosso país este cenário era ainda mais desolador, pois vivemos um longo período na condição de colônia de exploração, sem muitos investimentos e perspectivas, com tudo direcionado à metrópole. A maioria da nossa população, até o século XIX, era constituída por pessoas que estavam à margem da sociedade, sem acesso a uma condição digna de vida, tais como negros escravizados, indígenas e imigrantes pobres. A nobreza e pessoas ligadas a ela conseguiam ter acesso a este saber deslocando-se para a Europa, e estudando nas universidades de lá, ou ainda com tutores particulares em casa.

Com a vinda do rei D. João VI ao Brasil, já na segunda metade do século XIX, a colônia recebeu muitos investimentos para que ficasse adequável à vida do monarca e seu séquito, e, dessa maneira, foram construídas universidades, teatros e outros centros de cultura e desenvolvimento da vida em sociedade.

Voltando aos registros humanos primitivos, é importante lembrar que os registros encontrados nas cavernas não migraram imediatamente ao signo escrito. Burke (2017) faz uma análise detalhada da imagem como evidência histórica, apresentando várias de suas particularidades. Aspecto imensamente relevante trazido pelo historiador é a imagem enquanto protagonista do efeito semântico, da produção de sentidos enquanto enunciado, e não somente como ‘apoio’ ou como coadjuvante ao significado do signo verbal. Para ele, ao

longo da história, as imagens foram utilizadas de muitas maneiras, e “independentemente de sua qualidade estética, qualquer imagem pode servir como evidência histórica” (p. 28).

É importante salientar que, entre o período dominado pela linguagem imagética até aquele no qual a linguagem escrita foi predominante, o signo verbal existiu, mas em forma de linguagem oral. Ela foi predominante na vida em sociedade, e principalmente até a Idade Média, temos poucos registros de textos escritos, sendo que este acesso era muito restrito ao clero (como temos conhecimento dos monges copistas, por exemplo, antes da invenção da imprensa).

Das figuras ao discurso oral, e deste à linguagem verbal escrita, o ser humano vai se relacionando em sociedade por meio do processo comunicativo, de maneira ‘artesanal’ e direta até nos depararmos com algumas tecnologias que intensificam este processo e amplificam o público a ser atingido. Uma das primeiras foi a invenção da imprensa por Johann Gutemberg, no século XV, e seu processo de melhoria no século XVIII (este último que realmente impulsionou e possibilitou o acesso ao discurso escrito verbal. Isso foi possível porque nesse momento histórico o surgimento da burguesia havia permitido a ascensão econômica de parcela da população, e esta, por sua vez, maiores oportunidades com o ensino). Com uma maior circulação do jornal escrito, alguns textos literários também foram ganhando espaço neste veículo, e no século XIX surgem os folhetins²³, atraindo a atenção de um público mais diversificado e despertando o interesse e a curiosidade.

No entanto, embora as figuras tivessem feito parte de grande parte do princípio da história do ser humano, naquele momento da história, o signo verbal estava predominando, e, nos jornais, a linguagem escrita era quase total, sem espaço para a linguagem imagética. Romualdo (2000, p. 21) comenta essa situação, afirmando que “inicialmente, os jornais eram compostos apenas por textos verbais, sem ilustrações. Estas foram ganhando espaço na imprensa, devido a fatores como o aperfeiçoamento nas técnicas de reprodução e a propensão do público a consumir jornais ilustrados”. Segundo o autor, para nós que vivemos em uma sociedade saturada pelo signo imagético, este é um fato que não consideramos, “que muitas vezes não somos capazes de fazer uma ideia da aparência monótona que tinham os jornais dos primeiros tempos” (*ibidem*). Importante pensarmos na velocidade da evolução da imagem –

²³ Folhetim: durante a escola literária do Romantismo, no século XIX, desenvolveu-se o gênero do folhetim, que era uma narrativa publicada em um jornal ou revista, de acordo com sua periodicidade, capítulo a capítulo (muito semelhante às novelas televisivas atualmente). Normalmente ao finalizá-la, as obras eram compiladas e editadas como romance. Um exemplo disso é o clássico Memórias de um Sargento de Milícias, de Manuel Antônio de Almeida, que foi lançado em "A Pacotilha" - o suplemento literário do jornal "Correio Mercantil", do Rio de Janeiro, entre 27 de junho de 1852 e 31 de julho de 1853.

possibilitada pelo desenvolvimento e acesso às tecnologias e na amplitude de sua existência enquanto elemento influenciador da nossa linguagem e das nossas relações, se considerarmos o quão breve ela foi introduzida na imprensa, por exemplo. Romualdo (*ibidem*) afirma que “nos Estados Unidos, a primeira gravura usada para ilustrar uma reportagem em jornal foi publicada em 1835, por James Gordon Bennett”. Vemos assim uma linearidade de menos de dois séculos, em algo totalmente corriqueiro atualmente, ou seja, a gravura publicada por Bennett “tentava mostrar a bolsa dos comerciantes, em Nova York, que se havia incendiado naquele ano” (*ibidem*), complementando a notícia escrita em signo verbal. O signo imagético, além de ilustrar o signo verbal, tal qual apontado em sua origem, vai também ganhando espaço enquanto significação própria e discurso independente, se considerarmos que alguns deles não são acompanhados um do outro e produzem seu próprio sentido.

Apesar do acesso ao signo verbal ir ampliando sua utilização e produção conforme contextualizamos nesta trajetória, o signo imagético também acompanhou este processo e sua utilização foi sendo amplificada, processo favorecido pelo desenvolvimento tecnológico e social. Depois das melhorias na imprensa, foi a vez da fotografia, do cinema, da televisão, da publicidade, do computador, e tudo isso nos trouxe à era digital e à sociedade da imagem. Atualmente, ela ganhou um espaço ainda mais potente do que aquele que motivou sua criação. Para além de se comunicar e registrar seu cotidiano, o signo imagético pode ocupar todos os espaços na atualidade – na arte, na publicidade, na política, na educação, no espaço digital, entre outros -, informando, formando, influenciando os sujeitos em suas existências sociais.

Burke (2017), ao abordar a “arte documentária”, chama os produtores desta arte de “artistas repórteres”. Ele salienta que, apesar de serem imagens que, teoricamente estariam retratando um acontecimento – sejam elas pinturas ou fotografias -, “seria imprudente atribuir a esses artistas repórteres um “olhar inocente” no sentido de um olhar que fosse totalmente objetivo, livre de expectativas ou preconceitos de qualquer tipo. Tanto literalmente quanto metaforicamente, esses esboços e pinturas registram “um ponto de vista” (p. 32). No capítulo 1 de sua obra, ao discorrer sobre “Fotografias e Retratos”, ele aborda o conceito de “retrato, espelho ou forma simbólica” ao problematizar alguns exemplos tidos como realistas. Para ele, o termo “câmera inocente” é bastante complexo, assim como se pensarmos na escrita totalmente objetiva. Burke (2017) afirma que “sejam eles pintados ou fotografados, os retratos registram não tanto uma realidade social, mas ilustrações sociais, não a vida comum, mas performances especiais” (p. 44), tal qual vemos em nosso tempo. Se analisarmos os retratos antigos veremos as famílias em pose, um padrão para as fotografias de crianças (roupas e

poses semelhantes), entre outros exemplos. Se refletirmos, veremos que podemos relacionar este conceito com as questões problematizadas por Han (2017) em *A Sociedade da Transparência*, ao afirmar que vivemos na era da exploração da imagem, da exposição de uma figura ideal ao outro (não exatamente da vida que vivemos, mas da vida que se almeja como ideal). Neste sentido, é possível verificar que alguns padrões de comportamento humano social acabam se perpetuando, apesar do desenvolvimento em várias áreas – como tecnológica e científica, por exemplo.

Assim, vemos que a imagem enquanto discurso não é isenta da ideologia daquele que a produz ou veicula. Faz-se então indispensável salientar a discrepância existente entre os sujeitos que têm consciência da sua influência semântica e discursiva e a exploram, e aqueles que a julgam como mínima e não significativa. Este fato, muitas vezes, pode ser resultado de uma proficiência de leitura deficiente e ausência de outros textos e/ou discursos para fazer as relações necessárias a fim de estabelecer sentidos para um signo imagético. De maneira geral, é um fato que não pode ser desprezado.

3.2. Charge: estabelecendo a existência na história

A charge é um gênero discursivo que surpreende pela versatilidade, ao englobar várias funções em si mesma. Pilla e Quadros (2009, p. 226) afirmam que “ela pode ser considerada uma prática discursiva situada no cosmo das relações entre o linguístico e o histórico-social”, pois sua materialidade está intimamente ligada a um acontecimento real, advindo de uma notícia, e normalmente política. Ao escrever seu texto, o chargista, por meio da junção do texto verbal e imagético, consegue estabelecer uma sequência narrativa, elaborar uma crítica, e na maioria das vezes, envolver humor neste processo, provocando o riso.

Romualdo (2000), ao conceituar o gênero discursivo, afirma que “compreenderemos a charge como o texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento político específico” (p. 33). O autor acrescenta que “por focalizar uma realidade específica, ela se prende mais ao momento, tendo, portanto, uma limitação temporal” (*ibidem*), e deve atender o interesse do público leitor. De caráter originalmente caricatural, a charge está intimamente ligada ao universo dos textos jornalísticos.

Em seu trabalho, ele elabora um resgate histórico sobre o gênero em questão e indica sua existência desde o final do século XIX. No entanto, o autor revela que os primeiros registros de caricaturas e charges datam de períodos anteriores a este, e estavam ligados à

Revolução Francesa, de 1789, na França, e à Revolução da Independência, em 1776, nos EUA. Vale lembrar que nos primórdios ela estava muito ligada à questão da imagem e da caricatura e não apresentava as mesmas características atuais, mas a essência da crítica já era clara.

Como mostrado no tópico anterior, as imagens foram sendo inseridas no jornal impresso gradativamente, e isso inclui as charges. Romualdo (2000) salienta que “presos às práticas antigas de publicação, os proprietários dos jornais tinham certa resistência a publicar gravuras. Os jornais que adotavam tal prática só o faziam escassamente, podendo passar muitos meses entre a publicação de uma ilustração e a seguinte” (p. 22). Ele usa como exemplo Joseph Pulitzer que utilizou a técnica de xilografia em seu jornal, o qual depois disso teve a circulação ampliada. No entanto, ele não atribuiu à inserção do signo imagético este resultado e, incomodado com elas, resolveu cancelá-las. Com esta ação, a circulação apresentou uma queda considerável, e a partir deste resultado negativo ele conseguiu analisar o evento e repensar as estratégias de publicação.

Nesta linearidade, o primeiro jornal a usar ilustrações com regularidade foi o americano “Daily Graphic, de Nova York, em 1873. Os outros jornais perceberam a tendência do público em consumir os diários ilustrados e, na década de 1880, as ilustrações passaram definitivamente a fazer parte dos jornais americanos” (ROMUALDO, 2000, p. 24).

Romualdo (2000) revela que, no Brasil, há uma discrepância²⁴ em relação à autoria da caricatura. Enquanto alguns autores sinalizam a data de 1831, em *O Carcundão*, no Recife, outros discordam, elegendo “uma sátira feita contra Justiniano José da Rocha, de 14 de dezembro de 1837. Essa caricatura foi publicada e vendida independentemente em uma loja de livros e gravuras” (p. 25). E, pela sua historicidade, as ilustrações foram ganhando espaço na imprensa, tanto para atender o gosto do público quanto favorecidas pelas novas técnicas de reprodução que foram surgindo e favorecendo este processo. Vendidas de maneira avulsa inicialmente, elas foram sendo incorporadas às publicações posteriormente, e, à medida que a evolução permitia, o signo imagético foi sendo agregado ao signo verbal. Romualdo (2000) indica que

²⁴ Romualdo (2000) aponta a não concordância que envolve a data da primeira caricatura no Brasil. O autor utiliza a fonte de BELTRÃO (1960), que cita a data de 1831, com *O Carcundão*, no Recife. No entanto, outras fontes são trazidas para a contraposição, “pois a única ilustração deste jornal é uma vinheta xilografada, com um burro corcunda derrubando a coices uma coluna grega, o que, como expressão caricatural, é absolutamente nulo” (ROMUALDO, 2000, p. 24). Assim, mostram então uma sátira contra Justiniano José da Rocha, de 14 de dezembro de 1837, como a primeira caricatura em nosso país.

A Lanterna Mágica, de Manuel de Araújo Pôrto-Alegre, surgida em fins de 1844, finda a voga das caricaturas avulsas, iniciando a fase das publicações ilustradas com desenhos humorísticos. De início, as ilustrações não faziam parte do corpo da revista, mas apareciam em folha suplementar. A Marmota Fluminense foi, depois da Lanterna Mágica, outro periódico em que apareceram caricaturas fora do texto. A publicação desse periódico iniciou-se em 7 de setembro de 1849, sob o título de Marmota na Côrte, direção de Próspero Ribeiro Dinis e Francisco de Paula Brito. Em seu número 298, de 21 de setembro de 1852, inicia a publicação de vinhetas caricaturais no texto, apresentando certos passos de dança que faziam sucesso em Paris. Nos números 316, 317 e 322, de 23 e 26 de novembro e 14 de dezembro do mesmo ano, são publicadas em xilografia mais vinhetas do mesmo gênero, mostrando os humorísticos efeitos do vinho sobre o corpo humano. O uso da ilustração acompanhando o texto passa a ser comum, alcançando seu apogeu, que também se deve à chegada dos inventos que permitiam maior facilidade para a reprodução de desenhos. Graças a esses inventos, nos últimos anos do império, o desenho, a caricatura e a charge foram, de forma geral, adotados pela imprensa (p. 25-26).

Dessa maneira, o autor destaca que a ilustração ocupa seu espaço, mantendo-se predominante por mais de cinquenta anos, e após este período, a fotografia apropria-se deste lugar. E, somente com a Segunda Guerra Mundial, que “a imprensa voltou a interessar o leitor pela ilustração, abandonada em prol da fotografia. Neste momento, a charge política assumiu papel quase decisivo no jornalismo de então” (ROMUALDO, 2000, p. 26), e durante muito tempo, sua existência foi bastante integrada ao jornal escrito. Romualdo (2000) indica que, algumas delas inclusive deveriam ser escritas para dialogar com os demais textos do periódico. Pilla e Quadros (2009, p. 227) também evidenciam o fato, ao afirmar que a charge está “estritamente relacionada à prática jornalística”, e nesse sentido “é um gênero de discurso que não está isento de influências sócio-históricas”.

Inicialmente, o processo para a produção do texto chargístico era artesanal. O cartunista Paulo Caruso fala sobre isso em entrevista ao canal *Mais Malditos Cartunistas*²⁵, mostrando algumas das suas produções, com originais feitos à mão. Ele afirma não saber trabalhar no *tablet*, e fala sobre o processo anterior à tecnologia virtual, que compreendia fazer uma ilustração maior e depois diminuí-la, fato que escondia qualquer imperfeição. Salaria que, ao contrário, na atualidade, ao ‘jogar’ seu trabalho na tela para ser adequado ao tamanho, as técnicas acabam evidenciando alguma irregularidade. O artista afirma que *O*

²⁵ O Canal *Mais Malditos Cartunistas* está disponível no Youtube, e agrega vários materiais que foram utilizados para a realização do projeto de Daniel Garcia e Daniel Paiva, o documentário *Malditos Cartunistas*. Este foi lançado em 2010 e apresenta entrevistas com diversos cartunistas de relevância no cenário nacional. Com o objetivo de conferir visibilidade ao trabalho e a imagem de profissionais que, muitas vezes, não são vistos e conhecidos, mas trazem o humor e o riso ao nosso cotidiano, além da crítica, o projeto não parou por aí. Sua continuação também está disponível no canal, e foi exibida no Canal Brasil, em uma série de TV com o mesmo nome.

*Pasquim*²⁶ foi fundamental na história da charge, da ilustração, e da relação destas com o jornal, pois acredita que, considerando a materialidade da Ditadura Militar, o periódico e os profissionais envolvidos investiram em produtos que eram um “casamento de palavras e imagens (...) em uma perspectiva de encontro de ideias”²⁷. Nesse sentido, é fundamental observarmos que “esses elementos mínimos, que combinados formam a imagem do texto chárstico, são trabalhados manualmente” (ROMUALDO, 2020, p. 34), e, em uma relação com a materialidade histórica-ideológica que se relacionam, ao trazer e/ou estabelecer relações interdiscursivas, “os ícones são signos que estão numa relação de semelhança com a realidade exterior, que apresentam a mesma propriedade que o objeto denotado pelo desenhista” (*ibidem*). Dessa maneira, a “elaboração manual revela a intencionalidade do desenhista na emissão do ato sêmico e transforma o desenho em mensagem icônica, carregando em si, além das ideias, a arte, o estilo do emissor” (CAGNIN, 1975, p. 33 *apud* ROMUALDO, 2000, p. 35).

Nesse sentido, vemos que a própria constituição e mediação do gênero escolhido pode ser considerada interdisciplinar, tanto se pensarmos no tocante à sua linearidade histórica, como nas maneiras de produção. Não é possível tratarmos do tema sem nos envolvermos em discussões a respeito das características que o gênero apresenta enquanto texto, da sua veiculação midiática, da composição do material enquanto instrumento artístico artesanal ou digital (linguagem não verbal), das questões sociais abordadas e suscitadas por meio de sua produção.

No entanto, assim como o ser humano passou por mudanças que incidiram no seu modo de existir – como apontado no texto introdutório -, os gêneros textuais também passam por esse fenômeno, visto que são produzidos a partir das necessidades humanas. Nesse sentido, as charges ocuparam o novo espaço criado a partir da era digital, infiltrando-se e conquistando cada vez mais espaço nesta propagação além das técnicas empregadas para sua produção.

No que tange à veiculação, as possibilidades são várias, tais como os *blogs* individuais e/ou coletivos, revistas eletrônicas e páginas pessoais, por meio das redes sociais – como o

²⁶ O *Pasquim* foi um periódico fundado em 1969, e de grande relevância para a história da imprensa do país, assim como para a liberdade de expressão e resistência ao sistema de censura da Ditadura Militar. Ele fazia parte do que na época era intitulado “imprensa alternativa”, ou seja, fazia parte daqueles que pretendiam fazer um jornalismo de cunho político, mas não tinha acesso à imprensa convencional. Tendo o humor como marca registrada, além de uma linguagem mais acessível ao público, O *Pasquim* sofreu censura, perseguição política, dificuldades, mas manteve-se em circulação por muito tempo e graças a algumas estratégias de contornar as regras vigentes. Com uma trajetória bastante intensa, circulou até o início de 1991.

²⁷ Entrevista ao Canal Mais Malditos Cartunistas, vídeo postado em: 30/04/2018.

Facebook, Instagram, Twitter, entre outras. A respeito da produção, é possível vermos que atualmente muitos cartunistas utilizam plataformas eletrônicas para desenhar.

João Montanaro, em entrevista²⁸ ao Canal *Mais Malditos Cartunistas*, aborda esta dicotomia entre o artesanal e o eletrônico. Como um profissional muito jovem, ao iniciar sua trajetória como desenhista nos anos 2000, utilizava materiais artesanais. No entanto, ao ser convidado a trabalhar na Folha de São Paulo, aos quinze anos, a tecnologia já era uma ferramenta bem presente, e ele afirma que facilita bastante, apesar de ainda gostar imensamente do físico, influência de alguns cartunistas com os quais conviveu.

Outra questão apontada por ele é o espaço de veiculação: jornalístico, ligado à uma instituição/empresa; ou pessoal, sem compromisso profissional e/ou ideológico. Em relação ao primeiro, é necessário um vínculo profissional – seja ele de cunho mais formal ou informal, você deve ser convidado a estar naquele espaço e, portanto, estar empenhado com as regras dele. Já na segunda situação, hoje possibilitada pelas alternativas apontadas logo acima (como páginas pessoais em redes sociais, por exemplo), não há necessidade de qualquer pacto com o outro, a liberdade de expressão é mais ampla. No entanto, Montanaro aponta que este fato provocou ações contrárias e que coexistem. Se por um lado ele possibilitou a visibilidade de muitos trabalhos, assim como voz a muitos profissionais; por outro permitiu a exibição de todos e quaisquer tipos de trabalho, seja de boa ou má qualidade (no ponto de vista do artista), e das ideologias de seus produtores.

Já no espaço jornalístico físico, a charge era de responsabilidade de seu produtor, pois é um texto que apresenta caráter polêmico e crítico – às vezes muito mais intenso que as crônicas e artigos de opinião, por exemplo. Além disso, materialmente estava alocada nas primeiras páginas, próxima aos textos considerados mais críticos, como o editorial. Assim, o texto chargístico é assinado por aquele que a produz, e, nesse contexto da era digital, as páginas pessoais possibilitam uma divulgação daqueles profissionais/autores que não estão ligados a alguma instituição, como os jornais por exemplo. E, nesse cenário, o espaço virtual possibilita maior visibilidade ao gênero, assim como possibilidades de interação com o público leitor. Uma vez que o “o discurso de humor gráfico é uma narrativa eloquente que, ao usar recursos expressivos, possibilita uma leitura para além dos elementos superficiais do texto”, inclusive auxiliando “o leitor na construção de novos e outros significados” (PILLA E QUADROS, 2009, p. 226), é importante apontar que a charge veiculada eletronicamente se constitui um instrumento para análise de produção de sentidos com potencial considerável,

²⁸ Entrevista ao Canal Mais Malditos Cartunistas, vídeo postado em: 07/05/2018.

visto que as mídias sociais ocupam hoje um importante espaço na vida cotidiana. E, na medida que “o discurso da charge desvela o cotidiano da sociedade, valores, experiências, fraquezas, misérias e grandezas marcadamente humanas”, elas podem ser consideradas “potencialmente decisivas no processo de construção e veiculação de ideologias” (PILLA E QUADROS, 2009, p. 227).

4. O DISCURSO DAS CHARGES/NAS CHARGES: ALGUMAS POSSIBILIDADES DE ANÁLISE

4.1. Charges da Laerte: denúncia e provocação para o sujeito

Laerte Coutinho, mais conhecida somente como Laerte, é uma cartunista, ilustradora e roteirista brasileira, nascida em 1951. Em sua trajetória profissional esteve vinculada a revistas e jornais de grande circulação e prestígio, tais como O Pasquim, Correio Brasiliense, Folha de São Paulo, Chiclete com Banana. Atuou como roteirista na Rede Globo de Televisão, e trabalhou em parceria com grandes nomes no ramo, como os cartunistas Angeli e Glauco.

Enquanto suas produções das décadas de 1970 e 1980 estavam muito ligadas a questões políticas, as criações dos anos 2000 começaram a contemplar temáticas que refletiam sua trajetória pessoal, ou seja, sua reflexão sobre identidade de gênero. Assim, mais envolvida com as demandas de gênero, sexualidade e direitos humanos, a cartunista explora temáticas importantes para a existência humana.

Conforme explicitado no item 2.2, a composição do corpus de análise foi realizada a partir de reflexões a respeito das temáticas que dialogam mais com a pandemia de Covid-19. Além disso, procuramos agrupar as charges em blocos, de acordo com as temáticas que se aproximavam ou que tivessem um eixo comum para a discussão. Dessa maneira, neste primeiro bloco foram elencados os discursos chargísticos que dialogam com referências exploradas na disciplina de Estudo da Condição Humana na Contemporaneidade, e estão alocadas no eixo temático do negacionismo, da ausência de criticidade em relação ao atual governo (e a necessidade de tê-lo como modelo), e por fim, discussão das medidas necessárias à prevenção da Covid-19 e a resistência a elas. Apesar de estarem em eixos temáticos distintos ao serem agrupadas, é visível o diálogo entre os textos.

Em primeiro lugar, retomaremos a questão do negacionismo no discurso do presidente Jair M. Bolsonaro, o qual reverbera tanto a identificação daqueles que o apoiam, quanto aqueles que já apresentavam este posicionamento e se sentiram credibilizados pela figura representativa do líder governamental.

A primeira charge, veiculada em 15.03.2020, e depois repetida em 22.05.2020, segue abaixo:

Charge 01



Fonte: perfil do Instagram @laerte genial

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B9xqqwDgDdn/>, acesso em: 10/06/2020.

Ela apresenta uma imagem de um homem vestido com uma camiseta amarela e empunhando a bandeira brasileira. Ele não usa máscara e, aparentemente, pela presença da bandeira empunhada, supõe-se que a cenografia criada seja uma manifestação em via pública. Com a imagem icônica de muitos coronavírus em si, caindo durante a sua passagem e sugerindo a contaminação do espaço, o signo verbal indica duas falas em polos distintos. A primeira, em tom acusatório (ou seria alarmado?) aponta: “Você está espalhando o vírus!”, ao que é prontamente respondida pelo seu interlocutor: “Questão de opinião!”. A expressão facial do sujeito presente insinua uma atitude negativa com a fala do outro, que pode ser compreendida como raiva.

A charge resgata um diálogo urgente sobre a “questão de opinião” e “sua opinião”, fato que tem tensionado as relações já há algum tempo, mas que se mostram mais acirradas em tempos pandêmicos. Os discursos veiculados²⁹ desde o início desta situação têm mostrado ausência de coesão e unidade entre as lideranças políticas e as pesquisas científicas e os profissionais que fazem ciência em prol de uma “saída” para a crise instituída – seja a vacina, a profilaxia dos contaminados, a prevenção da comunidade em geral. E no texto exposto isso é materializado pelos signos indiciais que remetem à quantidade de vírus circulante e aos perigos da ausência de medidas preventivas, como o uso da máscara aqui retratado. Isso nos leva a uma temática muito polêmica durante o período pandêmico, ou seja, o não

²⁹ Vale aqui retomar as características do discurso negacionista apontadas por Oliveira (2021), na tentativa de torná-lo tópico, ou seja, legitimado. O linguista aponta a opacidade, a ambiguidade, e a vagueza presentes nas estratégias linguísticas; ser manifestado por uma personalidade que ocupe um cargo de prestígio (neste contexto, pessoas próximas ao governo). Nesta análise específica, vemos a negação da ciência.

cumprimento de medidas instituídas em Decretos Governamentais, normalmente na instância estadual, tais como: quarentena, ou seja, o isolamento social; o uso de máscaras em espaços públicos, e estabelecimentos compartilhados, como comércio, ambiente de trabalho, entre outros; e a higienização constante das mãos, seja com água e sabão ou com álcool em gel.

Na data da publicação da charge, aconteceu um ato pró-governo, e o presidente esteve presente. Assim, é possível afirmar que o texto chargístico surge como uma denúncia, revelando recortes de possíveis subjetividades: os que defendem medidas propostas contra o vírus, os que a negam. Vemos assim, tal qual Appadurai (2019) postula ao dissertar sobre como se estabeleceu o contexto da “sensação de cansaço da democracia”, que aqui também existe a necessidade de identificar-se. Segundo o autor,

A expansão da internet e das mídias sociais a setores crescentes da população e a acessibilidade da busca de pares, construção identitária, propaganda e mobilização baseadas na web criaram a ilusão perigosa de que todos podemos encontrar semelhantes, aliados, amigos, colaboradores, convertidos e colegas, independentemente de quem somos e do que desejamos” (APPADURAI, 2019, p. 28).

Essa necessidade de nos vermos no outro e/ou de pertencimento a um grupo é alimentada pela postura do presidente, ficando visível a ausência de pensamento coletivo unificado no combate à pandemia em nosso país, mas que reflete aquela imagem idealizada. Podemos identificar, assim, uma postura de denúncia, assumida pelo interlocutor da charge.

Na data em que foi publicada novamente – durante o período da coleta do *corpus* para análise, em 22.05.2020 – a notícia em destaque na mídia era sobre o apoio do presidente ao uso do medicamento cloridrato de cloroquina, como tratamento aos infectados pelo coronavírus, mas não comprovado cientificamente, e ainda, ampliando o seu uso. Neste dia, o Brasil contabilizou 18.859 óbitos pela doença, mas o negacionismo era evidente, assim como a postura de resistência.

A segunda charge que constitui este bloco foi publicada em 23.03.2020, pelo perfil @laertegenial, e está disponível abaixo para a leitura:

Charge 02



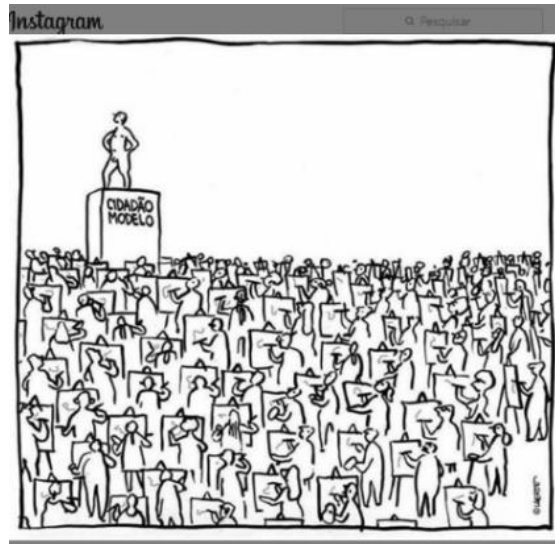
Fonte: perfil do Instagram @laerte genial

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-FHwKKg1Yk/>, acesso em 10/06/2020.

Na charge, a cenografia é composta pela cena de um diálogo contemplativo entre pessoas que acompanham o nascer do sol. Ao fitarem o horizonte, divergem sobre o evento. No entanto, as pessoas são aqui representadas por caveiras, que podem ser tomadas como índices que agregam um significado latente no contexto de produção: a morte. Nesse caso, associadas ao símbolo “na sua opinião”. Diante deste enunciado, podemos discutir algumas possibilidades: mesmo acometido pela crise, o país continua a negá-la (personificando assim o substantivo abstrato “país”). Uma segunda possibilidade, seria o negacionismo contra a ciência, mesmo diante da constatação física do evento, pois o pôr do sol é sugerido na presença do nascer do sol (seu oposto). Nesta abordagem metafórica é importante levarmos em consideração a postura de negação de uma “verdade”, de uma constatação cotidiana, pois de acordo com Oliveira (2021), o discurso negacionista vai para além desta ação, procurando credibilizar sua existência por meio da apresentação de outras “verdades” (no estudo em questão o estudioso cita o fato da negação da vacina, em oposição à promoção do tratamento preventivo com cloroquina, por exemplo). Por fim, podemos pensar no levantamento de outras temáticas (ou notícias) para a discussão para desviar o assunto, estratégia utilizada pelas instituições e governos. Nesse sentido, vemos que os enunciados verbais corroboram uma leitura de alienação dos sujeitos, visto que a morte já os atingiu e mesmo assim, o assunto escolhido é algo do cotidiano, como se estivessem empenhados em desviar o foco da atenção dos valores e questões realmente necessários no momento.

O próximo texto do nosso *corpus*, publicado em 28.04.2020, é quase totalmente não verbal, exceto pela inscrição na plataforma que sustenta a imagem em destaque. Observe:

Charge 03



Fonte: perfil do Instagram @laerte genial
Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_i-1MCDPbV/, acesso em 10/06/2020.

Nele vemos uma cenografia que nos remete a uma escola de desenho/pintura sendo representada pelas imagens icônicas de pessoas diante de cavaletes de pintura. A maioria dos personagens retratados parece estar no mesmo nível físico, isto é, no chão – exceto aquele que está em destaque – e ocupar a posição de busca de inspiração na imagem que está fisicamente acima de todos. A inscrição no signo verbal sugere que esta supremacia é também ideológica, uma vez que a inscrição se materializa em “cidadão modelo” (Modelo de quê? Forma física, pela postura? Posição social, por estar acima dos demais? De comportamento, também pela postura?)

Os sujeitos representados por aqueles que ‘copiam’ o modelo apresentam uma expressão corporal de atenção para a reprodução. Apesar dos traços serem genéricos (as pessoas não têm muitos detalhes pela sua quantidade e tamanho em que estão representadas), é possível verificarmos que todos os olhares estão voltados para a imagem, todos estão compenetrados na tarefa, colaborando para a composição da cenografia. Não há postura díspar retratada, o que nos remete às expressões utilizadas ultimamente “moral de rebanho”,

“comportamento de rebanho”³⁰, “ideologia de rebanho” e “postura de rebanho”. Independente de qual seja a primeira palavra que compõe a expressão, a ideia que temos a partir da charge é a reprodução acrítica de um modelo considerado modelo, ideal (atualmente este modelo ideal tem se caracterizado no sujeito branco, heterossexual, pai de família, temente ao Deus cristão, desqualificando aqueles sujeitos que não se inscrevem na mesma situação). O interlocutor reforça esta ideia ao promover o apagamento das formas, dos rostos, das expressões, que poderiam individualizar as imagens icônicas que representam as pessoas. Além disso, o apagamento dos elementos expressivos sugere uma reprodução mecanizada, principalmente se pensarmos que, aliado a esta questão, temos uma grande quantidade de pessoas retratadas.

Nesse sentido, a produção de sentidos a partir deste texto chargístico nos remete a uma relação com possíveis subjetividades contemporâneas, ou seja, a nomeação/indicação de determinados modelos (de comportamento, de forma física, de estilo de vida etc), os quais estão sempre em evidência (como o modelo na charge) motivando a sua reprodução. Han (2017), já citado em nota de rodapé na página 25, aborda esta questão. Em sua obra “Sociedade da Transparência”, busca problematizar a necessidade do sujeito contemporâneo em tornar sua vida pública (ou a vida que ele quer mostrar ao outro), deixando evidente nas redes sociais fatos do cotidiano, tais como refeições, prática de esportes, escolha das roupas etc..

No entanto, é importante ressaltar, mais uma vez, como esta “vida mostrada” nem sempre corresponde aquela que é a real. Algumas questões podem ser elencadas para reflexão a partir de Han: por que existe esta necessidade tão urgente em tornar público, mostrar aos outros questões particulares? E, o que estas imagens motivam e/ou como afetam os interlocutores que as recebem/acessam? Como estes fatos podem ser pensados/discutidos a

³⁰ Também conhecida como comportamento de manada, esta postura é assim chamada pois reflete o comportamento dos animais, quando, ao sentirem-se ameaçados, promovem uma fuga coletiva. Ao analisar o fenômeno das *fake news* aliado ao comportamento de manada, Ferreira e Matoso (2022) afirmam que “O conceito faz referência ao comportamento de animais que se juntam para se proteger ou fugir de um predador. Aplicado aos seres humanos, refere-se à tendência das pessoas de seguirem um grande influenciador ou mesmo um determinado grupo, sem que a decisão passe, necessariamente, por uma reflexão individual” (p. 08 *apud* Gragnani, 2017). Pereira (2021, *online*) discorre sobre o efeito manada a partir de conceitos da psicanálise, uma vez que “a ligação do indivíduo com o social” não pode ser desprezada, na medida que o meio cultural exerce influência nos indivíduos e na estrutura psíquica deles. O pesquisador discorre a respeito do fato de que individualmente os sujeitos agem de uma determinada maneira, mas ao organizar-se em massa podem até deixar de lado aspectos morais que lhe são caros. Traz inclusive o termo “mente coletiva”, ao argumentar que as massas normalmente são dirigidas por um líder, e que “não é tanto pelo fato de o homem ser um animal de rebanho, disse Freud, mas de ser um animal de horda, liderado por um chefe”. Este, por sua vez, “é uma personalidade perigosa”, pois conduz as atividades da massa ao seu bel prazer e ideais, e o grupo o segue fielmente, com “obediência cega ao líder”, revelando que o “homem tem uma paixão extrema pela autoridade”. Estes conceitos são desenvolvidos com maior profundidade no que concerne aos preceitos psíquicos no artigo, mas aqui não vamos nos alongar mais.

partir da materialidade em que nos encontramos (um país com alta taxa de desemprego, com uma diversidade imensa etc)? E por fim, como os interlocutores que leem estes textos são afetados em suas subjetividades a partir de “modelos” indicados? Na charge é possível pensarmos na reprodução como um padrão de comportamento, uma maneira de se situar no mundo, sendo a ausência de cores e traços individuais uma maneira icônica de indicar a falta de diversidade.

Se pensarmos nesta reprodução de comportamento dentro do contexto de intensa polarização política que identificamos em nosso país, podemos propor uma análise a partir da afirmação de Appadurai (2019). O autor, ao explicar o processo pelo qual temos uma incidência grande de líderes populistas no poder, aponta que há uma dificuldade muito grande em lidar com as limitações financeiras das nações (dívidas, legislações, sanções...). Sabendo que atender as promessas neste âmbito será tarefa *non grata*, os políticos têm investido em promover questões pertinentes ao resgate da cultura, da soberania, dos valores tradicionais. O autor afirma que:

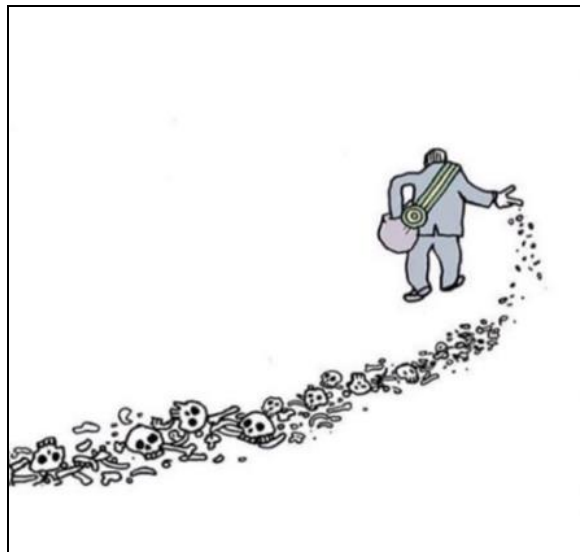
é isso que os líderes dos novos regimes populistas autoritários têm em comum: a admissão de que nenhum deles pode de fato controlar a economia de seus países, refém de investidores estrangeiros, acordos globais, finanças transnacionais, mão de obra móvel e capital de modo geral. Todos eles prometem a purificação da cultura nacional como via de poder político global. Todos são simpáticos ao capitalismo neoliberal, cada um com sua própria versão de como fazê-lo funcionar (...). Todos buscam converter poder brando em poder coercitivo. E nenhum deles tem restrições quanto a reprimir minorias e dissidentes, abafar a liberdade de expressão ou usar as leis para sufocar os oponentes. (APPADURAI, 2019, p. 25)

Nesse sentido, podemos identificar algumas questões que são muito pertinentes em nosso contexto sociopolítico, ou seja, a identificação do sujeito individual com algo que credibiliza sua fala/seu agir, tornando-o assim um coletivo na medida em que lhe oferece um espaço de pertencimento. Retomando Appadurai acima citado, podemos considerar ações nesta materialidade abordada que nos remetem a um modelo higienizado, uma vez que as pessoas são retratadas na charge com uma cor única: branco, apenas contornos, uma massificação na reprodução de um padrão. Aludindo às questões ideológicas em curso, conseguimos resgatar, nos enunciados proferidos pelo presidente brasileiro, o resgate e a defesa de um modelo de cidadão tradicional, pai de família, inscrito em uma relação heterossexual, neoliberal, com centralização na figura patriarcal. Nesta direção, vemos um projeto de governo nada atento às minorias marginalizadas, tais como a comunidade LGBTQIA+, aos povos indígenas, e à população afro-brasileira. Muito pelo contrário, as

ações de negligência aos direitos dessas populações enfatizam o posicionamento presidencial. Assim, aqueles indivíduos que antes se continham em suas ações e falas, receosos de julgamento agora sentem-se acolhidos nesta ideologia, e ancorados a manifestarem e agirem em prol de uma homogeneização populacional.

Na charge 04 do nosso *corpus*, encontraremos uma reverberação desta temática. Publicada em 17.03.2020, ela segue abaixo para apreciação:

Charge 04. A



Fonte: perfil do Instagram @laerte genial

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B929rI0A54c/>, acesso em 10/06/2020.

Último texto deste bloco para análise e discussão, ele apresenta somente linguagem não verbal. Nele há uma figura que, iconicamente, nos remete ao presidente da república: vestimenta formal, com o que parece ser um terno e a faixa presidencial. A faixa, que é um signo indicial de nacionalidade, aqui também representa a alça transversal de uma bolsa, conhecida pelos trabalhadores do campo como ‘embornal’, um saco costurado em lona (ou tecido semelhante), que carregava a refeição, ou o alimento a ser distribuído aos animais, ou ainda as sementes a serem lançadas na terra – quando este processo ainda era artesanal. Nesta representação, o presidente da república aparece de costas para o leitor, caminhando e tirando algo da bolsa com a mão esquerda enquanto com a mão direita vai lançando ao solo. Pela representação ao longe não nos é possível ver o que cai de sua mão, mas no caminho que vai se formando atrás dele, a imagem é de ossos e caveiras, signos indiciais que nos remetem à morte. Contrariamente à imagem do lavrador que semeia a terra com vida, a charge nos

mostra a morte sendo cultivada em solo nacional, em proporção amplificada, decorrente das decisões do governo nacional.

Nesse sentido, podemos resgatar a publicação da cartunista em sua conta do *Twitter*³¹, em 15/03/2021, na qual traz a mesma charge acrescida de um título, conforme se vê abaixo:

Charge 04. B



Fonte: conta do Twitter @LaerteCoutinho1

Disponível em: <https://twitter.com/laertecoutinho1/status/1371590316143300610>, acesso em 13/06/2022.

O título, muito enfático, resgata questões que são amplamente discutidas nas redes sociais desde o início da pandemia de Covid-19, pois cada interlocutor que a acessa produz um sentido a partir de sua memória/ideologia, e posteriormente, subjetividades que se reconhecem no discurso ou se distanciam dele. De acordo com Maingueneau (2018), “a transmissão do texto não vem depois de sua produção; a maneira como o texto se institui materialmente é parte integrante de seu sentido” (p. 212). Dessa maneira, podemos depreender que o texto chargístico, por si só, já possibilitava uma gama de interpretações. No

³¹ *Twitter*: semelhante a um blog pessoal, o Twitter é uma rede social na qual o usuário pode escrever mensagens com 280 caracteres. Denominado de Tweet, estes textos podem ser republicados, os *re-tweets*. Marcado pela objetividade, consequência do espaço que ocupa, os textos da plataforma são marcados pela objetividade e dinamismo. Embora tenha sido lançado em 2006, foi somente um ano depois que ele ganhou popularidade, com a publicação de mensagens em tempo real, em telas grandes, durante um festival de música. Pela dinamicidade apresentada, o Twitter é utilizado por pessoas físicas, profissionais liberais e empresas, funcionando ainda como um instrumento muito importante para a discussão de pautas relevantes. Informações elencadas dos portais da LeNovo: <https://www.lenovo.com/br/pt/faqs/pc-faqs/que-e-twitter/#:~:text=O%20Twitter%20%C3%A9%20uma%20rede,compartilhar%2C%20trocar%20e%20descobrir%20informa%C3%A7%C3%B5es.>, e <https://www.mlabs.com.br/blog/twitter>, em 20/07/2022.

entanto, ao ser acrescido o título a ele em uma outra veiculação, configura-se em uma produção de sentidos mais enfática, com uma vinculação ideológica mais clara.

Ao apresentar a palavra “genocida” como título em seu texto, o interlocutor aciona desde os valores inicialmente veiculados no termo, como discussões atualizadas a respeito dele. Na história recente, o vocábulo ganhou notoriedade por conta do regime nazista, que provocou o genocídio de judeus e algumas populações marginalizadas, tais como os ciganos, pessoas que eram consideradas como anomalia social ou física, entre outros. No entanto, em matéria publicada no site da UOL, a jornalista Luiza Pollo resgata a definição cunhada a partir da 3ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris, em dezembro de 1948:

Entende-se por genocídio qualquer dos seguintes atos, cometidos com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, tal como: assassinato de membros do grupo; dano grave à integridade física ou mental de membros do grupo; submissão intencional do grupo a condições de existência que lhe ocasionem a destruição física total ou parcial; medidas destinadas a impedir os nascimentos no seio do grupo; transferência forçada de menores do grupo para outro.

Em sua reportagem, Pollo (2020), por meio de entrevistas com especialistas da área de humanidades, procura contextualizar o termo em contexto nacional. Além disso, retoma a filósofa alemã Hannah Arendt para afirmar que a estudiosa já trazia a preocupação com a definição do vocábulo, sendo que algumas ações não eram tão direcionadas a um único público, mas sim “pulverizadas”, necessitando assim outro olhar. Para a jornalista, “o discurso do presidente contra o isolamento social não se enquadra tecnicamente no crime de genocídio, em parte por não haver intencionalidade e por não ser uma política dirigida a um grupo específico da população. Mas o uso político da palavra é comum”. Outros jornalistas trouxeram o assunto à baila, inclusive com entrevistas de especialistas. Esta discussão é gerada pela intensa busca do termo nos sites de busca, após a utilização do termo ser feita por algumas personalidades da política, como Ciro Gomes, e outras artísticas, como Filipe Neto. O evento da charge continuada também remonta a esta polêmica (ver capítulo 4, item 4.2).

Neste sentido, podemos abordar a questão da mediação neste segundo recorte, uma vez que pela sua configuração virtual, em uma plataforma muito acessada, os números de engajamento³² gerados pela página (conforme vemos no recorte: 13,6 mil *retweets*, 867 *tweets* com comentários, e 89,6 mil curtidas), conseguem atingir um número muito maior de

³² De acordo com especialistas em mídias sociais, engajamento na plataforma denominada *Twitter* pode ser apontado por todos os tipos de interação gerados a partir de um perfil, tais como curtidas, *retweets*, respostas e menções ao perfil, além dos cliques nas *hashtags*, nas mídias (como fotos ou vídeos).

interlocutores (ativos, pensando no engajamento, ou mesmo passivos, pensando naqueles que apenas recebem o texto).

Além disso, podemos estabelecer uma relação intertextual se pensarmos na narrativa infantil de João e Maria, originalmente publicada pelos Irmãos Grimm, na qual os irmãos, ao serem levados para a floresta deixam atrás de si um caminho de pedras coloridas para encontrarem o caminho de volta. Sob esta ótica, é sugestiva a ideia de que a trilha deixada pela figura presidencial tem ao menos duas utilidades: em primeiro lugar serve de guia para aqueles que se identificam com seu discurso, com seu posicionamento. A seguir é possível pensarmos que a mesma trilha é suficiente para evidenciar suas ações, possibilitando investigações e denúncias. Neste sentido, é importante levar em conta que cada leitor que acessa os textos pode ir se identificando com um ou outro aspecto, fato que vai colaborando para as subjetividades que se vão surgindo, se estabelecendo e dialogando entre si.

Continuando a apresentação do material que compõem o corpus para análise, foi realizada a junção em um segundo bloco, de quatro charges, considerando a temática que as aproxima. Segue abaixo a charge 05 para apreciação:

Charge 05



Fonte: perfil do Instagram @laerte genial
Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-ZnM-GAakD/>, acesso em 31/03/2020.

Nesta charge, publicada em 31.03.2020, é possível identificarmos, na linguagem verbal, a seguinte fala “A Terra é plana e o isolamento é vertical”. Proferida por uma figura que nos remete iconicamente ao presidente Jair Bolsonaro (por meio dos traços faciais caricatos), ela retoma um assunto que ganhou ampla dimensão com o início da pandemia de

Covid-19: a desqualificação da ciência. Foi impulsionada pelo pensamento denominado negacionista, que encontrou identificação nas ações e falas proferidas pelo governo federal. Embora existam diferentes tipos de comportamento negacionistas atualmente, vamos nos ater aqui, para fins da discussão do texto chargístico, no negacionismo científico. Nesta charge, mais especificamente a corrente denominada terraplanista³³, ou seja, pessoas que acreditam que o planeta Terra não é um globo, refutando descobertas científicas que datam de aproximadamente dois mil anos. Na cenografia aqui encenada, o presidente Bolsonaro aparece em uma embarcação naval, e tal como a corrente acredita, uma superfície plana representando iconicamente nosso planeta. Acima, o céu repleto de estrelas reforça o conceito, no qual a Terra não se movimenta e acima dela se vê os astros, como o Sol, por exemplo. Ironicamente, o primeiro quadro mostra algumas gotas, como se a água do mar estivesse caindo pela “borda do planeta”. Em continuação à narrativa entabulada, o segundo quadro nos remete a uma produção de sentidos que pode ser discutida a partir da desqualificação da teoria terraplanista, assim como aborda as questões sociais do período no qual foi publicada.

Machado e Pereira (2021, p. 319) afirmam que “na Análise do Discurso, trabalha-se com a noção de língua como um sistema sujeito a falhas e abarca-se a questão da ideologia como constituinte tanto do próprio discurso quanto como real condição de existência do sujeito”. Nesse sentido, podemos discutir o posicionamento deste enunciador, que aponta o presidente “caindo” pela borda do planeta, já que este é plano, além do fato de anunciar seu posicionamento a respeito do isolamento social. Ao resgatar a discussão ciência versus negacionismo desta maneira, a charge nos apresenta as possíveis consequências deste embate ideológico, ou seja, o isolamento social possibilita um acesso mais difícil à contaminação, enquanto a sua negação, representada aqui pela queda na borda do planeta sugere, metaforicamente, a contaminação, a doença, a morte. Além disso, o enunciador coloca as duas ideias como similares, a saber, o terraplanismo e o isolamento vertical³⁴. Nesse sentido,

³³ Gilberto Amendola, em matéria publicada no site do Terra (2020), aborda a conceituação do termo. Segundo ele, na data da publicação de seu texto existiam 11 milhões de brasileiros adeptos da ideia, ou seja, 7% da população. O jornalista afirma que esta concepção sempre existiu, mas de forma “tímida”. No entanto, foi “só em 1956 com a fundação da Sociedade da Terra Plana, pelo britânico Samuel Shenton, que a ideia ganhou forma”. E isso só foi potencializado a partir do surgimento das redes sociais. A jornalista Mariana Alvim, em texto para a BBC News apresenta os números que circundam este cenário. De acordo com ela, em 2017 existiam mais de trinta grupos que debatiam o assunto, somente no Facebook, e em língua portuguesa. Alguns deles apresentavam mais de 50 mil membros. Ambas as reportagens aqui citadas discorrem sobre as ideias defendidas por estes grupos, tais como a ausência da gravidade (substituída pela densidade dos corpos), a existência de uma conspiração e a manipulação da população, além de outras questões.

³⁴ Para lembrar, a medida de isolamento social, inicialmente, foi prevista para pessoas idosas, crianças, e portadores de doenças graves e/ou que envolvessem o sistema imunológico. No entanto, com o passar do tempo,

relembramos que o sujeito, e conseqüentemente o enunciador, é definido como “fruto do linguístico-histórico, que é interpelado pela ideologia e se constitui pelos esquecimentos e a partir da sua relação com o outro” (*ibidem*).

A charge 06 corrobora de algumas discussões entabuladas logo acima. Confira abaixo:

Charge 06



Fonte: perfil do Instagram @laerte genial

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-9myp4gS3H/>, acesso em 14/04/2020.

Aqui temos uma cenografia organizada a partir da representação do espaço. Semelhante aos filmes que abordam a temática da ficção científica, há a representação da Terra em formato de globo, e o presidente em uma escrivaninha que está apoiada em uma plataforma. Ela se afasta do planeta tal como as cápsulas de exploração se afastam da nave principal em missões de exploração espacial. Publicada em 14.04.2020, somente um mês depois da implantação das determinações de isolamento social recomendadas pela OMS, a charge aborda a questão polêmica do negacionismo científico novamente, além de recuperar a discussão já apontada na charge 01 sobre a resistência do governo federal frente às medidas do isolamento social. O texto verbal afirma “Vejo essa questão do vírus indo embora”, enquanto a figura do presidente aponta para o planeta Terra. No entanto, o que nos parece é que, na verdade é o planeta que está “padecendo” e se afastando, ou seja, metaforicamente à população que estava sofrendo as conseqüências da contaminação desenfreada³⁵, há uma deterioração global.

verificou-se que esta medida não era efetiva, uma vez que os demais indivíduos que estavam em circulação relacionavam-se com estes segmentos isolados.

³⁵ Nesta data a mídia nacional noticiou que a contabilização realizada pelas secretarias estaduais de saúde somava 25.684 infectados em todos os estados e 1.552 mortos. (Site G1).

Uma vez que Machado e Pereira (2021, p. 320) resgatam em seu texto a conceituação de sujeito de Brandão (2002, p. 49), a saber:

...sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo (...). Sua fala é um recorte de representações de um tempo histórico e social. Dessa forma, como ser projetado num espaço e num tempo e orientado socialmente, o sujeito situa seu discurso em relação aos discursos do outro. Outro que envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta a sua fala, mas também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala.

é importante nos debruçarmos sobre este “determinado lugar e tempo”, “neste recorte de representações de um tempo histórico e social” em que o enunciador da charge estava ao produzi-la.

Em notícia veiculada pelo site da UOL, em 03.04.2020, o presidente Bolsonaro critica o receio da população no que tange aos índices elevados de transmissão do coronavírus. Sua fala é de que “esse vírus é igual uma chuva, vai molhar 70% de vocês. Isso ninguém contesta. Toda a nação vai ficar livre da pandemia quando 70% for infectada e conseguir os anticorpos” (UOL *online*, 03/04/2020). Na mesma data, a charge abaixo foi publicada no perfil @laertegenial, no Instagram:

Charge 07



Fonte: perfil do Instagram @laerte genial
Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-iATd4jU8a/>, acesso em 03/04/2020.

Nela, é possível vermos uma figura análoga ao Presidente da República, representado indicialmente pela faixa presidencial com as cores verde e amarelo da bandeira brasileira. Ele está em um nível superior fisicamente, compondo uma cenografia que nos lembra um palco, uma vez que no nível inferior, ao fundo, é possível vermos uma série de pessoas – tal

qual a plateia de um espetáculo. As pessoas que constituem o público foram representadas com ausência de características individualizantes, nos remetendo a questões trabalhadas na discussão da charge 03, a saber, a quantidade de pessoas, o apagamento de características heterogêneas nos indivíduos, promovendo a homogeneização da plateia. Atrelado a isso, o comportamento denominado “de manada” é lembrado a partir da movimentação de seus corpos para acompanhar o movimento do pêndulo que está na mão do presidente – há uma simulação de balanço em suas cabeças, pela posição inclinada. A prática aqui representada, conhecida como hipnose, nos remete ao conceito explorado por Freud no final do século XIX. No entanto, enquanto o médico psicanalista defendia a teoria para acessar memórias de traumas e colaborar na sua superação, aqui na charge nós temos a ideia de “adormecimento” das mentes, estado letárgico. Além disso, o enunciado verbal proferido pela figura do presidente colabora com este sentido: “Vocês estão em pânico... muito pânico...”, elaborando uma retomada de enunciados proferidos pelo presidente Bolsonaro, especialmente no início da pandemia, ao ser referir ao receio do povo como algo “exagerado”, sem necessidade.

Contrariado com a ideia do isolamento social, o presidente brasileiro foi constante em suas falas durante todo o período pandêmico ao argumentar que a economia sofreria muito com as restrições de circulação. Segundo ele, a falta de dinheiro provocada pelo desemprego e pela falência da economia poderia matar mais do que o vírus, e, dessa maneira, o povo não poderia parar pois isso comprometeria a “engrenagem” econômica. Nesse sentido, podemos visualizar a possibilidade desta charge surgir como um discurso de crítica ao comportamento do governo federal, ao mascarar os acontecimentos reais e proferir uma fala que contraria o discurso científico, tal qual exposto por Maingueneau (2020, *live*) quando discorreu sobre a noção do que era o discurso do perito e a natureza da pandemia. De acordo com o autor, em *live* desenvolvida em 03.06.2020, a pandemia de Covid-19 é uma crise que não permitiu o discurso do sujeito, mas somente o discurso do perito e o discurso dos números. O primeiro, divulgado pela comunidade científica, foi bastante contraditório na concepção do estudioso, pois “fazer ciência” demanda tempo dedicado para análises, maturação e publicação de resultados, ação que naquele momento não era muito possível, visto que o contágio e a mortalidade estavam muito rápidos, e várias hipóteses foram sendo aplicadas nos atendimentos hospitalares como tratamentos possíveis. Além disso, pela natureza multifacetada do evento, os governos cercaram-se de peritos de várias áreas: da saúde, financeiro, entre outros, procurando arbitrar entre eles. Já o discurso dos números, divulgados diariamente na mídia, é apontado pelo linguista como uma tentativa de “personificar” a crise, uma vez que não é possível representá-la imageticamente. O vírus recebeu um índice para

Publicado em 24.04.2020, este texto recupera alguns sentidos produzidos pela charge anterior, como a técnica de hipnose por exemplo. O índice no círculo azul remete à representação indicial dela, a qual é corroborada pelo enunciado verbal “Você está com sono, muitoooooo sono”. Associado às práticas hipnóticas, ele é representado em filmes, desenhos etc., com estes mesmos dizeres. A bandeira brasileira, antes um ícone do país, da nacionalidade, desde a campanha eleitoral presidencial tem sido vinculada à imagem do presidente Bolsonaro, tornando-se assim, um ícone pejorativo para os valores nacionalistas, em uma instância ufanista, tal qual apontado por Appadurai (2019). A discussão proposta pelo autor, em “Fadiga da Democracia”, e já iniciada anteriormente (na discussão da charge 01), problematiza a proposta dos governos totalitários em evidenciar questões simbólicas da nação para promover a ideia de unificação cultural. Dessa maneira, vemos que o enunciador das charges da Laerte deixará em evidência, em várias ocasiões, as cores verde e amarelo (em oposição ao branco e preto dos demais traços), além de imagens que remeterão ao Brasil.

Ademais, esta charge também recupera os sentidos de “comportamento de manada”, visto que, de acordo com os conhecimentos difundidos a respeito da hipnose, ao ser submetido à terapia o paciente vai seguir alguns comandos daquele que a conduz. Assim, podemos pensar aqui no estabelecimento do estado hipnótico por meio do texto não verbal aliado ao enunciado, colocando o interlocutor que recebe o texto suscetível às vontades daquele que o profere (analogamente à população e seu líder).

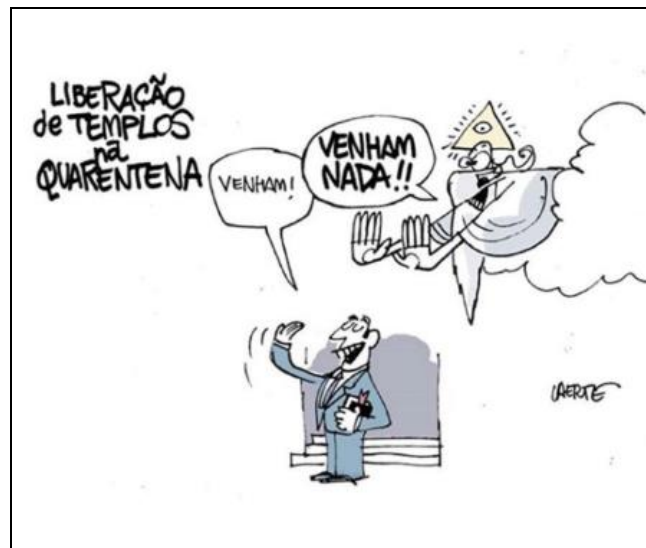
A próxima temática abordada pelo corpus é a questão dos protocolos orientados pela OMS no combate à Covid-19 e o comportamento do governo em relação a eles. Nela, apresentaremos as três próximas charges:

Charge 09



Fonte: perfil do Instagram @laerte genial
 Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_LxA2DAoKy/, acesso em 19/04/2020.

Charge 10



Fonte: perfil do Instagram @laerte genial
 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-N48GYj-p4/>, acesso em 26/03/2020.

Charge 11



Fonte: perfil do Instagram @laerte genial
Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_PiZX1AHd-/, acesso em 21/04/2020.

Nelas conseguimos identificar, em primeiro lugar, a produção de sentidos sobre o uso da máscara e o isolamento social. Na charge 09 é possível identificarmos a figura do presidente Bolsonaro, tossindo, sem fazer uso da máscara. Além disso, pelos traços caricatos, há um escurecimento em volta dos olhos que pode sugerir um quadro gripal, aliado à tosse e às gotículas saindo de sua boca, como também a expressão de irritação, muitas vezes adotada pelo personagem. Aqui não há destaque para as cores, e o texto apresenta-se em preto e branco. O enunciado verbal diz “Cuidado! Ele está tossindo!”, remetendo à ideia de proliferação do coronavírus pela saliva. Publicado em 19.04.2020, o texto pode ser considerado como uma crítica do enunciador ao comportamento do presidente e seus colaboradores na data de 18.04.2020, quando provocou aglomeração em frente ao Palácio do Planalto reunindo-se sem o uso da máscara a um grupo que protestava contra o aborto. Nesta ocasião, “Bolsonaro falou aos apoiadores e fez críticas às medidas de isolamento social adotadas por governadores e prefeitos que determinaram o fechamento do comércio”, de acordo com notícia publicada no portal G1, em 18.04.2020³⁷.

A próxima charge, número 10, resgata a discussão a respeito do isolamento social. Nela conseguimos ver o título: “Liberação de templos na quarentena”, que remete a uma cenografia religiosa. Iniciando com uma imagem que remete a um religioso na porta de entrada de uma igreja, vemos que, semelhante aos adeptos de denominações protestantes, o personagem retratado segura uma bíblia embaixo do braço, enquanto a outra mão, erguida analogamente como no pronunciamento de

³⁷ Nesta data, foi divulgado pela Carta Capital os seguintes números: 2.347 mortes e 36.599 casos confirmados de covid-19.

sermões, convida os fiéis por meio do enunciado verbal “Venham!”. No canto superior direito, uma figura que alude indicialmente ao Deus cristão apresenta uma expressão preocupada e até amedrontada, e profere o enunciado “VENHAM NADA!”. Grafado em letras maiúsculas e em negrito, ele resgata a expressão de preocupação do personagem, aliada à expressão das mãos, em posição de oposição. Publicada em 26.03.2020, a charge atua como um instrumento de denúncia e possibilita ampla discussão, uma vez que se reporta as notícias vinculadas naquele momento sobre o fechamento dos templos. Conforme orientação da OMS, o isolamento social foi solicitado e decretado a fim de conter a contaminação do coronavírus. No entanto, em relação às instituições religiosas, houve em um primeiro momento uma maleabilidade em relação a isso, com a orientação sobre a não aglomeração de pessoas (locais fechados até 50, e locais abertos até 100 pessoas). Recebida com indignação, esta medida causou mais polêmica ainda quando, em 20.03.2020, a Justiça de São Paulo atendeu ao pedido de proibição de realização de missas e cultos, solicitado pelo Ministério Público. De acordo com o Portal G1 (20.03.2022), “o juiz Randolfo Ferraz de Campos considerou os artigos 196 e 197 da Constituição Federal, que tratam a Saúde como um direito de todos, cuja garantia é de dever do Estado, e considerou que “meras recomendações” para o isolamento social” não eram compatíveis com o cenário pandêmico naquele momento, além de que o descumprimento das medidas deveria ser punido.

No enunciado verbal “VENHAM NADA!”, verifica-se a utilização das marcas visuais para gêneros textuais que utilizam balões de diálogo, ou seja, as letras maiúsculas, em negrito, e pontos de exclamação, representando voz alta, elevada, e um pronunciamento enfático. O enunciador, ao trazer a figura de Deus para o texto, produz contrariedade no enunciado dito anteriormente, uma vez que o relaciona com a ideia de que, ao sair de casa e reunir-se nas cerimônias religiosas, os indivíduos estão suscetíveis à contaminação, e naquele momento, uma complicação de saúde muito séria, visto que no início não havia vacina, e a morte (que leva ao céu nesta linha de raciocínio cristã) era uma consequência muito provável.

Para finalizar a apresentação deste terceiro bloco de textos agrupados, apresentamos a charge 11. Divulgada em 21.04.2020, ela exige do interlocutor que a acessa algumas relações interdiscursivas, ao referenciar um fato do século XVIII, mais especificamente o evento histórico da Inconfidência Mineira e a execução de Tiradentes³⁸. Ensinado na educação básica, o acontecimento resgata uma memória discursiva que vai além dos conhecimentos escolares. A cenografia criada nos mostra uma

³⁸ Tiradentes, alcunha de Joaquim José da Silva Xavier foi um dos líderes do movimento denominado Inconfidência Mineira, que aconteceu na Capitania de Minas Gerais, no final do século XVIII. O intuito da chamada “conspiração” era lutar contra os desmandos da Coroa Portuguesa e as taxas descabidas e exorbitantes praticadas. Além disso, o rompimento com Portugal era um dos objetivos, assim como a instauração da república. Traídos por um dos integrantes, o grupo desmantelou-se e o principal alvo foi Tiradentes, que foi executado em praça pública.

figura que interpretamos como o personagem em questão, subindo em uma plataforma. Nela, é possível vislumbrar uma corda com laço, denominada forca, semelhante àquela usada em rituais de morte por enforcamento. Ao fundo, dois personagens vestidos como guardas reais estão impassíveis, somente observando, em posição de “sentido”. Os chapéus tapam a visão dos oficiais, enquanto Tiradentes diz “Fiquem em casa”, voltado para o que presumimos ser o público, já que sua face está contrária ao local da forca. Com as mãos amarradas às costas, a postura do personagem nos incita a alguns questionamentos e discussão. O primeiro deles é o não cumprimento das medidas impostas pela pandemia de Covid-19 e divulgadas pela OMS, tal qual nas duas charges anteriores. Aqui, a metáfora daquele que transgredir, que se revolta, que se organiza contra as medidas vigentes, e sofre punição nos leva a pensar na não concordância com o governo em vigor, uma vez que ele tem se mostrado autoritário e não aberto ao diálogo. Outra possibilidade seria o não cumprimento das orientações e a consequente morte, materializada aqui na pena recebida pelo personagem. Como já discutido no item 2.6, a abordagem brasileira em relação à pandemia de Covid-19 e sua contenção foi um processo árduo e bastante controverso, principalmente em relação ao discurso científico e da saúde. A polarização política dividiu opiniões e posturas, e, isso reverberou em ações de censura, seja da imprensa, de pessoas físicas e/ou públicas, entre outros. Ao estabelecer uma relação interdiscursiva com a Conjuração Mineira, o enunciador nos provoca a refletir sobre a natureza multifacetada da pandemia, que foi para além da saúde pública, atingindo várias instâncias sociais³⁹. Como problematizado por Maingueneau (2018), o texto é influenciado por várias questões, desde seu gênero até sua mediação. Nesse sentido, vemos que apesar das relações intertextuais recuperarem um evento histórico nacional, aqui ele é ressignificado em um gênero distinto daquele que conhecíamos (texto informativo dos livros didáticos para charge), em uma abordagem crítica, possibilitando uma gama ampla de aspectos para discussão. Além disso, ao veicular a charges em uma página de uma rede social, o enunciador consegue “chegar” a um número muito maior de leitores, inclusive resgatando saberes adormecidos.

A charge 09 também nos possibilita algumas considerações a respeito da confirmação do *ethos*⁴⁰ prévio, pois além da expressão facial já apontada, o personagem segura várias armas (é possível

³⁹ Um exemplo disso é a ausência de constância no Ministério da Saúde, em um momento tão delicado e crucial para o país (já abordada na discussão do bloco anterior).

⁴⁰ De acordo com Amossy (2005, p. 10), “os antigos designavam pelo termo *ethos* a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório”. Assim, o enunciador, pela técnica e exercício da persuasão, poderia dizer ao público o que queria sobre ele, mostrando ao interlocutor aquilo que gostaria sobre sua imagem. No entanto, a autora discute o termo próximo das questões propostas pela enunciação e análise do discurso, afirmando que “uma vez que é inerente a toda troca verbal e submetida a uma regulamentação sociocultural”, a apresentação de si “supera largamente a intencionalidade do sujeito que fala e age” (p.13), pois há outros aspectos que permeiam este processo, tais como a cena da enunciação, o estilo do enunciador, “suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas” (p. 01). “Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si” (*ibidem*). Nesse sentido,

identificar uma metralhadora e o clip de munição, uma pistola, uma granada e o cabo de uma faca); faz uso de chinelo no pé, aludindo à falta de etiqueta que o cargo ocupado exige; e, por fim, a falta de cumprimento dos protocolos recomendados pela OMS na prevenção da Covid-19.

Em todos os textos chargísticos aqui apresentados e discutidos, é possível verificarmos um posicionamento firme em relação às ações governamentais adotadas no contexto de pandemia de Covid-19, além de atitudes e comportamento da figura do governo brasileiro. Como já explanado no item 2.2, ao descrever a metodologia deste trabalho, ao pesquisarmos charges produzidas na Argentina, constatamos que a produção de sentidos era bastante diversa daquela aqui explorada, ainda que a temática fosse a mesma.

Para tanto, elencamos o trabalho do cartunista Tute⁴¹ para estabelecermos uma relação com as charges da Laerte aqui discutidas. Ele é argentino, batizado Juan Matías Loiseau. Sua principal criação foi o personagem Batu, criança que tem características muito semelhantes a Mafalda, criação de Quino, dona de uma capacidade de observação e crítica incríveis. Além disso, o cartunista escreve textos de outros campos, como música, literatura e cinema. Acompanhamos as publicações de charges de Tute no *Facebook*, no mesmo período que as charges da Laerte. Para a coleta de dados, o mesmo processo foi realizado, a saber, inicialmente a coleta integral das publicações, e posteriormente, um recorte com as temáticas mais próximas da pandemia de Covid-19. Assim, seguem algumas charges deste recorte para apreciação:

vemos um deslocamento de sentido do termo, sendo não somente aquilo que o enunciador quer dizer sobre si, mas tudo que indica ou dá pistas sobre o que ele é, acredita, vivencia.

⁴¹ Embora tenhamos encontrado poucas fontes para biografia do cartunista Tute (além de não ser nosso objetivo nos aprofundarmos neste quesito), é possível o contato com vários de seus trabalhos em alguns sites e redes sociais, como o Instagram: <https://www.instagram.com/explore/tags/tutelandia/top/>, na página #tutelandia ou no perfil pessoal do profissional: <https://www.instagram.com/explore/tags/tute/>. Além disso, a Lambiek, comiclopedia (enciclopédia voltada para o humor), traz algumas informações: <https://www.lambiek.net/artists/tute.htm>.

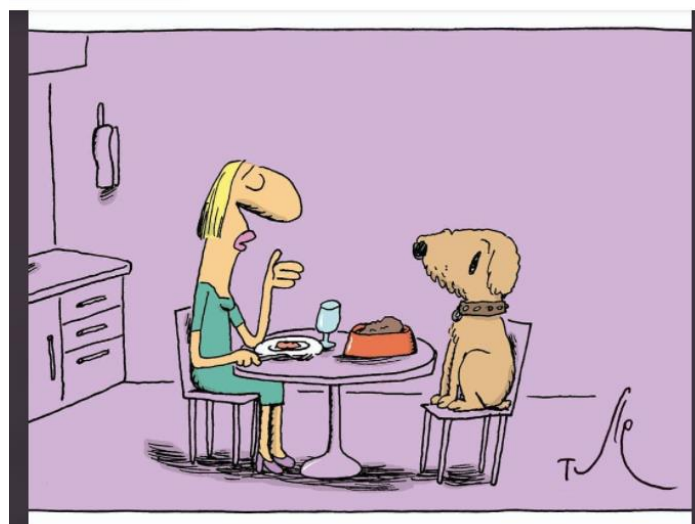
Charge 12



Fonte: perfil do Facebook

Disponível em: <https://www.facebook.com/Tute.dibujante>, acesso em 10/06/2020.

Charge 13



Fonte: perfil do Instagram @laerte genial

Disponível em: <https://www.facebook.com/Tute.dibujante>, acesso em 10/06/2020.

Por meio da leitura dos textos e em uma abordagem menos densa que aquelas dedicadas à cartunista brasileira, é possível verificar que as temáticas desenvolvidas aqui referem-se ao cotidiano das pessoas que estão se ajustando à nova realidade imposta pela pandemia de Covid-19, em observância às orientações da OMS. Como exemplo, podemos citar o distanciamento social, como na charge 12, publicada em 30.03.2020. Além disso, pontos que abordam as relações humanas são trazidos à tona, como apontado nas duas charges, uma vez que as práticas sociais foram alteradas em sua totalidade para atender o isolamento social. Dessa maneira, muitos indivíduos que moravam só acabaram relacionando-se somente com seus animais de estimação, fato retratado na charge 13,

publicada em 26.05.2020 (este fato inclusive foi notícia em telejornais da região de Sorocaba-SP, ao abordarem o aumento da procura de adoção de cães e gatos abandonados em abrigos, buscando suprir lacunas geradas pela ausência das relações cotidianas).

Ao contrário do que foi vivenciado em território brasileiro, ao menos no primeiro semestre da pandemia de Covid-19⁴², a situação na Argentina se mostrava muito mais controlada, além da coesão existente na fala do presidente com as medidas solicitadas pela OMS. O portal BBC News noticiou que, até setembro de 2020, ela estava entre os países que apresentavam o menor número de casos de coronavírus. Isso se deveu ao fato de o isolamento social ter sido acatado com bastante seriedade (na região metropolitana de Buenos Aires, onde o vírus estava presente), além da consonância entre os discursos dos governos federal e local. Este cenário começou a ser alterado logo em seguida, em outubro de 2020, uma vez que a população foi se cansando da quarentena e começou a circular com menos precaução, levando a contaminação para o interior do país e fazendo com que a situação se tornasse caótica, com a dificuldade encontrada nos hospitais interioranos e o aumento descomunal no índice de contaminados.

Embora a relação entre o Brasil e a Argentina seja fundamental no que tange às questões geoeconômicas e geopolíticas, estreitadas pelo Mercosul e a importância de ambos no continente sul-americano, ela não foi objeto de estudo aqui neste trabalho. Relevante salientar que inicialmente nosso objetivo era nos debruçarmos com mais atenção e desvelo na análise comparativa entre os dois cartunistas. No entanto, ao nos depararmos com a charge continuada, a pesquisa seguiu em outras direções, inclusive pelos apontamentos realizados no exame de qualificação, e o material deste cartunista argentino permaneceu apenas como exemplificação de como a pandemia de Covid-19 foi abordada por profissionais de outros países.

Nesse sentido, mesmo que abordando brevemente o panorama argentino, isso nos leva a crer que as preocupações e anseios que mobilizaram os sujeitos durante a pandemia de Covid-19, no primeiro semestre de seu acontecimento, foram diferentes nos territórios brasileiro e argentino. Os textos chárgicos publicados por Tute nos revelam uma inquietação em relação aos aspectos gerados pela crise do coronavírus, situação muito compreensiva nas circunstâncias vivenciadas. Nesse sentido, vemos que as subjetividades podem ser influenciadas pelo discurso que nos perpassa como seres integrados a uma sociedade.

Passemos agora ao assunto que nos levou aos novos caminhos trilhados pela pesquisa: a charge continuada.

⁴² Importante contextualizar o momento no qual as charges foram publicadas, lembrando, primeiro trimestre da pandemia de Covid-19 (março, abril e maio de 2020).

4.2. Charge continuada: Surgimento e definição

Fenômeno discursivo novo e inovador, o episódio da charge continuada iniciou-se a partir de junho de 2020. Hoje já é possível encontrá-la definida na grande enciclopédia aberta, *Wikipédia*, um sinal de que sua aparição não foi momentânea e transitória, mas que impactou o momento no qual foi produzida. Fato interessante, uma vez que foi esta mesma conjuntura que a produziu, ou ao menos permitiu, possibilitou o fenômeno.

Para contextualizar o/a leitor/a, vale lembrar que inicialmente este não era o objeto de estudo desta pesquisa. No entanto, a partir da coleta de dados e do envolvimento com o assunto a fim de elencar quais seriam os chargistas escolhidos para o *corpus* da pesquisa principal, nos deparamos com a existência do fenômeno e seus desdobramentos na classe dos chargistas.

Uma vez que o período para a coleta de dados para o *corpus* de análise já havia sido definido como o primeiro trimestre da pandemia (março, abril e maio), e que a temática já havia sido definida, dialogamos sobre a importância deste acontecimento discursivo e como abordá-lo, definindo que a charge continuada merecia um espaço para discussão, e, portanto, um capítulo do trabalho. Assim, é possível abordar tanto a questão da sua existência quanto investigar sentidos produzidos a partir dela, como sua potência de enfrentamento de uma classe que se organiza, por exemplo, ou o reavivamento dos diálogos sobre a liberdade de imprensa em um contexto de cerceamento advindo do governo.

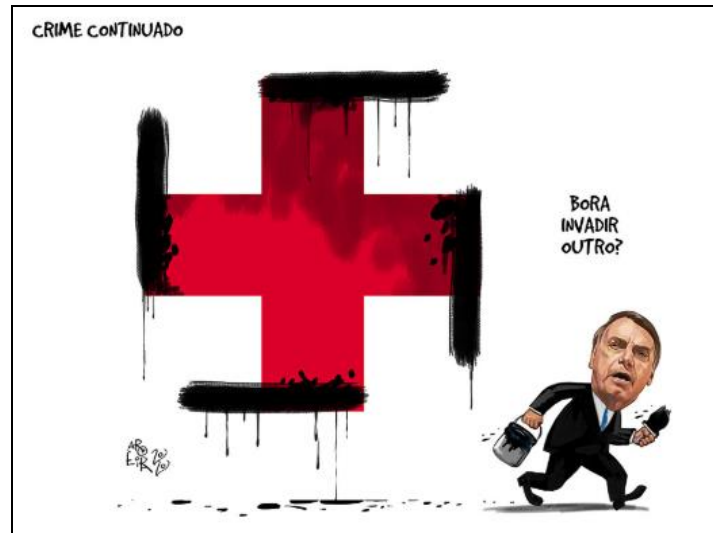
A fim de defini-la, vale dizer que a charge continuada ultrapassa o modelo em vigor até então, pois reconfigura o gênero discursivo charge. Isso porque estabelece uma prática de retomada de charges pouco vista anteriormente. Ela se configura como um acontecimento discursivo a partir do momento em que vários cartunistas se reúnem, criam um movimento virtual⁴³ na plataforma *Instagram*, produzindo charges, desenhos e cartuns como respostas a uma charge inicial que havia sido objeto de polêmica envolvendo o Presidente da República.

Estes textos podem ser muito parecidos com a charge original ou apresentar materialidades distintas, lembrando-a em alguns aspectos (tal qual em releituras), sendo realizados a partir do ponto de vista e do traço de cada chargista. Em relação à autoria, é possível verificar que algumas dela trazem somente a assinatura do profissional que realizou a releitura, e em outras nos deparamos com a assinatura do artista adicionada ao artista que a idealizou, a fim de fomentar e engajar-se numa causa ou ideia.

⁴³ O movimento pode ser acessado na página: <https://www.instagram.com/somostodosaroeira/>.

Este movimento⁴⁴ surgiu a partir da produção de uma charge de Renato Aroeira⁴⁵, publicada em 14.06.2020⁴⁶, no portal de notícias Brasil 247, a qual segue reproduzida abaixo:

Charge 14



Charge “Crime Continuado”, de Renato Aroeira

Fonte: <https://www.brasil247.com/charges/crime-continuado> acesso em: 20.06.2020.

Nela é possível vermos uma figura em que o chargista busca representar o então presidente brasileiro Jair Bolsonaro com um balde de tinta e pincel nas mãos, após ter pintado em uma cruz vermelha, a qual simboliza a saúde (hospitais e ambulâncias, por exemplo), traços pretos nas pontas, transformando-a em uma suástica (símbolo do regime nazista), e com a seguinte frase acima “Bora invadir outro?”.

Este texto chargístico foi produzido como crítica a uma *live*⁴⁷ do presidente Jair Bolsonaro, disponível no *Youtube*, em 11.06.2020, em que ele questiona a veracidade das informações que estão sendo divulgadas pela mídia sobre a falta de leitos nos hospitais

⁴⁴ Uma vez que este trabalho se debruça sobre um gênero textual muito ligado às notícias, foi necessário realizarmos várias consultas sobre os acontecimentos que provocaram a escrita das charges. Ainda mais se pensarmos na charge continuada. Dessa maneira, fontes de consulta estarão disponíveis (na lista de referências e/ou nas notas de rodapé) para aqueles que se interessarem em obter maiores informações que aquelas encontradas no corpo do texto.

⁴⁵ Renato Aroeira é um cartunista brasileiro de grande visibilidade no momento. Segundo ele, antes do evento da Charge Continuada era considerado um profissional de médio porte. No entanto, com toda a “luz” que foi lançada sobre a polêmica da charge “Crime continuado”, e que é descrita no corpo deste texto, logo acima, consequentemente sua carreira foi colocada em destaque, sendo muito evidenciada. Mineiro de nascimento, ele está ligado às artes tanto pelos traços quanto pela música (é saxofonista), e se define como “um crítico social”.

⁴⁶ Charge disponível em: <https://www.brasil247.com/charges/crime-continuado>

⁴⁷Para quem se interessar pela *live* na íntegra, segue referência: <https://www.youtube.com/watch?v=nReUC4CE47A>. A parte que interessa ao trabalho foi descrita no corpo do texto.

públicos, assim como de aparelhos respiradores, situações que foram noticiadas como causas de muitos óbitos. Assim, a figura governamental pede aos cidadãos que “arranjem uma maneira de entrar em hospitais de campanha ou públicos, perto de suas casas, e filmem a situação”, documentando e enviando para sua equipe, a fim eles possam verificar se os gastos são compatíveis com o investimento enviado aos municípios.

No mesmo dia de sua publicação, em 14.06.2020, a charge de Aroeira foi reproduzida pelo jornalista Ricardo Noblat, no seu perfil do *Twitter* – utilizado como blog e intitulado Blog do Noblat -, e no dia seguinte, “censurada” pelo Governo, que solicitou ao então Ministro da Justiça, Sr. André Mendonça, a abertura de um inquérito para investigação do produto cultural. Assim, a Polícia Federal e a Procuradoria Geral da República instauraram inquérito contra o cartunista e o jornalista, por “suposto crime de falsa imputação contra Bolsonaro”⁴⁸. Em 16.06.2020, surgiu o movimento #somostodosaroeira, uma página no Instagram⁴⁹, com a primeira ‘releitura’ postada pelo chargista Duke, que logo foi seguido por muitos colegas, entre profissionais, amadores, e colaboradores simpáticos à causa. Em consulta no início do mês de junho de 2022, a página contabilizava mais de 400 colaborações, além de inspirar outros eventos semelhantes, e suscitar um diálogo muito importante a respeito da liberdade de expressão em nosso país.

Juntamente com a página #somostodosaroeira, os apoiadores que se mobilizaram contra a censura direcionada ao chargista Renato Aroeira e ao jornalista Ricardo Noblat organizaram um abaixo-assinado, no portal *Change.org*⁵⁰ intitulado “Pela Liberdade de Expressão, em solidariedade ao cartunista Aroeira”⁵¹, que até a data de 12.05.2021 já havia conseguido 82.107 assinaturas em apoio. E, contrariamente ao objetivo almejado pelo governo, que era minar a produção de sentidos veiculados pela charge, todo o empenho em

⁴⁸ Para maiores informações, algumas notícias veiculadas sobre a pauta podem ser encontradas nos seguintes endereços: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/06/15/mendonca-pede-inquerito-para-apurar-charge-que-associa-bolsonaro-ao-nazismo.htm>, <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/censura-ministro-da-justica-pede-investigacao-contra-noblat-por-charge-associando-bolsonaro-ao-nazismo/>, <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/06/15/secom-ameaca-processo-jornalista-charge.htm?cmpid=copiaecola>.

⁴⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/somostodosaroeira/?hl=pt-br>

⁵⁰ O *Change.org* é uma plataforma virtual e gratuita de abaixo-assinados. De acordo com informações divulgadas na página oficial, o intuito é possibilitar a organização de movimentos sociais, mediando o contato de pessoas interessadas nas mesmas causas. Além disso, acreditam que por meio desta ferramenta auxiliam líderes comunitários a defenderem suas causas e comunidades lutarem por seus ideais, por meio de visibilizar as ações e possibilitar campanhas. Classificado como o maior e mais efetivo portal no segmento, o *Change.org* não monetiza por meio de venda de publicidade, mas relatam que sobrevivem de doações. Foi fundada em 2007 nos EUA, e atua no Brasil há 10 anos.

⁵¹ <https://www.change.org/p/minist%C3%A9rio-da-justi%C3%A7a-pela-liberdade-de-express%C3%A3o-em-solidariedade-ao-cartunista-aroeira>

censurá-la conferiu maior visibilidade ao cartunista, assim como resgatou e fortaleceu os diálogos e reflexões a respeito da liberdade de expressão em nosso país, sobretudo no campo jornalístico. Além disso, sua produção, do ponto de vista discursivo, promoveu a união e fortalecimento da classe, impulsionando o texto chargístico enquanto possibilidade de discussão das situações vivenciadas em nosso país.

No que tange à análise da charge enquanto discurso em si, podemos nos ancorar na atualização do conceito de interdiscurso promovida por Maingueneau (2007), e pensar como este gênero dialoga (e necessita desse diálogo, como esperamos ter mostrado anteriormente) com outros discursos para sua compreensão, a fim de que a produção de sentidos aconteça.

Para falar de interdiscurso, vale retomar algumas questões que o cercam. Malidier (2003, p. 51), ao abordar a trajetória de Pêcheux em sua obra, não pôde deixar de entrar no mérito da questão. Ela exprime que o conceito “interdiscurso” não existia, mas a ideia à qual ele remete, sim. Denominado de “já dito” e “já ouvido”, ele é disposto como aquilo “que designa o espaço discursivo e ideológico no qual se desdobram as formações discursivas em função de relação de dominação, subordinação, contradição”, e trabalha com a ressignificação do sujeito sobre o que já foi dito, o repetível, determinando os deslocamentos promovidos pelo sujeito nas fronteiras de uma formação discursiva. Esses por sua vez, também provocam reflexão, e a autora cita o trabalho de Courtine nesse âmbito, como mais amplo e abrangente. De acordo com ela, “a interrogação sobre o fechamento de uma formação discursiva faz surgir a expressão muito forte de “fronteira que se desloca” em função do jogo ideológico...”, e que “Ela interdita qualquer interpretação fixista do conceito” (*op. cit.*, p. 76). Os discursos, assim como os interdiscursos, não são homogêneos, antes a heterogeneidade os permeia, ou melhor dizendo nas palavras de Maingueneau, os constitui. Na obra *Gênese dos Discursos* (2007), o autor elabora um capítulo para o “Primado do Interdiscurso”, procurando discutir alguns pontos que circundam o conceito. Para ele, “quando os linguistas precisam encarar a heterogeneidade enunciativa, são levados a distinguir duas formas da presença do “Outro” no discurso:” a saber “a heterogeneidade “mostrada”, (...) que é acessível aos aparelhos linguísticos, e a “constitutiva”, que não deixa marcas visíveis”, não pode ser depreendida por uma abordagem linguística. Discurso e/ou palavra algum possui um sentido finito, único, delimitado, ele pode se constituir de outros sentidos, dependendo da maneira como foi enunciado pelo seu enunciador, da conjuntura na qual se efetivou, e da intencionalidade de seu enunciador. Aroeira, em entrevista ao periódico *Agemt*, da PUC-SP, apresenta questões sobre a charge que se refletem nas palavras de Maingueneau. O cartunista “explica que há três

questões envolvidas para o desenvolvimento de uma charge: ‘(...) o que você quis dizer, o que você disse realmente e o que as pessoas vão interpretar’” (OLIVEIRA, 2021, portal *online*).

Diante disso, vamos retomar a charge que originou o movimento para discutirmos como alguns pontos se materializam. É importante nos atentarmos para o fato de que se o leitor não compreende a simbologia da cruz vermelha enquanto símbolo da saúde, dos traços pretos que a transformam analogicamente em suástica, desta enquanto simbologia do regime totalitário disseminado por Adolf Hitler na Alemanha na primeira metade do século passado, além de não ter conhecimento da notícia que a originou (para entender o enunciado verbal), ele não conseguirá produzir todos os efeitos de sentido possíveis a partir do texto.

Entendendo sujeito como resultado da relação com a linguagem e a história, sabemos que o sujeito do discurso não é totalmente livre, nem totalmente determinado por mecanismos exteriores, mas sim constituído a partir da relação com o outro, nunca sendo fonte única do sentido, tampouco elemento no qual se origina o discurso. A relação que ele estabelece dentro de uma F.D. pode ser de natureza ativa, mas nunca determinante, visto que os discursos que preferimos e aos quais produzimos sentidos não são propriamente e originalmente nossos, uma vez que estamos assujeitados ao discurso que se efetiva, tomado na relação com discursos no interdiscurso.

Explorando os sentidos produzidos pela charge para além daqueles já mencionados, podemos indicar seus enunciados verbais. O primeiro deles é o título da produção cultural, a saber, “Crime continuado”. Considerando a materialidade histórico-ideológica na qual foi elaborada, é fundamental levarmos em consideração que ela foi produzida em resposta a uma fala da figura do presidente, que “convidava” os cidadãos a adentrarem nos hospitais e conferirem a existência dos equipamentos necessários ao combate da Covid-19, como aparelhos de ventilação mecânica, por exemplo. Nesse sentido, podemos pensar que o segundo enunciado verbal, “Bora invadir outro?”, associa-se ao crime sugerido pelo título, ou seja, a invasão de hospitais por civis, em plena pandemia, comprometendo o trabalho de equipes médicas, além de intensificar o processo de contaminação (o que poderia ser visto como crime induzido ou um inconveniente ao já instalado caos no sistema de saúde brasileiro)⁵². Outra possibilidade para o crime continuado poderia ser pensada a partir da

⁵² A invasão de hospitais, tal qual incitada pelo presidente Bolsonaro realmente aconteceu. Noticiada por vários veículos de comunicação, foi apontada como irresponsável e criminosa. O portal de notícias Brasil de Fato declara que “durante as invasões, servidores públicos foram desrespeitados, o atendimento ficou impactado, além de o resultado das gravações retratarem de forma bastante deturpada a realidade dos hospitais” (18/06/22). Além disso, aponta que, nestas “visitas” é possível elencar, pelo “Código Penal Brasileiro (...) uma série de condutas que são consideradas crimes nesse caso. Dentre elas, (...): Artigo 331: estabelece como crime o desacato a funcionário público no exercício de sua função, com pena de detenção de seis meses a dois anos ou

perpetuação na ausência de medidas efetivas contra a pandemia do coronavírus em nosso país, fomentada pelo negacionismo diante da situação, ações estas perpetradas pela equipe de governo e instigadas na massa populacional.

Indo além, ainda nos resta estabelecer relações entre o título e algumas ações e falas emitidas pelo Presidente da República, desde sua candidatura, as quais remetem a valores muito próximos daqueles veiculados pelo Partido Nazista na Alemanha⁵³, como discriminação contra todo aquele que é diferente dos padrões hegemônicos estabelecidos (direcionada aos negros, pobres, LGBTQIA+, imigrantes, com ideologia religiosa distinta da cristã etc.). Tal hipótese suscita reflexão sobre valores difundidos pelo atual presidente acerca da moral, dos bons costumes, da constituição familiar patriarcal, da defesa do capital e seus detentores, e não do trabalho de uma pauta mais voltada às políticas públicas para atender os grupos marginalizados⁵⁴.

Nesse sentido, vamos retomar a discussão iniciada na página 57 sobre o termo genocídio e a sua ampla circulação no que concerne ao então presidente da república. Naquele momento trouxemos a definição do termo, assim como algumas concordâncias e discordâncias em relação à aplicação do vocábulo. Uma vez que a charge continuada é baseada em um acontecimento que remete diretamente ao termo em destaque, torna-se relevante aprofundarmos nosso diálogo acerca disso. Para isso, vamos iniciar abordando um trabalho de Paula e Lopes (2020), no qual discorrem a respeito dos conceitos de eugenia e holocausto, à luz da teoria bahktiniana. De acordo com as autoras, é possível afirmar que há

multa; b) Artigo 265: estabelece como crime atentar contra a segurança ou funcionamento de serviços de utilidade pública, com pena de reclusão de um a cinco anos e multa; c) Artigo 286: estabelece como crime incitar publicamente a prática de crime, com pena de detenção de três a seis meses ou multa” (*ibidem*). A Revista Consultor Jurídico acrescenta ainda “que, ao incentivar que as pessoas se exponham a um grave risco invadindo hospitais, o presidente pode ter incorrido em três crimes descritos no Código Penal. (...) artigos 268, 286 e 287” (14/06/20). De acordo com o site www.jusbrasil.com.br, as definições e penas dos artigos citados: 268- Infringir determinação do poder público, destinada a impedir introdução ou propagação de doença contagiosa, com pena de detenção, de um mês a um ano, e multa; 286 (já descrito anteriormente), e 287 - Fazer, publicamente, apologia de fato criminoso ou de autor de crime, com pena de detenção, de três a seis meses, ou multa.

⁵³ O atual presidente do Brasil mostra, pelos seus discursos e ações, valores muito próximos àqueles que embasaram o nazismo, na Alemanha. Aspectos como totalitarismo, desprezo pela democracia liberal, preconceito contra estrangeiros (lá o principal alvo eram os judeus, mas os ciganos também sofreram as agruras desse regime, assim como pessoas que apresentavam algum traço que era considerado desviante do ponto de vista físico, psíquico ou social). A eugenia era uma constante na defesa de uma raça pura, fortalecida pelo nacionalismo ufanista. No tocante à economia, a defesa era para as grandes empresas de alemães, da propriedade privada, e a rejeição pela luta de classes. O apoio a teorias científicas que corroboravam com seus ideais era outro ponto, tal qual o darwinismo social e a homogeneidade social. Desta maneira vemos que, embora o contexto seja outro, há uma proximidade muito grande entre os dois momentos históricos, alterando-se questões culturais.

⁵⁴ Entendendo-se aqui marginalizados como “à margem”, sem acesso.

uma eugenia no governo de Bolsonaro, e que ela colabora de maneira incisiva com um projeto de holocausto no território nacional. Elas afirmam que

Conforme os pressupostos bakhtinianos, as identidades são constituídas na alteridade (relação eu-outro), por meio de um jogo de forças centrípetas (centralizadoras e hegemônicas) e centrífugas (descentralizadoras e resistentes), marcado, na eugenia, pelo preconceito e por estereótipos (o estigma que recai sobre determinados grupos e a atribuição valorativa por sua descendência), o que as fundamenta no interior de uma coletividade, pela relação de e entre grupos e seus interesses. A materialização da ideologia na linguagem constitui o signo (...). As designações (signos ideológicos, nas palavras dos estudiosos bakhtinianos) revelam a eugenia, a partir das valorações incutidas na linguagem e a relação entre os grupos, uma vez que a hierarquia rebaixa aqueles entendidos como “inferiores” e enaltece aqueles considerados “superiores” na estrutura social (PAULA & LOPES, 2020, p. 36/37).

Retomando o vocábulo “eugenia” desde a sua concepção em 1883, as estudiosas afirmam que “o eugenismo originou um modo de pensar que dominou os séculos XIX e XX. O objetivo científico consistia em melhorar a qualidade genética da população e, assim, construir o que entendiam os adeptos como uma sociedade superior biológica, social e economicamente” (p.37). O holocausto dos judeus, na II Guerra Mundial resgata nossa memória a respeito desta concepção de uma raça ariana perfeita. No entanto, ele não foi o único evento genocida, infelizmente. Podemos citar ainda o conflito ocorrido em Ruanda, entre as etnias hutus e tutsis, no início da década de 1990, que provocou a morte de mais de 800 mil pessoas, como exemplo. Se pensarmos ainda mais próximo a nós, podemos apresentar o genocídio contra os povos indígenas no Brasil, o qual vem sendo discutido e inclusive denunciado⁵⁵.

No Brasil, a utilização do verbete em relação aos atos do presidente Bolsonaro tem provocado disputas no que tange à sua natureza social, política e jurídica. Muitas pessoas têm sofrido sanções por parte do Governo Bolsonaro ou de sua família, com investigação, inclusive pautadas na Lei de Segurança Nacional (tal como o cartunista Aroeira, sobre o qual versa este item; o youtuber Felipe Neto; além de pessoas não famosas, como alguns professores da Região Nordeste).

Paula & Lopes (2020) asseveram que “um argumento expressivo dos eugenistas (como Mussolini e Hitler e em países como os Estados Unidos e o Brasil, por exemplo) é o de

⁵⁵ De acordo com o site de notícias Brasil de Fato, noticiado em 21/10/21, o presidente Bolsonaro já havia sido denunciado no Tribunal de Haia por “incitação ao genocídio” dos povos indígenas em novembro de 2019. A denúncia foi realizada por parte do Coletivo de Advocacia em Direitos Humanos (CADHu). As ações continuaram a acontecer durante a pandemia de Covid-19, inclusive com a divulgação de *fake news* entre os indígenas desacreditando a vacinação. Para além deste evento, o presidente Bolsonaro foi denunciado no Tribunal de Haia, pela Rede Sindical Brasileira UNISAúde em julho de 2020; pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), em agosto de 2021; e pelo Movimento Brasil Livre (MBL), em setembro de 2021.

que as raças humanas consideradas superiores (a “ariana”/nórdica, entendida como “pura”) prevalecem no ambiente (são mais fortes e adaptáveis)” (p.37), além da possibilidade de se criar uma sociedade mais homogênea, visto que se a raça é “mais pura”, a fuga ao padrão será muito difícil. Seguem dizendo que,

com base nessa crença, calcada por muito tempo na ciência (especialmente na biologia), em diversos regimes sócio, político, culturais, muitas pessoas consideradas “não dignas” de transmitir suas hereditariedades a seus descendentes foram submetidas à esterilização, lobotomia e/ou à morte – casos de pessoas com alguma má formação, doentes, negros, homossexuais, judeus etc (*op cit.*, p. 37).

Em seu artigo, as autoras analisam alguns enunciados, inclusive anteriores ao cargo de presidente, nos quais a ideologia eugenista já se anunciava no discurso bolsonarista (como exemplos não literais, podemos citar “a única utilidade de gente pobre em nosso país: o voto”, “o controle rígido de natalidade na população pobre”, e “educação não é para todos”).

Nesta perspectiva, constatando que a eugenia leva ao holocausto, na direção daquilo que Paula & Lopes (2020) defendem no artigo delas, conseguimos discutir a questão do genocídio com embasamento, e não apenas como “minha opinião”, prática tão comum nos tempos atuais (e já discutido no item anterior ao abordar a questão do negacionismo).

O boletim organizado pela USP e intitulado Direitos na Pandemia – Mapeamento e Análise das Normas Jurídicas de Resposta à COVID-19 no Brasil (2021) revela que

os resultados afastam a persistente interpretação de que haveria incompetência e negligência da parte do governo federal na gestão da pandemia. Bem ao contrário, a sistematização de dados, ainda que incompletos em razão da falta de espaço para tantos eventos, revela o empenho e a eficiência da atuação da União em prol da ampla disseminação do vírus no território nacional, declaradamente com o objetivo de retomar a atividade econômica o mais rápido possível e a qualquer custo (p. 07).

Esta publicação é uma constatação efetiva da necessidade do olhar interdisciplinar para a crise que a humanidade vive desde o início da pandemia de coronavírus, para além das questões da saúde. Ela é resultado de um projeto que “compreende pesquisa documental para constituição de um banco de normas, com produção de dados para análise qualitativa de impacto potencial sobre direitos humanos” (p. 03), trazendo o olhar das ciências humanas para compreender este evento tão amplo, “além de produção de dados para desagregação e análise quantitativa, em especial cruzamento de dados sobre as normas com indicadores epidemiológicos” (*ibidem*).

Para corroborar este pensamento, o portal de notícias Brasil de Fato publicou em outubro de 2021 matéria na qual juristas apontam dados plausíveis para a utilização do termo “genocida” aplicado à postura do presidente da República. Utilizando trechos de entrevistas, o

texto aponta que “a estratégia de ‘**imunidade de rebanho**’ por contágio foi implementada pelo governo federal com a resistência de outros poderes, de governadores e prefeitos. Mas essa resistência não esconde a intenção do governo federal, que jamais negou sua tese” (Portal Brasil de Fato, *online*, 21/10/21), (grifo do texto original). O texto do Boletim citado acima acrescenta que o Plano de Contingência para resposta à Covid-19, apresentado em fevereiro de 2020 no Brasil,

diferentemente de outros países, (...) não traz qualquer referência à ética, aos direitos humanos ou liberdades fundamentais, sequer os relacionados ao cotidiano da emergência, como a gestão de insumos escassos ou à relação médico-paciente, ignorando tanto a lei brasileira (nº 13.979, de 06/02/20) como o Regulamento Sanitário Internacional, vigente no Brasil, ambos determinando expressamente que a resposta às emergências deve ser feita com pleno respeito à dignidade, aos direitos humanos e às liberdades fundamentais das pessoas (VENTURA & REIS, 2021, p. 02).

Além disso, as pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos que o produz, revelam “a existência de uma estratégia institucional de propagação do vírus, promovida pelo governo brasileiro sob a liderança da Presidência da República”. Para embasar esta afirmação, seus pesquisadores apontam três eixos, a saber:

1. atos normativos da União, incluindo a edição de normas por autoridades e órgãos federais e vetos presidenciais;
2. atos de obstrução às respostas dos governos estaduais e municipais à pandemia; e
3. propaganda contra a saúde pública, aqui definida como o discurso político que mobiliza argumentos econômicos, ideológicos e morais, além de notícias falsas e informações técnicas sem comprovação científica, com o propósito de desacreditar as autoridades sanitárias, enfraquecer a adesão popular às recomendações de saúde baseadas em evidências científicas, e promover o ativismo político contra as medidas de saúde pública necessárias para conter o avanço da Covid-19 (*op. cit.* 06).

A seção do Boletim é finalizada indicando “a urgência de discutir com profundidade a configuração de crimes contra a saúde pública, crimes de responsabilidade e crimes contra a humanidade durante a pandemia de Covid-19 no Brasil” (*op. cit.* p. 07).

Voltando à análise da charge, o segundo enunciado, “Bora invadir outro?”, nos remete à linguagem informal, e no contexto no qual se encontra, é possível estabelecer uma analogia com o discurso característico do pichador, atividade também considerada ilegal perante a legislação brasileira. Além do discurso verbal, a postura corporal da figura sugere a furtividade, tal qual os pichadores que buscam realizar sua atividade em espaços e horários nos quais não serão pegos em flagrante, nem autuados.

Em relação ao texto visual, já apontamos anteriormente a figura do Presidente Jair Bolsonaro, o qual é retratado de maneira caricata em um traço com postura de pichador; a

figura da cruz vermelha simbólica da área da saúde, que sugestivamente está pintada sobre um fundo branco, sugerindo um muro e/ou parede (espaço necessário ao pichador), provavelmente de um hospital; o símbolo análogo à suástica do regime nazista; e a tinta escorrendo no chão, em preto, assim como uma visível sombra na cruz. Complementando os sentidos já expostos anteriormente, podemos pensar na cor preta na cruz da saúde como a ausência de medidas para combater a pandemia da Covid-19 e o negacionismo diante da situação, dialogando com o título. Além disso, visualmente podemos ser remetidos ao caos do sistema de saúde com esta tinta escorrendo, fazendo uma bagunça no chão, manchando o vermelho, como as vidas que estão sendo ceifadas neste contexto. A ‘pichação’ também nos possibilita pensar em uma relação paralela no campo semântico com a ‘invasão’, pensando-se que ambas são ações consideradas proibidas pela legislação, e aparecem no mesmo discurso.

A representação da figura do presidente da república como um pichador nos remete ao conceito de carnavalização apresentado por Bakhtin (2013) e retomado por Romualdo (2000). Este aponta que

Operando, em suas análises, com categorias carnavalescas como a excentricidade, as mésalliances, a profanação, o Autor revela que a charge cumpre um ritual ambivalente, porque conjuga elementos díspares, ao figurar a autoridade e destroná-la e ao apontar a ordem instituída pelo reverso de sua aparência séria. Daí tira duas conclusões fundamentais. A primeira é a de que a leitura da charge requer um duplo movimento, englobando a percepção concomitante de duas máscaras, a da seriedade/autoridade e a da sua ridicularização. A segunda é a de que da simultaneidade desses movimentos opostos, mas justapostos, nos quais se sedimentam os efeitos de sentido da charge, provém o riso – um riso de zombaria, mais precisamente um riso carnavalesco sobre a nossa triste atualidade sócio-políticoeconômica. (ROMUALDO, 2000, p. 15)

Assim, vemos que a autoridade que a figura do governo federal sugere é aqui ‘destronada’, no papel daquele que é marginal, “da representação de um “mundo às avessas”, aguçando, pela própria inversão de valores sociais que promove, uma visão mais límpida da realidade”. (ROMUALDO, 2000, p. 14).

4.2.1. Alguns desdobramentos/possibilidades de discussão enquanto enfrentamento e resistência

No que concerne a sua origem, a charge continuada surge como uma narrativa muito potente socialmente, visto que, segundo fala dos envolvidos, “uma coisa é mover uma ação

contra um cartunista... e agora? Vai nos processar todos os envolvidos?”⁵⁶. Sabemos que isso não aconteceu, antes houve uma mobilização da classe e da opinião pública, possibilitando inclusive discussões sobre a demanda inicial, que foi a da ‘liberdade de expressão’. E, nesse sentido, a partir desse primeiro movimento, outras charges continuadas têm sido produzidas, quando colegas cartunistas sofrem algum tipo de retaliação no trabalho. Este movimento tem sido acompanhado por meio de reportagens escritas e *lives* que têm acontecido a fim de potencializar as discussões da temática.

Vale mencionar que o movimento #somostodosaroeira, por meio da página do *Instagram*, mobilizou alguns cartunistas, e, juntos participaram do Prêmio Jornalístico Herzog de Anistia e Direitos Humanos. Embora o evento não possuísse uma categoria de inscrição para trabalhos coletivos, foi premiado em 25/10/2020 com o Prêmio Destaque, inaugurando assim uma nova categoria, e evidenciando a importância desse trabalho e, conseqüentemente, desse acontecimento.

Ao observar as releituras, é possível verificar alguns elementos que, embora diferenciados, remetem ao contexto original. Além disso, muitos deles são recorrentes, tais como a figura do vampiro, a menção às fezes, à morte, de números referentes às vítimas fatais da pandemia, de palhaço, do próprio Aroeira, de Hitler, de Queiroz⁵⁷, de Paulo Guedes⁵⁸, questões da ditadura militar no Brasil e censura etc. Essas materialidades discursivas

⁵⁶ Por “envolvidos” considerar todas as pessoas que produziram a releitura da charge “Crime Continuado”, na página #somostodosAroeira, incluindo cartunistas, chargistas, e leigos, que participaram em favor da causa. Aroeira se utiliza desta fala em uma entrevista, realizada em live, para exemplificar que, mover uma ação contra uma pessoa física como ele, assim como o jornalista Noblat (como foi feito) tem uma conotação. No entanto, por meio da charge continuada como uma ação coletiva, sem liderança, e com participação irrestrita, como responsabilizar todas as pessoas que se envolveram? Como já citado ao longo do texto, a página do *Instagram* tem mais de 400 inserções.

⁵⁷ Queiroz: Fabrício Queiroz é ex-policia militar e amigo da família Bolsonaro, foi colaborador no gabinete de Flávio Bolsonaro quando este era deputado na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Envolvido no escândalo das “rachadinhas” (de acordo com informações já consolidadas na memória social, esta é uma prática que tem como objetivo desviar dinheiro público em benefício próprio, por meio do recebimento de parte dos salários de seus funcionários ou de valores pagos aos prestadores de serviço), Queiroz foi preso em 2020, e por meio de investigação do Ministério Público, descobriu-se que ele recebeu 2 milhões de reais, vindos de depósitos realizados pelos funcionários do gabinete de seu chefe.

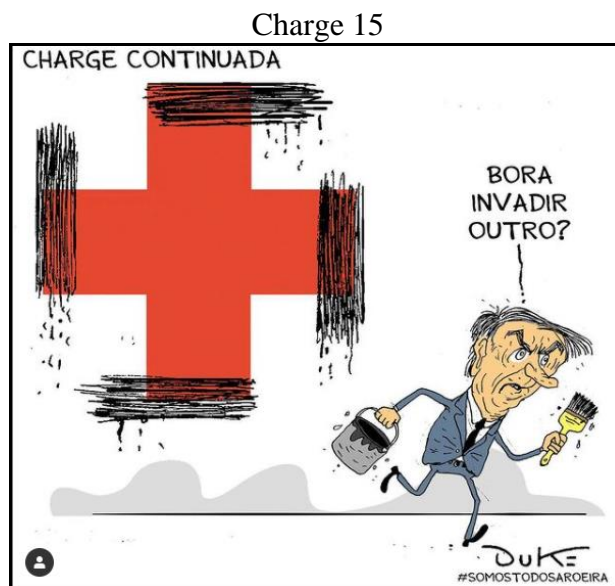
⁵⁸ Guedes: Paulo Roberto Nunes Guedes ocupa a posição de ministro da economia do Brasil. Foi o primeiro ministro a ser indicado pelo governo Bolsonaro, Paulo Guedes está à frente do ministério mais importante. Economista, ele é PhD em economia pela Universidade de Chicago. Já atuou na academia como professor (PUC-RJ, FGV, entre outras), assim como no mercado privado (foi um dos fundadores do Banco Pactual). Na década de 80 foi convidado a ministrar aulas na Universidade do Chile, fato que muito lhe agradou, pois dessa maneira poderia acompanhar de perto as mudanças implantadas pelos chamados Chicago Boys, economistas que havia conhecido em seu período em Chicago. Estas reformas, a saber, a redução do gasto fiscal, privatizações, introdução do modelo de capitalização para a Previdência, reforma tributária, trabalhista e desregulação da economia, são ideias que o ministro pretende trabalhar também aqui no Brasil.

evidenciam a tessitura da materialidade histórica, ideológica e social junto aos enunciados produzidos, e aqueles que acessamos para constituir novos discursos.

Nesse sentido, é fundamental que apresentemos algumas charges da continuada para que o leitor compreenda melhor como o acontecimento discursivo se efetivou. Tendo em vista o número amplo de colaborações, fizemos um ‘recorte’ do corpus a partir de alguns aspectos comuns, e que foram reverberados de outros discursos em circulação, os quais serão abordados em seguida.

Em primeiro lugar, é importante salientar que, mesmo dentro do corpus recortado havia um número grande de textos. Dessa maneira, em nossa análise, vamos apontar questões pontuais presentes na maioria deles, e nos atermos com maior rigor àqueles com maior complexidade semiótica.

Para iniciar, é relevante que nos debrucemos sobre a primeira releitura realizada, feita pelo cartunista Duke. Esta deu origem ao movimento da charge continuada, angariando participação futura. O texto segue abaixo para apreciação:



Fonte: perfil do Instagram @somostodosaroeira
Disponível em: https://www.instagram.com/p/CBjne_Rngd9/, acesso em: 20/08/2020.

Nela, é possível identificarmos aspectos muito semelhantes ao texto original, mas com as peculiaridades dos traços de cada artista.

Para além da charge que iniciou o processo, separamos algumas outras, de acordo com aspectos recorrentes que foram identificados. Estas foram agrupadas nas seguintes temáticas:

- a. Charges que se utilizam da metalinguagem;
- b. Questão simbólica na morte mais evidenciada pela utilização de caveiras (ou representação dela de alguma maneira);

c. Alusão à censura imposta ao chargista Renato Aroeira e, conseqüentemente, ao jornalista Ricardo Noblat;

d. Releituras que se utilizam de discursos em circulação sobre o personagem abordado.

Para além das categorias aqui elencadas ou dos textos escolhidos para representá-las, as releituras produzidas pela charge continuada poderiam viabilizar uma reflexão e discussão muito mais ampla, visto que estão inscritas em um *corpus* muito rico de produção de sentidos. Para nossa observação, no entanto, selecionamos os seguintes textos:

a. Categoria A: Charges que se utilizam da metalinguagem. Observe os textos que seguem:

Charge 16



Fonte: perfil do Instagram @somostodosaroeira

Disponível em, <https://www.instagram.com/p/CBiT7kLlwTb/>, acesso em: 20/08/2020.

Charge 17



Fonte: perfil do Instagram @somostodosaroeira

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBgWV2xDCDO/>, acesso em: 20/08/2020.

Charge 18



Fonte: perfil do Instagram @somostodosaroeira
Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBj2ko5h7NO/>, acesso em: 20/08/2020.

Charge 19



Fonte: perfil do Instagram @somostodosaroeira
Disponível em: https://www.instagram.com/p/CBh-waSg_Bq/, acesso em: 20/08/2020.

Nos textos acima reproduzidos é possível identificar a utilização da metalinguagem⁵⁹. Na charge 16, produzida por Frank Maia, é possível identificarmos uma figura que representa o presidente da república saindo do Palácio do Planalto. Com uma expressão facial confiante, a figura afirma verbalmente que “Nenhuma charge sobre pandemia, impeachment, centrão?” e

⁵⁹ metalinguagem: pode ser definida como uma das funções da linguagem, utilizando-se do próprio código para explicá-la. A charge 17 é um bom exemplo, uma vez que o gênero charge fala sobre a charge que está sendo discutida, ou seja, a charge falando sobre a charge.

“Muitas charges sobre chargistas. Hahahahaha... Deu certo!”. Nesse sentido, é possível afirmarmos que o fenômeno linguístico se concretiza na alusão a uma prática que funciona como estratégia de desvio de atenção, ou seja, para distanciar o olhar e o envolvimento do povo de algo negativo, outras notícias são divulgadas, como uma “camuflagem”, até que o interesse do acontecimento inicial se dissipe. A postura adotada pela figura nos leva a inferir que ele está tranquilo, lendo algo no aparelho celular e andando, sem atentar-se para a sua volta. A mão livre está dentro do bolso, e o signo não verbal demonstra um andar rápido.

Já na charge 17, escrita pelo cartunista Quino, a metalinguagem é focada no signo não verbal. Nela nos deparamos com a representação do presidente Bolsonaro, apontando o dedo de maneira acusatória para o chargista Renato Aroeira, que está com um foco de luz (destaque) em cima dele e sua mesa de trabalho. Além do dedo em riste, o gesto formado pelo dedo indicador e polegar faz menção a uma arma de fogo, fato que nos remete à defesa do porte de arma pelo cidadão comum legitimada em falas recorrentes do presidente, e um discurso em circulação na atualidade. Embora o signo verbal não esteja presente, pela expressão facial dos envolvidos podemos depreender que o presidente está bastante insatisfeito com o personagem que caracteriza o chargista Aroeira, enquanto este, com olhos arregalados, braços apoiados na cadeira, é interrompido do seu trabalho – a charge original foi retratada na mesa de trabalho. A postura do acusador em pé e do acusado sentado também nos revela níveis distintos na relação, com uma conduta agressiva e incisiva daquele para este. Esta representação nos possibilita estabelecer uma analogia à censura, pauta principal defendida, exposta e discutida na charge continuada. Ao fundo, atrás da figura do presidente, como se estivessem escondidos pela ausência de luz neles, estão vários caixões, simbolizando a alta mortalidade provocada pela Covid-19 e, conseqüentemente, pela ausência de medidas adequadas por parte do governo federal. Neste momento, apesar da palavra “genocida” não aparecer, a discussão sobre o assunto é muito pertinente, visto que “determinadas escolhas e usos linguísticos é o que tornam, de fato, possível apreendermos os sentidos e as ideologias. Dessa forma, é por meio da seleção das estratégias argumentativas que informações são transmitidas e, conseqüentemente, a interação entre enunciador e enunciatário é estabelecida” (MACHADO & PEREIRA, 2021, p. 326). Embora o texto se dirija especificamente aos usos linguísticos, nos apropriamos da fala das autoras para estendê-lo para a linguagem mista, visto que há o silenciamento das mortes ocorridas, em detrimento à indignação por ter sido apontado como criminoso.

Zé Dassilva, por sua vez, demonstra na charge 18 uma referência que pode ser nomeada com a expressão idiomática “dar um tiro no pé”. Ao censurar o texto de Aroeira e a

produção de sentidos dele advindos, a intenção do presidente era impedir que o discurso circulasse. No entanto, seu ato acabou chamando mais a atenção para a charge em questão, provocando uma maior visibilidade ao chargista, seu trabalho, e às temáticas discutidas na charge continuada, ou seja, a censura e retaliação sofrida pelo cartunista. Zé Dassilva retratou o presidente Bolsonaro sendo coberto por várias folhas de papel que continham as charges publicadas no perfil do Instagram #somostodosaroeira (recuperou charges diversas que já haviam circulado). O papel permite que vejamos os olhos da figura, mas sua boca está coberta, nos levando a crer que o movimento realizado pelos cartunistas “calou” a boca do presidente, sufocando a censura. Além da semelhança física da figura central com o presidente, é possível identificarmos a bandeira do Brasil ao fundo, além de um retrato dele na parede, marcas indiciárias de Bolsonaro. Este texto nos remete à importância da arte enquanto instrumento de enfrentamento e resistência, além da imprensa enquanto instituição que zela pela informação do povo, oferecendo, além de notícias, possibilidades de diálogo, crítica, denúncia e investigação.

Na charge 19, o cartunista Cris representa o presidente ladeado por duas pessoas, tal qual ele aparece cotidianamente em suas *lives* diárias. Nela, o presidente está no centro, com uma figura feminina a sua direita que remete à ativista Sara Winter⁶⁰, e a sua esquerda está uma figura masculina que lembra Roberto Alvim⁶¹, ex-secretário da Cultura. A expressão facial dos três personagens demonstra uma postura agressiva além da figura feminina ter uma tatuagem da cruz de ferro⁶² no peito. Na mão direita do presidente está a charge original,

⁶⁰ Sara Winter: batizada Sara Fernanda Giromini, é uma ativista que apresenta um percurso contraditório e tumultuado. Ligada ao movimento feminista em um primeiro momento, hoje ela critica o movimento, e defende os valores divulgados pelos bolsonaristas: família tradicional, conduta heterossexual, contra os direitos das mulheres e LGBTQIA+, por exemplo. É uma das líderes do movimento “300 do Brasil”, grupo de extrema direita, que se autointitula como “a primeira militância organizada de direita no Brasil”.

⁶¹ Roberto Alvim: exerceu o cargo de secretário especial da Cultura do Brasil, no governo Bolsonaro. No entanto, foi exonerado em janeiro de 2020 após um evento polêmico, a saber, a publicação de um vídeo institucional no qual reproduziu diversos elementos que remetiam a um político do período nazista. De acordo com Paula & Mendes (2020, p. 42), ele “plagiu um discurso de Goebbels (Ministro da Propaganda de Hitler) e ainda o pronunciou embalado pela música (sonoridade) de Wagner (o compositor preferido de Hitler que ficou com sua música conhecida no nazismo, usado em ocasiões oficiais por Goebbels, dado o apreço do Führer)”. As autoras divulgaram em seu texto a imagem comparada do evento “original” e da “releitura” de Alvim, (no texto de discussão da charge que o envolve). Nela é possível vermos “a imagem de Bolsonaro com a faixa presidencial num quadro na parede, ao fundo e acima dele, a bandeira nacional ao seu lado (direito dele, esquerdo de quem vê) e outros pequenos detalhes que também remetem à arquitetônica plástica cenográfica (visual) do gabinete de Goebbels” (ibidem), como elementos visuais. Já no campo oral, o ex-secretário pronunciou-se da seguinte maneira: “A arte brasileira da próxima década será heroica e será nacional. Será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional e será igualmente imperativa [...] ou então não será nada”. Conhecido pela sua postura direitista, este não foi o primeiro incidente polêmico que envolveu a carreira dele.

⁶² Cruz de ferro: historicamente é possível recuperar a origem desta simbologia atrelada ao nazismo e suas ideologias. Foi uma condecoração militar que iniciou sua tradição no Reino da Prússia, e foi repetida diversas vezes. Originalmente, é uma honraria somente para tempos de guerra. Foi adotada como símbolo pelo regime

produzida por Aroeira, e na esquerda um copo com um líquido branco, semelhante ao leite – retomando a *live*⁶³ de 29/05/2020, na qual o presidente e seus colegas de mesa tomaram leite puro, conforme vemos na figura abaixo:

Figura 01 – Recorte da *live* de 29.05.2020



Fonte: site de notícias Brasil de Fato

Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/25/cinco-vezes-que-bolsonaro-ou-pessoas-ligadas-a-ele-recorreram-a-simbolos-nazistas>, acesso em: 20/03/2022.

Este fato foi amplamente discutido pela imprensa, pois pesquisadores sobre o regime nazista afirmam que é uma prática defendida pelos nacionalistas brancos, adeptos da ideologia em questão, conforme matéria do *site* de notícias Brasil de Fato, em 25.03.2021⁶⁴. Segundo esta,

Nacionalistas brancos fazem manifestações bebendo leite para chamar a atenção para um traço genético conhecido por ser mais comum em pessoas brancas do que em outros – a capacidade de digerir lactose quando adultos. É uma tentativa racista para se embasar em ‘ciência’ para diferenciar e justificar a ‘raça branca’. Mas como já provado e explicado por toda ciência: Não há evidência genética para apoiar qualquer ideologia racista. O que há é, na verdade, um governo tosco e motivado pelo ódio”, explicou o antropólogo David Nemer, na época.” (CARVALHO, I., 2021, fonte *online*)

Nazista, e após o fim da II Guerra Mundial sua utilização foi proibida, assim como vários outros símbolos que aludem aquele período tão nefasto.

⁶³ Live do presidente Jair Bolsonaro, de 29/05/20. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=r0HkpczjmrE&ab_channel=OsPingosnosIs.

⁶⁴ CARVALHO, Igor. Cinco vezes que Bolsonaro, ou pessoas ligadas a ele, recorreram a símbolos nazistas. In: Brasil de Fato, São Paulo, 25.03.2021, 13h45. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/25/cinco-vezes-que-bolsonaro-ou-pessoas-ligadas-a-ele-recorreram-a-simbolos-nazistas>, acesso em: 20.03.2022. Além desta, a seção Colunistas Brasil de Fato apresentou em 12.06.2020 um podcast e texto sobre a temática, com a historiadora Joana Monteleone, escritora do livro “Toda comida tem uma história, e outros ensaios de gastronomia”, 2017.

Paula & Lopes (2020) discutem a simbologia crescente nos discursos do presidente e seus apoiadores. Esta cena do leite é abordada por elas, indicando que para além da *live* já mencionada acima, outras aparições foram feitas com o mesmo referencial (descritas na página 56 do artigo original: Damares, Ministra da Mulher e da Família; Tereza Cristina, Ministra da Agricultura, entre outros). Dessa maneira, a ativação da memória do sujeito leitor é imprescindível para a produção de sentidos desta charge, visto que, como já exposto por Machado & Pereira (2021) o enunciador se utiliza de estratégias e escolhas linguísticas (e/ou) simbólicas, que tornam mais visíveis ou não os sentidos. Os ditos do texto podem estar na superfície, sendo depreendidos rapidamente como Maingueneau (2007) aborda a heterogeneidade mostrada na concepção do primado do interdiscurso, ou ainda encoberta por algumas camadas que precisam ser exploradas, como a heterogeneidade constitutiva na mesma temática. Rodrigues (2014, p. 308) afirma que “uma cenografia pode apoiar-se em cenas de fala já instaladas na memória coletiva, que se inscrevem positivamente ou negativamente num determinado grupo”.

Além disso, no fundo é possível vermos uma citação de Benito Mussolini, líder do Partido Nacional Fascista na primeira metade do século passado, época em que regimes totalitários foram amplamente divulgados em várias partes da Europa, culminando na II Guerra Mundial, a partir de alianças entre governos que comungavam dos mesmos ideais. A citação, representada como se fosse um quadro disposto na parede de fundo, dispõem: “Melhor viver um dia de leão, do que cem dias de cordeiro”.

A figura que representa o presidente se manifesta verbalmente, em uma fala circunscrita dentro de um balão, que diz: “No tocante a charges, não sei por que me associam a nazismo, fascismo e racismo, talkey?”, uma alegação de inocência diante das várias acusações a ele dirigidas. Os elementos usados no signo não verbal colaboram para reforçar a crítica à censura praticada neste governo: a postura de apoio da figura feminina com a mão no ombro do presidente, a calça dela em estampa militar remetendo às forças armadas, o objeto que ela tem na mão (análogo às tochas utilizadas em rituais noturnos da organização terrorista Ku Klux Klan⁶⁵, pautada pelo supremacismo branco), além daqueles já descritos. Como

⁶⁵ Ku Klux Klan: (KKK) denominado inicialmente como um clube social, a KKK foi criada na metade do século XIX, por volta da década de 1860, por pessoas brancas que se opunham à libertação dos negros escravizados e à inclusão social destas pessoas. Chegou a atingir mais de 4 milhões de membros em toda a sua história, e de acordo com fontes bibliográficas, teve três momentos mais importantes, a saber, o primeiro marcado pelo seu início, o segundo impulsionado pelas ideias totalitárias defendidas no princípio do século XX, e por último, por volta de 1960, combatendo grupos que pregavam a igualdade racial. Sempre clandestino, este movimento, de modo geral, defendeu os ideais pautados na defesa da supremacia branca, nacionalismo, anticatolicismo (são de predominância protestantes), antissemitismo, e contra a imigração, fortalecendo a xenofobia. Conhecido pelos rituais em que se reuniam à noite, com tochas acesas (semelhante àquela apresentada na charge em discussão),

descrito anteriormente, Roberto Alvim é retratado aqui na charge com elementos utilizados no vídeo que culminou em seu afastamento da equipe de governo. A imagem abaixo foi recortada do trabalho de Paula & Alves (2020), conforme aspectos que permeiam nossa discussão.

Figura 02: Fotograma apresentado no trabalho de Paula & Alves (2020, p. 43)

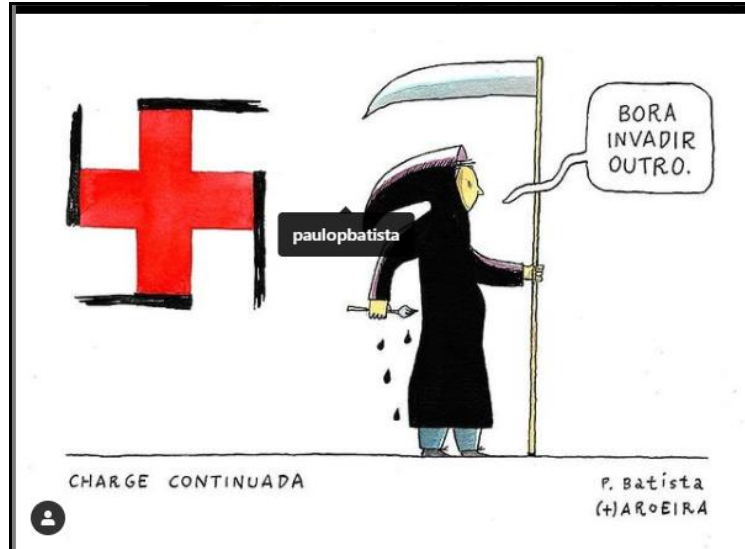


Fonte: Paula & Alves (2020, p. 43)

b. Questão simbólica na morte mais evidenciada pela utilização de caveiras (ou representação dela de alguma maneira): neste bloco as releituras aproximam-se muito da charge original, com uma cenografia muito semelhante, mudando um ou outro aspecto (a última deste bloco altera-se sensivelmente, e por conta disso possibilitou uma discussão com mais amplitude). Seguem os textos abaixo:

seus membros vestiam batas longas e um capuz triangular, e um chapéu semelhante a um cone. Ações como a queima de cruz de madeira, atear fogo à casa dos negros em fazendas (logo em seu início), agressão e estupro são relatadas sobre a organização. Embora esteja mais fragilizado e tenha sido relatado seu desfecho em 1981, o grupo ainda sobrevive com membros dispersos pelos EUA. No entanto, outros grupos semelhantes de ódio existem e, aliados a todas as ideias defendidas pela KKK, somam-se atualmente a homofobia, muçulmanos e nordestinos.

Charge 20



Fonte: perfil do Instagram @somostodosaroeira

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBgQIWlj3Q2/>, acesso em: 20/08/2020.

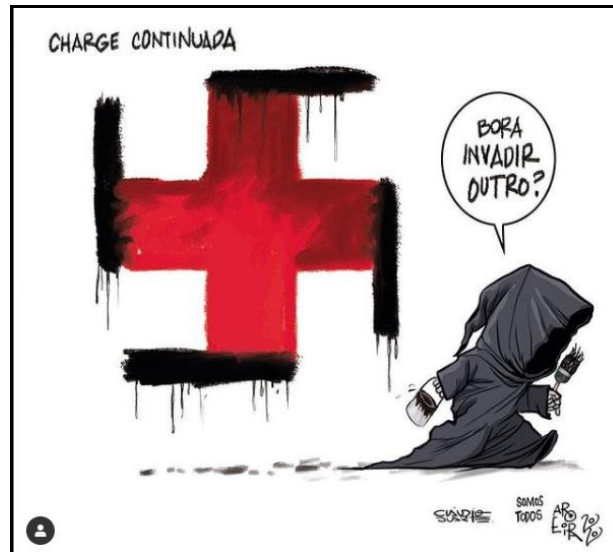
Charge 21



Fonte: perfil do Instagram @somostodosaroeira

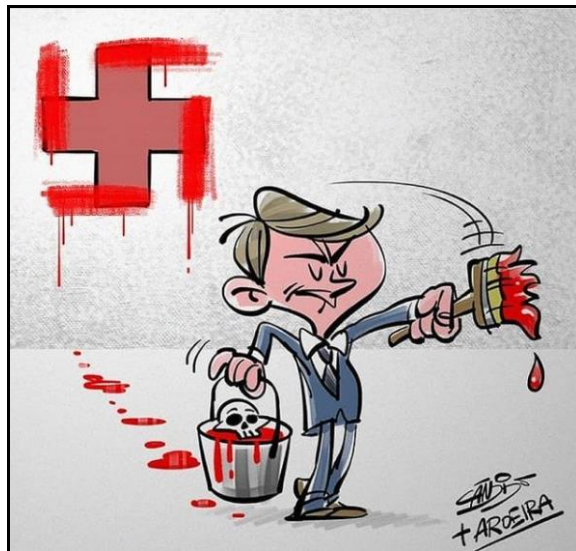
Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBiovcWnW9R/>, acesso em: 20/08/2020.

Charge 22



Fonte: perfil do Instagram @somostodosaroeira
Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBhAIL7gWhj/>, acesso em: 20/08/2020.

Charge 23



Fonte: perfil do Instagram @somostodosaroeira
Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBitgFdj3d7/>, acesso em: 20/08/2020.

O segundo aspecto elencado para discussão foi a representação da morte de uma maneira mais enfática, mais direta, na linguagem não-verbal. Para isso, elencamos os quatro textos acima dispostos. Na charge 20 e 21 é possível decifrar a figura metafórica da morte, um ser normalmente representado com capa escura, preferencialmente preta, e um capuz/touca na cabeça. Naquela que está identificada como 20, produzida por Paulo Batista, há um elemento que compõem esta caricatura, a foice, objeto que normalmente anda junto com a figura que

caracteriza a morte. O rosto da personagem aparece pouco, mas vemos nela uma semelhança com aspectos caracterizadores da expressão do presidente (como o cabelo do topete e o nariz). A próxima, 22, do cartunista Cláudio Duarte, não apresenta a foice, mas segue os mesmos marcadores não verbais, além do verbal.

Nas charges identificadas como 21 e 23, o elemento que caracteriza a morte é a figura da caveira. Na primeira delas, escrita por Gilmar, a morte é a figura do próprio presidente (a caveira é a cabeça dele). A postura furtiva remete à charge original, de Aroeira, e a faixa verde e amarela, além da maneira de pentear o cabelo, aludem à figura do presidente. Já na charge 23, produzida por Cândido, a morte é retratada por meio da caveira no balde de tinta, que na releitura é vermelha, e ao andar do “pichador”, vai deixando um rastro de pingos vermelhos no chão, analogamente ao sangue das mortes provocadas pelo descaso do atual governo frente ao assunto pandemia e a ausência de medidas para evitar os óbitos.

A charge 15, embora aproxime-se das anteriores deste bloco por conta do índice da caveira, traz alguns elementos novos. Confira abaixo:

Charge 24



Fonte: perfil do Instagram @somostodosaroeira

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBjWZowHiEB/>, acesso em: 20/08/2020.

Produzida por Kayro Rocha, a releitura foi feita a partir de cartas similares as de baralho, que de um lado retratam a caveira, e no verso, personalidades ligadas ao governo e a escândalos de corrupção, como o presidente Jair Bolsonaro, o vice Hamilton Mourão, os filhos do presidente, entre outros (como o termo “fake news”, e a figura da laranja, por exemplo, termo utilizado na linguagem policial para a prática de ocultação de bens ilícitos ou não declarados por sujeitos que são funcionários e/ou próximos daquele que pratica tal ação –

normalmente pessoas mais simples e ingênuas). Na charge as cartas estão organizadas como se fossem uma pirâmide, sendo a carta que representa o presidente aquela que fica no topo, identificada com a letra K (carta que representa o rei, the king). Na segunda camada, é possível vermos uma carta identificada como Joker (coringa) com a foto de Queiroz, utilizando um chapéu semelhante àqueles usados por bobos da corte na idade medieval. No mesmo nível, a carta que indica o Q, the queen, a rainha, é sinalizada com a figura do filho de Bolsonaro, Carlos Bolsonaro, atualmente cumprindo seu quinto mandato como vereador no município do Rio de Janeiro. No terceiro nível, como base da pirâmide, conseguimos identificar uma carta com a figura de laranjas (já mencionada acima), outra com a identificação do vice-presidente, Hamilton Mourão, e por fim, a última com Eduardo Bolsonaro, também filho do presidente, que ocupa o cargo de deputado federal pelo estado de São Paulo. Estas últimas cartas descritas são apontadas com o número 17, aludindo ao número utilizado na eleição que elegeu o presidente Bolsonaro. As cartas que nos estão visíveis são aquelas colocadas na vertical, e somente uma horizontal pode ser identificada, como fake news.

Na base, uma carta é retirada por uma mão humana que surge da lateral direita, e este ato revela a natureza da carta, que é o símbolo do regime nazista, aquele retratado na charge original. Infere-se que, ao tirar uma carta da base, o esquema montado irá ser desmantelado, revelando algumas “verdades”, como o posicionamento totalitário do atual governo. Além disso, as cartas representam metaforicamente o “castelo de cartas”, expressão popular que alude a uma ação sem solidez, com subterfúgios, que não se sustenta (como temos visto acompanhando os noticiários a quantidade de ações escusas e polêmicas envolvendo a família Bolsonaro). Um bom exemplo disso é o Caso Queiroz, aqui incluso na enunciação, que como um coringa já assumiu diversos “papéis” junto à família do presidente, conforme o que lhe é conveniente. A mão por sua vez, ao mesmo tempo que provoca o ruir da estrutura, a visibilidade da ideologia, mostrada por meio do lápis que é possível fazer isso com a arte, como se estivesse “derrubando” o governo.

A partir desta charge é possível verificar como cada interlocutor é afetado de uma maneira pelos enunciados que chegam até ele (aqui podemos pensar que, no contexto pandêmico, a mesma charge atingiu de maneira distinta aquele que perdeu entes queridos; aquele que sofreu pela doença, mas se recuperou; aquele que foi mais afetado pela crise econômica; pelas questões emocionais geradas pelo desconhecido e isolamento social, enfim, são diversas as situações). E, sendo ele somente leitor ou leitor cartunista que reproduziu uma releitura da continuada, conseguimos identificar como estes textos colaboram para a

produção/identificação de subjetividades várias. Neste último texto chargístico, por exemplo, nos deparamos com uma formação discursiva comum à charge original, mas enunciados distintos apresentando novos elementos.

Machado & Pereira (2021) afirmam que “pensando no caráter global do discurso, Maingueneau formula o conceito de cenas de enunciação, pois para ele, “todo discurso, por uma manifestação mesma, pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima”, (MAINGUENEAU, 2008, p.87 *apud* MACHADO & PEREIRA, 2021, p.321)”. Nesse sentido, percebemos que o processo de construção dos sentidos é algo muito mais complexo do que imaginamos, visto que há de se considerar o enunciador, de onde ele fala, quando esta fala acontece, quais as estratégias utilizadas nesta produção. Ademais, aqui o interdiscurso teve especial importância, pois foram resgatadas informações já ditas por outros sujeitos, mas em situações distintas. Aqui elas foram ressignificadas.

Neste próximo texto trazido para discussão o propósito é analisar como alguns cartunistas produziram as releituras utilizando-se de elementos não existentes na original, mas que contribuem para a construção de um sentido muito similar.

Charge 25



Fonte: perfil do Instagram @somostodosaroeira
Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBiQH04Fx2D/>, acesso em: 20/08/2020.

O cartunista Cláudio, por exemplo, assina a autoria com seu nome e a inscrição “solidário a Aroeira”. Isso é possível ser visto em várias outras produções, ou alusões a esta “parceria” autoral. O texto chargístico em questão apresenta o “pichador” tal qual na charge original, mas aqui, ao invés de pichar uma parede branca, ele o faz em lápides de um

cemitério, alterando as cruces de cada túmulo, resultando em vários símbolos nazistas. A cor da tinta aqui também é outra: verde, trazendo à tona a simbologia patriótica, tão exaltada neste governo, além do balde amarelo. As lápides pichadas nos remetem às vidas ceifadas pela pandemia de Covid-19 e a responsabilização do governo federal por estas mortes (o traço verde na suástica pichada nas lápides é uma forte referência a isso). A postura do protagonista neste texto também é furtiva, e a expressão facial denota satisfação. Para finalizar, há uma inscrição verbal na parte superior, como um título, que diz “Crimes continuados contra a saúde pública e contra a democracia”. Considerando-se as acusações já recuperadas nesta escrita, retomamos a discussão de Paula & Lopes (2020). De acordo com as autoras, por meio de enunciados de datas diferentes que foram analisados por elas, a proposta eugênica já existia antes das eleições de 2018. Acreditam que ela

sempre esteve presente como fundamento do que Jair acredita ser uma política nacional eficaz, com base em uma higienização dos pobres que pode levar a genocídios, que podem chegar a um holocausto à brasileira, pois os assassinatos de pobres, negros, mulheres, indígenas, comunidade LGBTQIA+, entre outras minorias já têm ocorrido. (p. 38)

E estes acontecimentos ficaram mais intensos durante a pandemia, inclusive se mostrando como um terreno fértil e propício aos seus propósitos. As linguistas seguem expondo que

pela política de rebanho estimulada na pandemia da Covid-19 que, em nome da economia, empurra, sem saída (por falta de políticas públicas amplas, principalmente aos mais vulneráveis e às micro empresas), as pessoas para as ruas e, com isso, de certa forma, ao infectar o povo em grande escala, os mais adaptáveis geneticamente, como ele acredita ser (“com seu histórico de atleta”, loiro e de olhos claros, ou seja, com sua “superioridade ariana”), sobrevivam e a nação, social e economicamente, torne-se mais forte. Nesse sentido, como afirma Zuker (2020), há uma “projeção do corpo de Bolsonaro sobre o corpo da nação. (p. 39)

Se considerarmos a charge original, intitulada “Crime continuado”, que denunciava o crime de incitar a população à invasão dos hospitais, e conseqüentemente a própria invasão dos estabelecimentos médicos, podemos afirmar que esta segue uma proposta narrativa, ou seja, o crime que começou com a fala do presidente leva a uma série de ações que culminam na morte, representada aqui pelas lápides. Embora ela possua apenas um quadro, marcando a cena genérica do gênero textual charge, aqui nos remete à ideia de narrativa na medida que a “história” começou nos hospitais e encerra-se no cemitério, colocando implicitamente a concepção de “invadir hospitais leva à morte” (seja pela contaminação do que invadiu, seja pelo caos gerado com aqueles que estavam sendo tratados).

Para finalizar este bloco que trata de maneira particular da morte, pela simbologia utilizada, vale lembrar das discussões já entabuladas anteriormente sobre a atribuição do termo “genocida” ao atual presidente da república cabem muito bem aqui.

c. Alusão à censura: nesta categoria selecionamos exemplos distintos que se reporta à ideia de censura. Observe os textos abaixo:

Charge 26



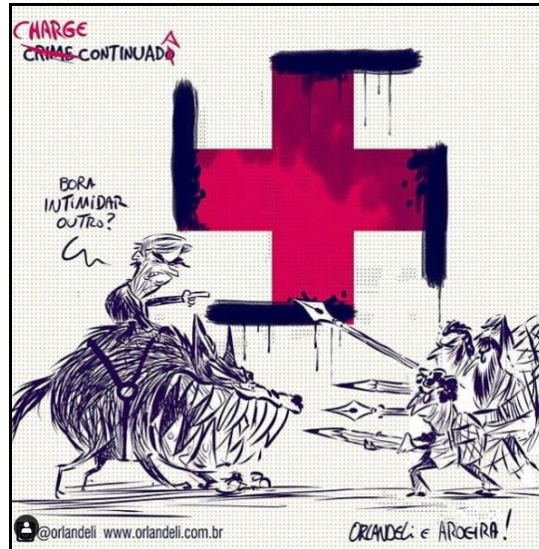
Fonte: perfil do Instagram @somostodosaroeira
Disponível em: https://www.instagram.com/p/CBg_T3CA-E7/, acesso em: 20/08/2020.

Charge 27



Fonte: perfil do Instagram @somostodosaroeira
Disponível em: https://www.instagram.com/p/CBgjnRRDS_X/, acesso em: 20/08/2020.

Charge 28



Fonte: perfil do Instagram @somostodosaroeira
Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBiWspBIRhR/>, acesso em: 20/08/2020.

Nas três charges acima, a releitura traz elementos parecidos àquelas da charge original. O que as difere daquela, além é lógico do traço de cada cartunista, são as marcas de censura. Na charge 26, o enunciado verbal ostenta uma expressão de baixo calão, ao se expressar com “Cala boca porra!”. Enquanto a charge original nos indica uma gíria muito peculiar da linguagem informal, “Bora ...”, aqui nós temos uma asserção imperativa (“Cala boca”, além do linguajar chulo que a enfatiza (“porra!”). Estas marcas são muito caricatas da figura do presidente do Brasil, sendo que podemos reconhecer palavras muito semelhantes em diversas situações. Neste sentido vemos a tentativa de se rememorar um *ethos* prévio (ou pré-discursivo), que nos faz lembrar facilmente da pessoa grosseira e autoritária que ocupa o cargo de chefe de estado em nosso país. Além disso, recupera a memória discursiva do militar, figura imponente e autoritária, que se dirige aos outros de maneira similar aos predicados aqui imputados. Maingueneau se utiliza da concepção de *ethos*, mas não literalmente daquela que a retórica desenvolve⁶⁶. Para o linguista, em AD, é necessário ter uma concepção de que o *ethos* não se refere somente ao texto/enunciado que foi proferido, “mas também características físicas (corporalidade) e psíquicas (caráter) associadas ao fiador, sempre com base em estereótipos, representações sociais coletivas, que a enunciação pode reforçar ou transformar” (RODRIGUES, 2014, p. 309). Vemos dessa maneira que o *ethos* não é propriamente aquilo que o enunciador anuncia de si, mas aquilo que aparece sobre si em seu discurso.

⁶⁶ De acordo com Rodrigues (2014), o conceito de *ethos* que a retórica utiliza se pauta na necessidade do enunciador em causar boa impressão de si pelo seu discurso, e conquistar o público. Assim, o *ethos* está ligado diretamente aquilo que está sendo dito, enunciado, e não pressupõem outros saberes sobre este sujeito.

Na charge 27 há dois aspectos importantes a serem tratados. O primeiro deles é como a figura do presidente é materializada, por meio da figura de um palhaço, nos levando a considerar a apropriação metafórica do termo, uma vez que para propor a invasão de hospitais em meio ao caos instituído, somente sendo um “palhaço”, ou seja, estava fazendo piada com a vida das pessoas, ou está se fazendo de bobo a fim de implementar sua concepção de governo. Continuando, a censura se concretiza também no enunciado verbal, pois aqui o convite é outro “Bora censurar outro?”. Pautado na Lei da Segurança Nacional, Bolsonaro solicitou a instauração de várias investigações, principalmente ao ser chamado de “genocida”. Nessa perspectiva vemos que cada chargista procura caricaturar aquilo que lhe é mais caro.

A charge 28, por sua vez, mostra o presidente Bolsonaro montado em um monstro, que ostenta expressão feroz, diante de pessoas empunhando lanças. Compondo uma cenografia similar a uma batalha medieval, na qual as lutas eram realizadas por guerreiros frente a frente, sem armas de fogo ou de longo alcance, em um embate próximo, o presidente se coloca em um patamar superior aos demais (aspecto já identificado em outras charges aqui discutidas), assim como imbuído de uma força maior que o apoia, no caso, o monstro (ou poderíamos considerar a utilização do poder, do cargo ocupado em benefício próprio?). O enunciado verbal corrobora com as discussões em pauta sobre a censura, materializando-se na fala “Bora intimidar outro?”.

A charge disposta abaixo trata de censura também, mas acessando estratégias de memória diferentes das anteriores. Observemos:

Charge 29



Fonte: perfil do Instagram @somostodosaroeira

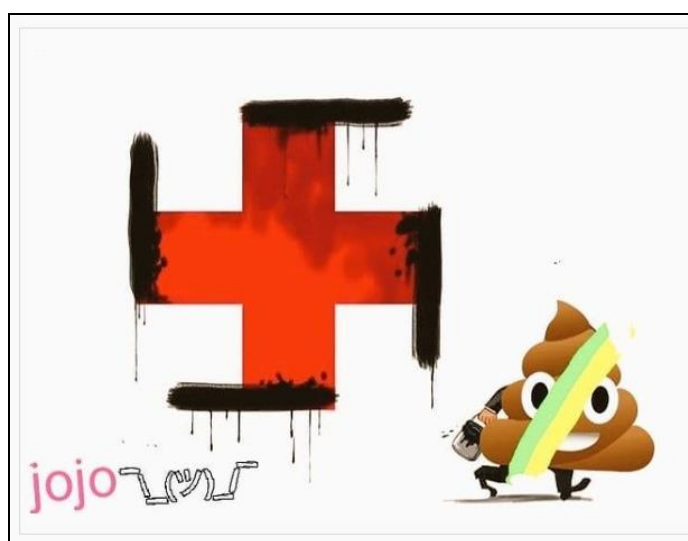
Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBi9l6GAHgr/>, acesso em: 20/08/2020.

Nesta charge, indicada como a charge 29, temos o acesso à memória histórica da Ditadura Civil-militar de 1964, e as técnicas de tortura utilizadas pelo DOPS – Departamento de Ordem

Política e Social. Ela representa um instrumento de tortura denominado “Pau de arara”, e o torturado é o chargista Renato Aroeira. O dispositivo consiste em uma barra de ferro (na charge sua organização está semelhante a um cavalete) de maneira que aquele que sofre o flagelo é amarrado pelas pernas, de ponta cabeça (a barra de ferro fica posicionada atrás de seus joelhos e os braços são amarrados junto às pernas). Com o posicionamento invertido, o indivíduo tem problemas com a circulação sanguínea, conseqüentemente a cabeça dói, o corpo vai inchar, e, inevitavelmente, há comprometimento psicológico. Na charge, o objeto que foi utilizado para amarrar o cartunista é a faixa presidencial, aludindo inicialmente ao presidente da república. No chão está a charge original, feita por Aroeira, e um pincel, nos remetendo a uma ideia de que o cavalete antes era uma mesa de trabalho, e após o texto chargístico ser levado a público, tornou-se um artefato de tortura. A expressão facial do personagem sugere riso. Dessa maneira, é possível retomarmos a discussão sobre o foco no caso ter conferido visibilidade a ele, já que há um holofote iluminando a cena. Ao mesmo tempo, a cenografia sugere as celas de tortura, com o sujeito ao centro e ambientes muito escuros, sem ventilação. Mais uma vez vemos aqui como cada enunciador mostra de si uma faceta particular, mesmo que todos tenham partido de um mesmo ponto.

d. Releituras que se utilizam de discursos circulantes em relação ao assunto abordado: Observe as charges abaixo:

Charge 30



Fonte: perfil do Instagram @somostodosaroeira
Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBhItGhg1Kd/>, acesso em: 20/08/2020.

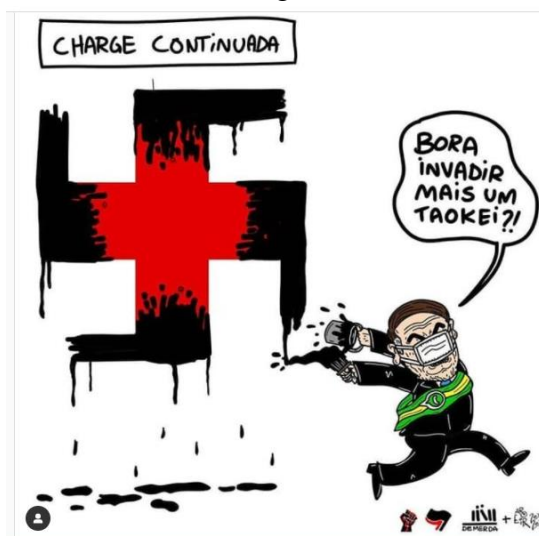
Charge 31



Fonte: perfil do Instagram @somostodosaroeira

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBhGDQ1gWOj/>, acesso em: 20/08/2020.

Charge 32



Fonte: perfil do Instagram @somostodosaroeira

Disponível em: https://www.instagram.com/p/CBk7qf_hL5I/, acesso em: 20/08/2020.

Nesta categoria, trouxemos apenas três releituras para exemplificar como alguns cartunistas se utilizaram do que chamamos de discursos circulantes a respeito do presidente Bolsonaro, a fim de representá-lo aqui de uma maneira peculiar. Muito semelhante à cenografia da original, o que chama nossa atenção é a representação metafórica. Na charge 30 e 31 as fezes aparecem de maneiras distintas: na primeira ela é a própria protagonista, em

formato de cocô e que representa o presidente, enquanto na segunda aparece como se o personagem tivesse usado as fezes para formar a suástica, no lugar das tintas. Na mão direita segura um objeto que, dentro das condições oferecidas pelo texto, leva-nos a crer que é um penico, objeto utilizado para urinar durante a noite, quando os banheiros eram construídos fora das casas. Estas manifestações textuais nos mostram como a subjetividade de cada interlocutor aparece ao reproduzir a charge, fazendo analogia das ações e da própria pessoa de Bolsonaro com a chamada informalmente de “merda”.

A última charge que trouxemos segue a mesma linha de suas antecessoras, mas a memória que é aqui resgatada é a máscara sempre usada de maneira incorreta pelo presidente, como se ele confrontasse as orientações de combate à Covid-19 e debochasse daqueles que prezaram por elas.

Finalizando a exposição das charges e a discussão delas em face de alguns aspectos teóricos, é crucial que mencionemos que o Ministério Público Federal decidiu pelo arquivamento do inquérito policial motivado pela charge “Crime Continuado” que originou a charge continuada, visto que ele não atendia o apontamento do presidente, ou seja, “a intenção de ferir a honra” do governo federal. Antes, a procuradora Marina Ferreira deixa claro que a crítica foi em relação à atuação do presidente no que concerne à crise da Pandemia de Covid-19, e não diretamente ao âmbito pessoal. Esse resultado é motivo de comemoração para a classe, uma vez que o objetivo foi alcançado, e revelou-se uma estratégia de enfrentamento e resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando os primeiros estudantes do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana iniciaram seus estudos em 2020 não imaginavam o cenário no qual este curso seria realizado, a pandemia de Covid-19. No entanto, o contexto que se desvelou aos nossos olhos nunca fez tanto sentido: estudar a condição humana em condições adversas nos trouxe ainda mais indagações, possibilidades de discussão, e vasto material para análise (infelizmente, se considerarmos a catástrofe na qual se materializou a crise do coronavírus). Assim, retomando o trecho do texto disposto no site do programa, citado na introdução, esta contemporaneidade que necessita e possibilita de atuação e participação social gera questões para além de si mesmo: “o velho normal”, “o novo normal”, o pós-pandemia (que ainda não é pós?).

Se nos voltarmos ainda para este mesmo texto, veremos como a linguagem faz parte da vida em sociedade, nas diversas atividades que mobilizam o sujeito. Além disso, na era da informação, ela torna-se, para além da própria informação, um instrumento político, de engajamento, ao passo que somos permeados e “bombardeados” pelos meios de comunicação digitais. Dessa maneira, recuperamos o ponto de partida deste trabalho de pesquisa, que foi o incômodo gerado pela falta de criticidade da sociedade em um contexto tão abundante em informações.

Pensando-se que na Análise do Discurso levamos em consideração o enunciado, a questão da ideologia e a materialidade histórica na qual foi produzido, nossa pesquisa procurou uma trajetória que conseguisse abarcar o aspecto da linguagem, do sujeito, e de como ele se relacionava com estes aspectos a partir do contexto. Machado e Pereira (2021) afirmam, de acordo com estes preceitos, que “encontramos um sujeito que é fruto do linguístico-histórico, que é interpelado pela ideologia e se constitui pelos esquecimentos e a partir da sua relação com o outro” (p. 324). E, podemos nos perguntar: por que o gênero textual charge?

Neste sentido, é importante esclarecer que a primeira questão que surgiu foi sobre a leitura na contemporaneidade, e como se materializa a relação do indivíduo com os textos. Assim, percorremos um trajeto ao longo da história, recuperando o signo verbal e a imagem a fim de estabelecermos hipóteses a respeito dela. Para tanto, precisamos dar conta de uma

junção de embasamentos teóricos, de diferentes áreas, que envolvessem e possibilitassem um “olhar” mais amplo para os textos elencados para o *corpus*, assim como para suas análises.

Neste percurso interdisciplinar, aproximamos a problemática do sujeito contemporâneo das questões propostas por Han (2017) em *A Sociedade da Transparência*, e nos atentamos para as relações dele com o outro e seu entorno, seu modo de existir, em um contexto saturado pela imagem, as quais muitas vezes são organizadas, dispostas, efetivadas seguindo padrões preestabelecidos socialmente.

Para além da existência desta relação, fez-se tão importante quanto abordar a sua existência e configuração, investigar a maneira como estes textos chegam até nós. Maingueneau (2018) discorre a respeito da midiologia, afirmando que a veiculação é parte integrante dos textos, na medida em que incide nas materialidades verbais e visuais afetando mesmo os sentidos produzidos. Neste sentido, pensar nas charges veiculadas digitalmente nos faz considerar o contexto de produção, quais aspectos podem ser promovidos por este produto, assim como quais sujeitos ele afeta.

Levando-se em conta que este gênero textual elencado tem sua existência advinda da mídia, é importante lembrar que carrega em si a linguagem verbal e não-verbal, envolve humor, está calcada em assuntos discutidos do cotidiano (notícias, reportagens, entrevistas), explora aspectos caricaturais dos envolvidos, e pretende possibilitar a análise crítica. Para Machado & Pereira (2021), ela “se utiliza da linguagem para construir sua argumentação, ou seja, são empregados os recursos linguísticos (oferecidos pela língua) e os extralinguísticos (externos à língua), ordenadamente, com a finalidade de convencer o interlocutor, tanto consciente quanto inconscientemente” (p. 324). Embora trabalhe com argumentação, é relevante apontar que a charge é carregada da subjetividade em sua enunciação, e, “por meio de seu discurso, infere valores e ideologias que acabam por revelar os aspectos socioculturais de uma sociedade, exatamente no momento em que se materializa e se irrompe nela” (*ibidem*).

Ao pensar que somos afetados em nossas subjetividades, ou seja, no modo de nos percebermos enquanto seres humanos a partir dos discursos circulantes (considerando-se Orlandi (2007, *online*) ao asseverar que “Quando nascemos não inventamos uma língua, entramos no processo discursivo que já está instalado na sociedade e desse modo nos submetemos à língua subjetivando-nos”), como estas charges discutidas foram pensadas e como foram recebidas pelos seus interlocutores? Machado & Pereira (2021, p. 326) afirmam que

determinadas escolhas e usos linguísticos é o que tornam, de fato, possível apreendermos os sentidos e as ideologias. Dessa forma, é por meio da seleção das estratégias argumentativas que informações são transmitidas e, conseqüentemente, a interação entre enunciador e enunciatário é estabelecida.

Durante a discussão das charges, tanto considerando-se a cartunista Laerte quanto as várias releituras propostas pela charge continuada, conseguimos identificar algumas dessas estratégias, observando que, “mais do que revelar um determinado ponto de vista, (...), é possível compreendermos o funcionamento discursivo e ideológico de uma época e de uma sociedade, afinal, é por meio da linguagem, que se torna possível observar como são construídas as relações humanas” (*op. cit.*, p. 319).

Assim, ao vivenciarmos uma experiência inédita para a contemporaneidade, considerando-se a amplitude alcançada pela pandemia de Covid-19, a crise sanitária instalada tornou-se um território fecundo para a análise das relações humanas, a partir de diversos ângulos e áreas do saber. Inclusive a condição humana nestas condições.

Evidenciando-se como um país intensamente polarizado no campo político (e não podemos deixar de registrar também ideológico, levando-se em consideração o governo atual e a maneira como administrou a crise pandêmica), o Brasil tem oferecido vasto material para a produção de charges. Na primeira seção do capítulo 4, ao nos debruçarmos sobre o trabalho da Laerte, conseguimos visualizar estratégias linguísticas e extralinguísticas na materialização da subjetividade do enunciador durante os eventos advindos da pandemia de Covid-19, utilizando-nos de pressupostos teóricos, essencialmente da Análise do Discurso e da Semiótica para as análises. Vale salientar que

a charge historicamente está relacionada com a tomada de um posicionamento político, caracterizando-se como um texto de opinião e que exige do leitor um trabalho de acesso à memória e à História, promovendo um diálogo permeado pelas relações ideológicas que afetam os interlocutores de uma determinada enunciação.
(*ibidem*)

Nossa proposta metodológica inicial era a análise de charges de dois cartunistas, de países diferentes, com o mesmo objetivo, ou seja, verificar as subjetividades advindas dessas discussões. O período elencado, o primeiro trimestre da crise do coronavírus, apresentou questões permeadas pela indignação, medo do desconhecido, ansiedade, incredulidade diante de acontecimentos gerados pelo governo, assim como revolta e raiva.

No decorrer do caminho trilhado, assim como já relatado, exposto e justificado anteriormente, a análise comparativa cedeu lugar ao acontecimento discursivo denominado de charge continuada. Machado & Pereira (2021, p. 321) trazem a concepção de Maingueneau (2008) para a cena de enunciação, e asseveram que

o processo de construção dos sentidos não é algo simples, é relevante observar os enunciadores, a situação em que eles se encontram, qual o contexto social, histórico, ideológico e cultural que estão envolvidos no momento do dizer e, ainda, analisar quais são os recursos linguísticos mobilizados em prol da argumentação e, conseqüentemente, da discursivização do acontecimento em questão, no meio social.

Assim, ao desenvolvermos a abordagem e discussão das releituras que fazem parte da charge continuada e dos eventos que a possibilitaram e a geriram, é possível afirmarmos que o trabalho de acesso à memória e à história são cruciais na circulação dos discursos imbuídos nos textos chargísticos, promovendo o acesso às informações, aos sentidos que o enunciador propôs, e ainda possibilitando um olhar mais crítico e atento a sua realidade. Cada cartunista, ao propor uma releitura da charge “Crime Continuado”, de Renato Aroeira, mostrou seu apoio à causa e ao próprio artista, evidenciando aspectos ideológicos. Nas materializações foi possível identificar algumas marcas de subjetividade, uma vez que os cartunistas apresentaram marcas diferenciadas em algumas produções, ainda que sem distanciar-se da temática original. As “vozes” trazidas pelas releituras (assim como as demais charges discutidas), constituem o sujeito, visto que é permeado por elas, ao mesmo tempo que muda seus *status* de indivíduo para sujeito, legitimando-o, a partir do uso da língua (como prática social).

Partindo do embasamento da Análise do Discurso de linha francesa, vemos como a charge de Aroeira retoma discursos em circulação, ressignificando-os nesta nova realidade (o “normal” pandêmico), e promovendo interpretações diferentes a partir do lugar social que ocupamos enquanto sujeitos da língua. Além disso, tanto as charges da Laerte quando aquelas da charge continuada oportunizam possibilidades diversas atribuídas à linguagem: crítica, denúncia, questionamento, entre outras.

Apesar desta pesquisa ter trazido muitas questões, vemos que o *corpus* possibilita várias outras não abordadas aqui, principalmente se considerarmos a charge veiculada em mídia digital, e a charge continuada. Nesse sentido, retomamos o enunciado que finaliza nossa introdução, reconhecendo que longe de esgotar o assunto ou suas possibilidades de diálogo, este trabalho convida a novos olhares, perspectivas e discussões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth. *Da noção retórica de ethos à análise do discurso*. In: Imagens De Si No Discurso: A Construção Do Ethos. Org. Ruth Amossy. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005. Disponível em: https://www.ufmg.br/online/arquivos/anexos/Livro_trecho.pdf, acesso em: 20/07/2022. (p. 9 – 28)

APPADURAI, Arjun. *Fadiga da democracia*. In: A grande regressão: um debate internacional sobre os novos populismos e como enfrentá-los. Arjun Appadurai *et al.* Trad. de Sílvia Bittencourt *et al.* 1ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2019. (págs. 19–34).

ARENDT, Hanna. *A condição humana*. In: ARENDT, Hanna. A Condição Humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. (p. 01-26).

BAKHTHIN, Mikhail Mikhailovitch. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad., notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. (p.139-157)

BARONAS, Roberto Leiser. *Formação Discursiva em Pêcheux e Foucault: Uma estranha paternidade*. In: SARGENTINI, Vanice & BARBOSA, Pedro Navarro (orgs). Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder e subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004. (págs. 45-62).

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Bauru – SP: EDUSC, 2004.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: O uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade: Visões culturais e epistemológicas*. In: O Que é interdisciplinaridade? Ivani Fazenda (org.). São Paulo: Cortez, 2008. (págs. 17– 28)

_____. *Interdisciplinaridade: Didática e prática de ensino*. In: Revista Interdisciplinaridade, nº 06, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade/article/view/22623/16405>, acesso em: 12.01.2021. (págs. 9-17)

_____. *Interdisciplinaridade: qual o sentido?* São Paulo: Paulus, 2003.

FERREIRA, Marcel Chaves; MATOSO, Mariana Campos. Fake news e o comportamento de manada: a influência social para a aceitabilidade do conteúdo falso. In: Research, Society and Development, v. 11, n. 5.

FLÔRES, Onici. *A Leitura da Charge*. Canoas – RS: Ed. Ulbra, 2002.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso - aula inaugural no college de france, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro. *A propósito do conceito de formação discursiva em Michel Foucault e Michel Pêcheux*. In: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/ClaudiaRejanePinheiroGrangeiro.pdf>, acessado em 28/09/2021.

GONZÁLEZ, Gustavo Yañez. *Fragilidade y tiranía (humana) en tiempos de pandemia*. Publicado inicialmente em: ficcionalarazon.files.wordpress.com, em 26 de março, 2020. In: Sopa de Wuhan: Pensamento Contemporâneo em Tempos de Pandemias. 1ª ed., março de 2020. Disponível em: <https://ihacdigital.ufba.br/786/>, acesso em: 20.04.2020. (p.139–143).

GREMPEL, Daniela; VASCONCELOS, Leila Dias; TASSO, Ismara Eliane V. de Souza & RITTER, Lílian Cristina Buzato. *Da Teoria à Prática: Um Relato de Experiência*. In: Anais Outras Palavras: XIII Semana de Letras. Maringá, 2001, UEM.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da Transparência*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2017.

LÉTOURNEAU, Jocelyn. *Ferramentas Para o Pesquisador Iniciante*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MACHADO, Rosemeri Passos Baltazar; PEREIRA, Dayane Caroline PEREIRA. *Produção de sentido e cena de enunciação no gênero charge*. In: XIII Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão em Ciências Humanas – SEPECH, UEL - Universidade Estadual de Londrina, 27-30.09.2021. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech12/arqtxt/PDF/dayanecpereira.pdf>, acesso em: 13/06/2022. (Pág. 318-330)

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos Discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba – PR: Criar Edições, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*. Trad. Adail Sobral. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. *A análise do discurso e a crise do Coronavírus*. Live. Transmitida ao vivo em 03/06/2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rXzR10UdvKk&ab_channel=Abralin, acesso em: 03/06/2020.

MALDIDIER, Denise. *A Inquietação do Discurso – (Re) Ler Michel Pêcheux hoje*. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

_____. *Glossário de termos do discurso*. In: <http://www.discurso.ufrgs.br/glossario.html>, acessado em 28/05/2006.

MARQUES, Marta; ROSA, Francieli Nunes. *A interdisciplinaridade como crítica à fragmentação do saber*. In: XIII EDUCERE – Congresso Nacional de Educação / IV

Seminário de Representações Sociais, Subjetividade e Educação / VI Seminário Internacional sobre Profissionalização Docentes. Curitiba-PR: 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23319_12105.pdf

MILLS, Charles Wright. *Sobre o artesanato intelectual e Outros ensaios*. Trad. De Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

OLIVEIRA, Hélio (2021). *O “gabinete das sombras” e o discurso negacionista no Brasil*. In: Cadernos de Linguística, v. 2, n.4, e427.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Violência e processos de individualização dos Sujeitos na contemporaneidade*. Trabalho apresentado no CIAD-São Carlos, UFSCAR, 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A questão do assujeitamento: um caso de determinação histórica*. Revista eletrônica Comciencia, publicado em 30.07.2007, UNICAMP. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=26&id=296>, acesso em: 30/07/2020.

PAULA, Luciane de; LOPES, Ana Carolina Siani. *A eugenia de Bolsonaro: Leitura bakhtiniana De Um Projeto De Holocausto À Brasileira*. In: Revista Linguagem, São Carlos, v.35, Dossiê Discurso em tempos de pandemia, setembro/2020. (p. 35-76). Disponível em: <https://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/769>, acesso em: 20/06/2022.

PEREIRA, Márcio Garrit. *Freud e o perigo na formação das massas*. In: Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 06, Ed. 02, Vol. 07, pp. 111-127. Fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/formacao-das-massas>, acesso em: 10/10/2022.

PILLA, Armando; QUADROS, Cynthia Boos de. *Charge: uma leitura orientada pela análise do discurso de linha francesa*. In: Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação. Blumenau, v. 3, n. 3, p. 226-239, set./dez. 2009, disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/1497>, acesso em: 30.06.2020.

PIMENTA, Carlos. *Contributos para a elaboração de uma tese interdisciplinar*. In: Ideação – Revista do Centro de Educação e Letras da UNIOESTE – Campus de Foz do Iguaçu-PR, v. 10 - nº 1 - 1º sem. 2008 (p. 63-77).

POSSENTI, Sírio. *Os limites do Discurso*. Curitiba – Pr: Criar Edições, 2004. (págs. 61-73; 91-103)

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: estudo de charges da Folha de S. Paulo*. Maringá – PR: EDUEM, 2000.

SOUZA, Tânia C. Clemente. *Discurso e Imagem: perspectivas de análise do não verbal*. Ciberlegenda, nº 01, Revista Eletrônica do Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação, Niterói, UFF, 1998. Disponível em: <http://www.uff.br/mesticii/tania3.htm>, acessado em 08/2004.

TASSO, Ismara Eliane Vidal de Souza. *Da mídia à escola: Diálogos e fronteiras da imagem*. In: Anais Outras Palavras: XIII Semana de Letras. Maringá, 2001, UEM.

TAVARES, Dirce Encarnacion. *A interdisciplinaridade na contemporaneidade — qual o sentido?*. In: *O Que é interdisciplinaridade?* Ivani Fazenda (org.). São Paulo: Cortez, 2008. (págs. 135 – 146)

TRINDADE, Diamantino Fernandes. *Interdisciplinaridade: Um novo olhar sobre as ciências*. In: *O Que é interdisciplinaridade?* Ivani Fazenda (org.). São Paulo: Cortez, 2008. (págs. 65 – 83)

Sites consultados:

AMENDOLA, Gilberto. *O que é o terraplanismo?* Portal Terra, 27.01.2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/ciencia/o-que-e-o-terraplanismo,977b20965968aa970c8f745951e76f983fslvt28.html>, acesso em: 26/06/2022

ALVES, Paulo. *Change.org é confiável? Entenda como funciona site para abaixo-assinados*. Portal TechTudo, publicado em 05/11/2020. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2020/11/changeorg-e-confiavel-entenda-como-funciona-site-para-abaixo-assinados.ghtml>, acesso em: 11/07/2022.

ALVIM, Mariana. *Quem são e o que pensam os brasileiros que acreditam que a Terra é plana*. In: BBC Brasil em São Paulo, 16.09.2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41261724>, acesso em: 26/06/2022

ANDRADE, Hanrikson de. *Bolsonaro compara coronavírus a chuva: "Vai molhar 70% de vocês"*. Portal UOL, publicado em 03/04/2020, às 09h01. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/03/bolsonaro-compara-coronavirus-chuva.htm>, acesso em 10/08/2021.

ANDRADE, Paulo. *Laerte: heroína trans ou homem vestido de mulher?* Publicado em: 29/06/2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/laerte-heroína-trans-ou-homem-vestido-de-mulher/>, acesso em 15.06.2021.

Canal Malditos Cartunistas, Danieisltda. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/Danieisltda/featured>, acesso em 05/05/2020.

Canal REDE TVT, Youtube. *"O Pasquim 50 anos": ironia e humor contra a ditadura militar*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jIMBQax_yRw&ab_channel=RedeTVT, acesso em 15/07/2021;

CNN Brasil. *Bolsonaro volta a chamar medidas contra coronavírus de histeria*. 17/03/2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/03/17/bolsonaro-volta-a-falar-em-histeria-e-diz-que-medidas-contracoronavirus-afetam>, acesso em: 20/06/2021.

CARNEIRO, Raquel. *O que foi a Ku Klux Klan? Grupo racista criminoso ganhou força no século 19 devido a um conjunto de leis segregacionistas nos EUA*. In: Portal da Revista Superinteressante, Publicado em 20/06/2017. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-a-ku-klux-klan/>, acesso em: 29/07/2022.

CARTA CAPITAL, Agência Brasil. *Brasil volta a ter mais de 200 mortes em um dia por coronavírus*. Publicado no portal eletrônico, em 18.04.2020, às 16h19. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/saude/brasil-volta-a-ter-mais-de-200-mortes-em-um-dia-por-coronavirus/>, acesso em: 07.07.2022.

Dicionário Online da ABL – Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/negacionismo>, acesso em: 26.06.2022.

ELER, Guilherme; VERSIGNASSI, Alexandre. *A “ciência” da Terra plana*. Revista Superinteressante, versão online, 23.10.2017. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/a-ciencia-da-terra-plana/>, acesso em: 26/06/2022.

GIOVANAZ, Daniel. *Bolsonaro deveria ser investigado por genocídio? Entenda definição e embate sobre o conceito*. In: Portal de Notícias Brasil de Fato, publicado em 21/10/2021, às 08h14. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/10/21/bolsonaro-deveria-ser-investigado-por-genocidio-entenda-definicao-e-embate-sobre-o-conceito>, acesso em: 10/06/2022.

GOMES, Pedro Henrique; GARCIA, Gustavo. *Presença de Bolsonaro provoca aglomeração em frente ao Palácio do Planalto*. Publicado no Portal G1, em 18/04/2020, às 17h08. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/18/presenca-de-bolsonaro-provoca-aglomeracao-em-frente-ao-palacio-do-planalto.ghtml>, acesso em: 07.07.2022.

GOODWIN, Ricky. *1980-1991 - Lendo o pasquim, do meio para o fim*. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/o-pasquim/historia-o-pasquim/ricky-goodwin/>, acesso em 15/07/2021;

HASSEN, Jonathan. *Invasão de hospitais e seus crimes*. Portal Brasil de Fato, publicado em: 18/06/2020. Disponível em: <https://www.brasildefatomg.com.br/2020/06/18/invasao-de-hospitais-e-seus-crimes>, acesso em: 10/10/2022.

MOTTA, Anaís. *Mandetta, Teich, Pazuello e Queiroga: os 4 ministros da Saúde da pandemia*. Portal UOL, publicado em 15.03.2021, às 22h27, e atualizado em 16/03/2021, às 09h12. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/15/mandetta-teich-pazuello-e-queiroga-os-4-ministros-da-saude-da-pandemia.htm>, acesso em 03.07.2022.

OLIVEIRA, Maria Luiza. *A charge e a sociedade na visão de Renato Aroeira*. Portal de Jornalismo da PUC-SP: Agemt, publicado em 07/04/2021. Disponível em: <https://agemt.pucsp.br/noticias/charge-e-sociedade-na-visao-de-renato-aroeira>, 13.07.2022

OLIVEIRA, Natália; SALLES, Stéfano. *Quem é Sara Winter, ex-ativista do Femen e apoiadora de Bolsonaro presa pela PF*. In: CNN-Brasil, publicado em: 15/06/2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/quem-e-sara-winter-a-ativista-investigada-por-atos-antidemocraticos-em-brasilia/>, acesso em: 10/07/2022.

PORTAL BRASIL DE FATO. *Juristas explicam por que Bolsonaro pode ser chamado de “genocida”; assista projeção*. Publicado em: 13/05/2021, às 08:20. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/05/13/juristas-explicam-por-que-bolsonaro-pode-ser-chamado-de-genocida-assista-projecao>, acesso em: 21/06/2022.

Portal BBC. *Quem é Sara Winter, a ex-feminista e atual militante radical bolsonarista presa pela PF a mando do STF*. Publicado em: 15.06.2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53053329>, acesso em: 10.07.2022.

Portal G1. *Casos de coronavírus no Brasil em 14 de abril*. São Paulo, 14.04.2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/14/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-14-de-abril.ghtml>, acesso em: 26/06/2022.

Portal G1-São Paulo. *Casos de coronavírus e número de mortes no Brasil em 18 de abril*. Publicada em: 18/04/2020, às 07h21. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/18/casos-de-coronavirus-e-numero-de-mortes-no-brasil-em-18-de-abril.ghtml>, acesso em 08/07/2022.

Portal do Itaú Cultural. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa24989/laerte>. Acesso em: 26/06/2021.

Portal FGV, CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/pasquim-o>, acesso em 15/07/2021.

PPGECH – Site do programa. Disponível em: <https://www.ppgech.ufscar.br/pt-br/o-programa/linhas-de-pesquisa>, acesso em: 03/10/2021.

RAMOS, Beatriz Drague. *O que é genocídio — e as formas que assume no Brasil*. Publicado em: 02/04/2021, às 10h04. Disponível em: <https://ponte.org/o-que-e-genocidio-e-as-formas-que-assume-no-brasil/>, acesso em: 21.06.2022.

RAPOPORT, Izabel Duva. *Racismo Escancarado: o início da Ku Klux Klan*. Publicado em: 31/05/2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-ku-klux-o-que-significa-ku-klux-klan-eua.phtml>, acesso em: 29/07/2022.

REIS, Vivian. *Coronavírus: Justiça de SP proíbe missas e cultos*. Portal G1, publicada em 20.03.2020, às 21h48. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/20/coronavirus-justica-de-sp-proibe-missas-e-cultos.ghtml>

Revista Consultor Jurídico. *Gilmar chama de criminoso pedido de Bolsonaro para invadir hospitais*. Publicado em: 1/06/2020. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-jun-14/gilmar-critica-pedido-invasao-hospitais-bolsonaro>, acesso em: 10/10/2022.

SALDANHAS, Viviane Rodrigues Darif. *A Ku klux klan e a instauração do medo nos EUA*. In: *Espaço Graduação*, v. 1, n. 1, fev. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/scplpr/article/view/64769>, acesso em: 29/07/2022.

SEBASTIÃO, Walter. *Malditos cartunistas conta a história de artistas que divertem os brasileiros desde os anos 1960*. Publicado em: 11.11.2012, às 08h49. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/cinema/2012/11/11/noticias-cinema,96917/malditos-cartunistas-counta-a-historia-de-artistas-que-divertem-os-brasileiros-desde-os-anos-1960.shtml>, acesso em 18/07/2021.

URIBE, Gustavo. *Mesmo após 6.513 mortes, Bolsonaro diz que crise do coronavírus 'não é isso tudo que dizem'*. Portal da Folha de São Paulo, publicado em: 16.03.2020, às 10h51. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/mesmo-apos-6513-mortes->

bolsonaro-diz-que-crise-do-coronavirus-nao-e-isso-tudo-que-dizem.shtml, acesso em: 20/06/2021.

URIBE, Gustavo. *Bolsonaro estimula população a invadir hospitais para filmar oferta de leitos*. Portal da Folha de São Paulo, publicado em: 11/06/2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/06/bolsonaro-estimula-populacao-a-invadir-hospitais-para-filmar-oferta-de-leitos.shtml>, acesso em: 10/10/2022.

VENTURA, Deisy; REIS, Rossana. *A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da covid-19 um ataque sem precedentes aos direitos humanos no Brasil*. In: Boletim n. 10 Direitos na pandemia: mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à covid-19 no Brasil, publicado em 20/01/2021, USP/ SÃO PAULO. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2021/01/boletim-direitos-na-pandemia.pdf>, acesso em: 14/07/2022.

ZHU, Weiyan; PRASHAD, Vijay; XIAOJUN, Du. *Como a China quebrou a corrente de transmissão do coronavírus*. Trad. Ítalo Piva. In: Portal Brasil de Fato, publicado em: 16.04.2020. Publicação original em: Independent Media Institute. Edição de Vivian Fernandes. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/16/como-a-china-quebrou-a-corrente-de-transmissao>, acesso em 26/06/2021.

https://www.instagram.com/laertegenial/?utm_medium=copy_link

<https://www.brasil247.com/authors/renato-aroeira>

<https://www.instagram.com/arocartum/>

<https://www.change.org/about?lang=pt-BR>

<https://www.significados.com.br/nazismo/>

<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/culture-in-the-third-reich-disseminating-the-nazi-worldview>

<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/victims-of-the-nazi-era-nazi-racial-ideology>

<https://www.jusbrasil.com.br/>

<https://www.normasabnt.org/abnt-nbr-14724/>

<https://www.normasabnt.org/referencias-bibliograficas/>

<https://www.normasabnt.org/normas-abnt-2022/>

<https://www.politize.com.br/tortura-no-brasil/>

<https://documentosrevelados.com.br/tpos-de-tortura-usados-durante-a-ditadura-civil-militar/>

<https://memoriasdaditadura.org.br/sequencias-didaticas/tortura/>

https://www.youtube.com/watch?v=nReUC4CE47A&ab_channel=OsPingosnosIs

https://www.youtube.com/watch?v=wTEIz5ZKIPg&ab_channel=RedeTVT